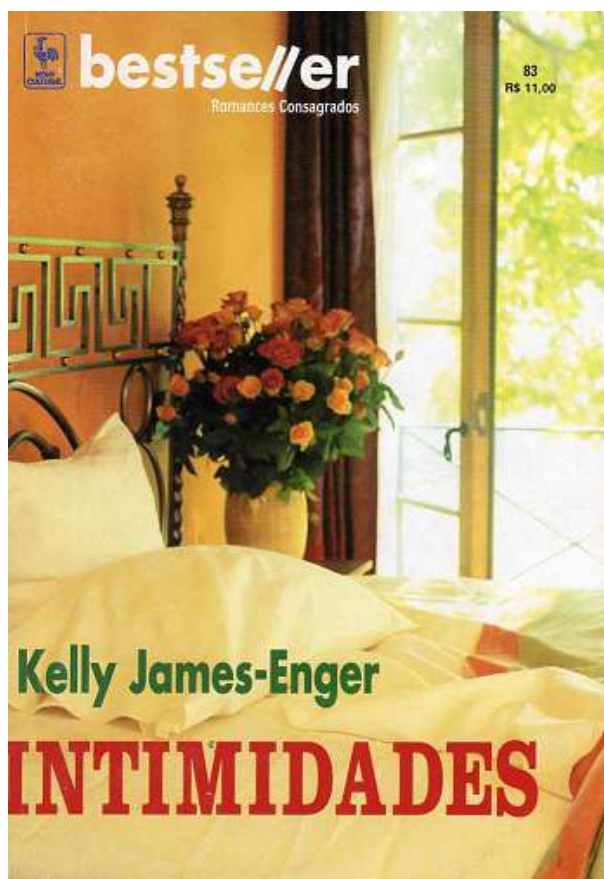


Intimidades

Kelly James-Enger



Nada como uma transformação radical para curar um coração ferido!

Uma desilusão amorosa faz o mundo de Christelle Elder desmoronar. Ela, que sempre foi uma garota exemplar - obediente, estudiosa, honesta e trabalhadora - decide que chegou a hora de reavaliar seus conceitos e remodelar sua vida. Adeus às roupas sóbrias e tradicionais, adeus à cautela, aos dramas de consciência, ao bom senso exagerado! O mundo que se prepare, pois uma nova Christelle está a caminho... Uma Christelle segura de si, independente, liberal, pronta para viver as mais loucas aventuras... Uma Christelle que ninguém, nem mesmo ela própria, esperava conhecer... mas talvez a única e verdadeira Christelle que sempre existiu!

Disponibilização: Rosangela

Digitalização: Joyce

Revisão: Bruna Cardoso



Projeto Revisoras



Kelly James-Enger costuma brincar que "escapou da lei" em 1997. Não, ela não é uma fugitiva... Simplesmente trocou a carreira de advogada pela de escritora, quando seus artigos começaram a ser publicados. Desde então, ela já escreveu artigos e ensaios para mais de 45 revistas norte-americanas. Além de romances, ela também é autora, de livros didáticos de redação e criatividade na arte de escrever. Kelly mora no Estado de Illinois com o marido Erik.

CAPÍTULO I

A RAINHA DE COPAS

Uma boa mulher, ansiosa para ser amada.

Uma calcinha branca cavada, do tipo tanga, mudou minha vida.

É sério. Andava pensando sobre calcinhas, detalhe a que não se dá muita atenção, pelo menos com frequência. Você acorda de manhã, toma banho, enxuga-se e põe a roupa. Apanha a primeira calcinha à mão, depois um sutiã e escolhe o resto do traje.

Você é capaz de me dizer que calcinha está usando agora? Acho que não, exceto se arrumou um novo namorado, se espera conhecer alguém no barzinho da moda ou se está no período menstrual. Esses três casos exigem uma roupa íntima adequada à ocasião.

Na terça-feira de manhã, comecei a pensar sobre calcinhas. Estava no congestionamento normal da avenida Kennedy, mas procurei manter a calma. Afinal, morando no centro e trabalhando no subúrbio, eu seguia no contrafluxo. Poderia ser pior. Ainda assim, o trânsito me deixava louca. Por quase dois anos, fazia esse trajeto.

O fato de ser meados de julho também não ajudava. Se eu ligava o ar-condicionado, o motor do carro fervia. Assim, tinha de baixar a janela, respirando o ar poluído pela fumaça dos escapamentos, de manhã e à tarde, cinco dias por semana.

Comecei a refletir sobre calcinhas porque as associei ao órgão genital feminino. No sábado, por insistência de minha amiga Jane, havíamos assistido a uma peça de êxito mundial: Monólogos da Vagina. Por ser atriz, Jane já tinha visto a montagem de Eve Ensler, aqui em Chicago, alguns anos atrás. Dessa vez, eram três atrizes desconhecidas, mas fomos, e Jane gostou muito. Ela gargalhou do começo ao fim, aplaudindo sem parar.

O espetáculo era bem simples. No palco, sentadas sobre banquinhos, as atrizes mantinham uma conversa informal. Informal em termos, pois discutiam sobre mulheres que davam nomes esquisitos para suas vaginas, o que eles significavam e quais eram os mais sugestivos.

Muitas das colegas que trabalham comigo na Coddled Cook, fabricante de utensílios culinários, ficaram aturdidas pelo fato de eu ter ido ao teatro. Fui bombardeada com perguntas.

— Que tipo de gente estava lá? Havia algum homem? — perguntou Rachell, parecendo especialmente fascinada.

Rachell tinha vinte e quatro anos, portanto apenas quatro mais nova do que eu, mas muitas vezes ela fazia com que me sentisse muito mais velha. Tem cabelos escuros e ondulados, um rosto gracioso e sorri com facilidade. Tudo dá a impressão de surpreendê-la.

Depois de lhe contar que havia sim alguns homens na plateia... não muitos, é verdade, contei só três, e constrangidos... Rachell se mostrou muito espantada.

— Ah, não! — exclamou, arregalando os olhos. — Não consigo entender como um homem tem vontade de ver uma coisa dessas! Nem mesmo gosto de dizer a palavra. —

Baixou a voz: — Vagina...

— Uma das atrizes falou justo sobre isso, ou seja: por que o termo que designa uma parte da anatomia feminina causa tanto incômodo?

Costumo agir assim com Rachell. Diante dela, sinto-me mais inteligente do que na verdade sou.

Ela usava um suéter vermelho, bem folgado, e uma saia preta que cobria os tornozelos. Rachell ainda trajava o figurino do tempo da faculdade, mas isso não importava muito numa empresa como a nossa. A não ser que você fosse gerente e tivesse de se apresentar com trajes mais formais.

Adoro calças pretas. Jane diz que tenho de ousar mais com meu guarda-roupa. Não lhe dou ouvidos. A calça preta combina com tudo, esconde a sujeira e fica bem a qualquer hora.

Rachell e eu ainda falávamos sobre o tema da peça teatral quando Elaine se aproximou. Ingressamos na empresa quase ao mesmo tempo, mas não tenho uma boa relação com ela. Em parte, creio, porque Elaine só fica feliz quando vê outra pessoa infeliz. Todo o mundo conhece alguém assim em seu trabalho, não importa o ramo. Entre as quase quarenta pessoas dos departamentos de marketing, relações públicas e divulgação, ela é a mexeriqueira-mor.

Do tipo nórdico, Elaine tem minha idade, é alta, loira, de olhos azuis e gelados. Também é magra como um caniço, e, sem dúvida alguma, gasta muito tempo e dinheiro com moda e acessórios. Não a vi usar o mesmo traje mais do que duas vezes.

— Bom dia, Christelle. Bom dia, Rachell.

Nós duas sorrimos, respondemos e esperamos. Elaine nunca pára só para dizer "olá". Sempre tem alguma intenção oculta.

— Então, quais são as últimas?

Ela dirigiu o olhar para as portas dos escritórios onde se ocultavam os chefes de departamento. Como ainda não eram nove horas, a maioria deles devia estar abrindo suas pastas e ligando seus computadores, enquanto seguravam grandes copos de café.

— Nada de importante. Por quê? — Eu tinha aprendido a lidar com Elaine.

— Eu tenho uma novidade. Kirk foi demitido ontem. Encontraram muita pornografia no computador dele.

— Sério?! — Rachell arregalou os olhos.

À semelhança de outras empresas, a Coddled Cook tinha regras muito rigorosas em relação ao uso da internet. Mas, assim como em quase todas, a maioria dos funcionários as ignorava.

— Kirk escrevia obscenidades e mandava por e-mail para mulheres que ele conhecia via on-line. Disseram-me que eram coisas bem pesadas.

— Mas ele é casado!

— E também é homem, Rachell querida — Elaine ironizou, sem parar de me observar.

— Como descobriram? — Meu coração disparou.

Eu tinha mandado alguns e-mails não muito castos para Rick, meu namorado, mas nada que pudesse ser qualificado de pornográfico. Lembrei-me de um que enviara

depois de uma noite especialmente tórrida, e senti medo. E se alguém tivesse lido?

— Kirk estava tendo um caso on-line, creio eu, e decidiu terminar a história. A mulher se zangou e encaminhou para Jim todas as mensagens que ele tinha mandado para ela aqui do trabalho. — Elaine meneou a cabeça.

Diretor de recursos humanos, Jim Beckwith era o responsável por contratar e dispensar todos nós.

— Pois é, Kirk já era! — concluiu Elaine.

Parecia um castigo muito duro, mas era a política da Cook. Decidi amenizar todos os próximos e-mails que enviasse para Rick. Não que o atual conteúdo de nossa correspondência...

— Imaginei que se tratasse de uma piada.

— De jeito nenhum. Conheço dois casais de mulheres que usaram o inoculador, e agora são felizes mães de um robusto menino e de uma bela menina. — Bobby respirou fundo. — E se eu escrever algo sobre suas vantagens em relação aos similares da concorrência?

— Isso talvez ponha um ponto final em sua carreira.

— Não brinque. — Bobby passou a falar mais baixo. — Você sabe o horror que está o mercado de trabalho? Um amigo meu perdeu o emprego há três meses, e continua parado. É desolador, Christy.

Bobby costumava me chamar de Christy desde que começou a trabalhar aqui, havia um ano. Eu gostava, pois nunca tinha tido um apelido. No entanto, acho lindo meu nome, Christelle, e parece que todos os demais que me conhecem concordam comigo, pois até mesmo meus pais costumam usá-lo completo.

Bobby e eu nos identificamos quase de imediato. Ele era o único que sabia como eu realmente me sentia quanto ao trabalho na Coddled Cook, e como andava desiludida com minha carreira.

Ao me formar, desconhecia a realidade da profissão. Pelo jeito, tinha fantasiado sobre escrever poesia, usar malha preta de gola olímpica, fumar, beber e exprimir um ar de misteriosa sensualidade. Nessas fantasias, não levava em consideração a questão de como iria me sustentar.

Meu rude despeitar ocorreu logo após a formatura. Vivia na residência de meus pais, no interior do Estado de Illinois, em Champaign, mas dirigi meu olhar para Chicago, a capital.

Levei quase um ano para achar emprego na área editorial: uma revista feminina bem ruinzinha, com escritório no centro da metrópole. Ganhava o "principesco" salário de vinte e três mil dólares por ano, sem benefícios, exceto convênio médico.

Achei um apartamento em LaGrange, pois não tinha meios para viver em um lugar decente de Chicago, e pegava o trem para chegar ao escritório todas as manhãs. Permaneci nessa editora durante quase dois anos, e depois arrumei colocação numa publicação médica, em Oak Brook.

O salário lá era melhor, mas o trabalho, maçante demais. Escrever sobre limitações aos convênios, reembolsos médicos e procedimentos hospitalares sugava quase todas as minhas forças.

Assim, a vaga na Coddled Cook pareceu-me muito boa. A remuneração era decente, e a empresa oferecia benefícios interessantes, até reembolso se o funcionário quisesse fazer cursos de aperfeiçoamento.

Mudei-me para um apartamento em Wrigleyville, que, de acordo com um site de locação de imóveis, distava trinta e sete minutos de meu local de trabalho. Na verdade, mais de uma hora, no mínimo.

Sem ser instigante, a atividade era muito melhor do que escrever sobre assuntos hospitalares todos os dias. Em meu cargo, tornei-me responsável pelas matérias de quatro boletins informativos mensais, assim como por outros projetos editoriais. Agora sou redatora sênior, ao passo que Bobby e Rachell são simplesmente redatores.

Depois que Bobby e eu concordamos que a capacidade de inocular sêmen, típica do mais recente utensílio de cozinha da Coddled Cook, não deveria ser incluída no boletim seguinte, contei-lhe sobre Kirk e seus e-mails obscenos. Gostava de provocar Bobby com esses assuntos, embora, às vezes, ele falasse mais do que eu gostaria de saber.

— Sempre achei que Kirk escondia alguma coisa. Senti que meu radar estava captando algumas vibrações gays dele por mim.

— Ah, Bobby, por favor! Tenha dó!

Bobby é bonito, mas também muito convencido. Acha que todos os homens o desejam. Talvez esteja certo. Sei que a maioria das funcionárias se apaixonou por Bobby quando ele começou a trabalhar aqui. Meu amigo não tem modos afetados ou efeminados, mas seu excesso de vaidade me incomoda. Quantos rapazes você conhece que depilam as sobrancelhas?

— Alguns desses machões sempre negam. Acredite-me.

— Está certo, Bobby...

Despedimo-nos e desligamos. Tentei retomar meu artigo, mas estava entediada.

Consultei meu relógio outra vez: apenas duas e pouco da tarde. Faltavam quase três para o fim do expediente. Tratei de fingir que trabalhava o resto da tarde e liguei para Jane antes de deixar o escritório. Poderia ter usado o celular a caminho de casa, mas não gosto de transgredir a lei falando e dirigindo ao mesmo tempo. Devo ser uma anormalidade, eu sei.

Jane aceitou meu convite, e fiquei feliz por ter companhia. Perto das sete horas, quando ela chegou, já tinha preparado uma salada, uma massa e um pão com alho.

Sou capaz de fazer pratos básicos, mas não tenho alguns dos bizarros produtos da Coddled Cook em minha cozinha. Quanto aos parentes, é uma outra história. Minha irmã mais velha, Jessie, tem quase todos os itens do catálogo, e ofereço descontos para minha mãe em tudo o que ela quiser. Minha irmã mais nova, Melissa, ou Missy, importa-se menos, mas ainda está na faculdade e sobrevive à base de pizzas.

Em seguida ao jantar, Jane procurou suas cartas de taro na bolsa. Ela se interessa por coisas assim. Lê o Ching, leva o horóscopo a sério, acha que há espíritos nos rondando. Rick não gosta dela e disse isso para Jane. Tento manter os dois afastados.

Jane tinha bebido vinho. Seu rosto redondo estava corado, e os cabelos, tingidos

de ruivo neste mês, achavam-se presos para trás com fivelas infantis em forma de borboleta. Ela vestia um suéter curto, com decote em V, que revelava uma fenda expressiva. Nunca achei Jane gorda, seu estilo é muito seguro e sexy para isso, mas não é magra. Costuma dizer que oferece conforto, não velocidade.

— Não tiro sua sorte há séculos, Christelle.

Jane sacou o baralho de um saquinho de veludo preto. As cartas de taro são maiores do que as comuns, e muito mais coloridas. Cada uma apresenta uma pequena cena e um sentido a ela ligado.

Sempre sinto medo de tirar a carta A Morte, que mostra um esqueleto sobre um cavalo, mas Jane diz que essa carta não significa morte, e sim mudança. Tenho de estar com disposição para deixar Jane ler minha sorte. Na maioria das vezes, falta-me vontade de escutar o que ainda vai acontecer, e talvez nunca aconteça. No entanto, naquela noite eu me encontrava bem disposta.

Tornei a encher nossas taças. Jane trouxera uma garrafa de um respeitável vinho francês. Enquanto procura emprego como atriz, ela precisa se manter e, no último mês, trabalhou numa distribuidora de bebidas. Seu patrão a deixou levar para casa algumas amostras grátis, e ela tirava o máximo proveito disso.

Com todo o respeito, embaralhei as lâminas, tentando limpar minha mente.

— Sobre o que devo perguntar? — eu quis saber.

— Qualquer coisa. Concentre-se no que o futuro lhe reserva, se quiser. Ou questione sobre o trabalho. Sobre Rick. — Torceu o nariz. — O que preferir.

Tentei imaginar o porvir. Pensei em Rick. Pensei no pavoroso caminho para casa, todos os dias. Refleti e embaralhei, e voltei a embaralhar.

— Pronto! — Entreguei-lhe o maço.

— Você se sente bem em relação a como as cartas se sentem?

— Como é?!

— Tudo bem. Agora, corte o baralho três vezes com sua mão esquerda.

Sempre esqueço essa parte. Obedeci, ressabiada.

— Ótimo. — Jane começou a deitar as lâminas. — Isto representa você.

Era uma mulher sentada num trono.

— Isto a atravessa.

Uma carta de aparência assustadora, com um demônio enorme. Não parecia nada bom.

Jane continuou abrindo as cartas, explicando cada uma delas, mas não prestei muita atenção. Eu sabia que minha amiga daria explicações detalhadas depois que baixasse todas as dez.

Jane observou o material por mais um ou dois minutos.

— Minha nossa, sua vida vai passar por muitas mudanças! E bem grandes. — Franziu as sobrancelhas e apontou uma das lâminas. — Está vendo? Há alguma coisa acontecendo que você não sabe, e que irá magoá-la. O três de espadas...

Ela meneou a cabeça e me fitou com compaixão.

— Mas você é capaz de usar o máximo da sua capacidade criativa e tirar proveito disso. — Jane ergueu a lâmina que mostrava uma figura masculina usando certo tipo de

ferramenta sobre uma bancada de trabalho. — Também há um novo homem entrando em sua vida. O cavaleiro de espadas. Não sei se ele é bom para você. Vai se sentir muito atraída por ele, Christelle.

Jane, então, segurou O Ermita.

— Esta última é muito interessante. Talvez você tenha de recuar e avaliar o que de fato quer. É possível que não sejam coisas materiais. Ou talvez termine sozinha na vida, Christelle.

— Muito bom, Jane, muito obrigada! — Sorri com ironia. — Bem, o que toda essa leitura significa, afinal?

— Não sei. — Suspirou. — Parece que as cartas estão dizendo para você ficar atenta, não levar as coisas pelo significado visível. O que você quis saber?

— Na verdade, nada. Apenas o que o futuro me reserva.

— Ah, parece que seu futuro... — Ela fez uma pausa dramática e depois abriu um sorriso largo. — ...é uma grande incógnita!

CAPÍTULO II

SETE DE PAUS

O conflito se manifestará na sua vida pessoal e profissional.

Caminhando na direção do bar, senti muita vontade de beber uma taça de vinho.

Era sexta-feira. Aquela tinha sido uma semana dura, e eu estava indo encontrar Rick e alguns de seus colegas de trabalho. Mais tarde, era provável que nós dois fôssemos jantar.

Esperava ser capaz de arrancá-lo do bar depois de uma ou duas cervejas, visto que Rick e os rapazes só sabem conversar sobre provedores, redes, roteadores...

Procurei por alguém conhecido no meio da multidão. Enfim, consegui avistar meu namorado a uma mesa, conversando com uma garota magra, que usava uma blusa muito gasta, com riscas púrpura e calça de cintura baixíssima, no limite do obsceno. Mesmo sentada, ela exibía uma barriga sem dobras. Falava muito e gesticulava sem cessar, enquanto Rick sorria. Isso me despertou a atenção.

— Olá! — exclamei em voz alta, aproximando-me deles.

— Christelle! — Rick me encarou com alguma surpresa. Levantou-se e inclinou-se para me beijar. — O que houve?

— O pesadelo habitual. Muito trânsito, e depois não encontrei lugar para estacionar.

— Estava conversando com Jill sobre os problemas do trabalho. — Rick puxou uma cadeira para mim. — Ela começou na semana passada.

E me apresentou:

— Esta é minha namorada. Christelle.

— Como vai? — Jill estendeu a mão para me cumprimentar.

De perto, pude ver que tinha traços bem delicados. Senti-me uma camponesa, em comparação.

— Então, você é nova na empresa? — Eu tinha certeza de que Rick não havia mencionado aquela colega.

— Sim, estou no suporte técnico.

Suporte técnico? Rick nada tinha a ver com o pessoal do apoio operacional. Pelo que eu sabia, cuidava do setor de hardware.

Nesse instante, Toby, um dos amigos dele, se aproximou.

— Ei, a bela redatora chegou! — Toby trazia duas cervejas e um drinque que parecia ser uma marguerita. Pousou as bebidas no tampo, afastando algumas garrafas vazias para fazer lugar.

— Cadê todo o mundo? — Rick indagou a Toby.

— Foram embora. Milt e Rennie foram aproveitar a noite, e Web voltou para casa, para ver a esposa. — Consultou o relógio. — Também preciso voltar cedo, hoje.

— Digo o mesmo. — Jill esboçou um belo sorriso. Mas ela tomou um gole de sua bebida, não dando sinal algum de que nos deixaria.

Mantivemos, a partir dali, uma conversa banal. Fiquei sabendo que Jill entrara na

empresa de Rick poucos meses depois de se formar. Mostrava-se muito segura para alguém tão nova no emprego.

Após mais ou menos meia hora, consegui tirar Rick dali.

— Você ainda quer jantar? — perguntei-lhe.

— Claro, estou morrendo de fome. — Tirou seu pager do cinto e o observou. — Espere, tenho de enviar uma resposta.

Estava acostumada com isso, portanto, não disse nada. Decidimo-nos por comida mexicana, e depois ele veio para casa comigo. Atirou-se no sofá logo que entramos.

— Que semana! Estou exausto!

Eu também estava, mas senti alguma coisa errada. Sentei-me no sofá perto dele.

— O que está havendo com você?

— Sabe como é, Christelle: trabalho, trabalho e mais trabalho.

Acerquei-me ainda mais e corri meu dedo pelo pescoço dele.

— O que mais está passando por sua cabecinha?

— Por exemplo... — Ele me encarou.

— Por exemplo... — Imittei seu tom de voz e beijei a lateral da garganta.

Rick me deixou beijá-lo por um instante, e em seguida se virou, apossando-se de minha boca num beijo tórrido.

Foi uma daquelas vezes em que fiquei maravilhada com minha sensualidade. É embaraçoso admitir, mas às vezes sou egoísta em relação a meu prazer, sem querer saber se meu parceiro também está ou não sentindo volúpia.

Para mim, um sinal de uma boa relação é quando você pode se perder no sexo e não ficar pensando se seus seios estão caídos, se sua barriga mostra dobrinhas deselegantes ou se a celulite aparece mais quando você está por cima ou por baixo.

Rick e eu acabamos fazendo amor no sofá. Coloquei-me sobre ele, e o que começou como brincadeira transformou-se numa sessão ardente e intensa.

Essa é uma das coisas que gosto em Rick. No cotidiano, ele é gentil e afável, um pouco maçante por causa de seu fascínio por assuntos tecnológicos. Mas torna-se um homem muito diferente depois que tira as roupas e fica excitado. Essa divisão é um dos motivos pelos quais me apaixonei por ele.

— Você me deixa louco. — Rick arfava, deitado no carpete, a meu lado.

— Digo-lhe o mesmo, querido.

Passados alguns minutos, pusemos nossas peças íntimas e nos aninhamos no sofá para ver True Hollywood Story. Em geral, nas noites que passamos juntos, assistimos a esse programa.

Rick e eu nos conhecemos durante o jogo de um time de beisebol. Fui com Jessie e meu cunhado, Ethan, e tropecei em Rick ao procurar meu lugar no estádio. Ele revelou mais tarde que foi de propósito. Fiquei tão envergonhada que lhe ofereci uma cerveja para me desculpar. Acabamos perdendo metade da partida, pois começamos a conversar sobre nossas vidas.

Na saída, ele pediu meu número de telefone. Dei-lhe. Rick não era deslumbrante, mas tinha belos olhos, escuros e expressivos. Gostei muito do jeito como ele me fitou durante nosso diálogo. Pareceu um moço atencioso e cortês.

Ligou-me na terça-feira seguinte, e conversamos por quase duas horas. Foi quando descobri que tínhamos a mesma e estranha fascinação por True Hollywood Story, programa que apresentava ex-celebridades do cinema, quase-celebridades e celebridades caídas em desgraça por causa das drogas, do álcool, do sexo promíscuo ou da crônica falta de previsão na vida.

De roupa, Rick parecia mediano de estatura, mas despido era forte, magro, bem proporcionado e com um belo traseiro. Quando seu namorado é atraente, engraçado e bom de cama, você tem de se dispor a desculpar certas falhas.

Por exemplo, Rick não aprecia nada associado a questões familiares. Até onde sei, o relacionamento com seu pai é problemático. A mãe morreu quando Rick terminava o curso elementar, meses após ter sido diagnosticado um câncer de ovário. Mas ele nunca fala sobre isso.

Quando Rick estava na faculdade, seu pai se mudou para Flórida Keys, e os dois só se falam em raras ocasiões. Ele tem um irmão mais velho, mas tudo o que sei é que esse irmão tem problemas de alcoolismo.

Parecia o momento certo de convidar Rick para o aniversário de meu pai. Minha mãe queria que as três filhas viessem, pois adora essas reuniões, e esperava que Rick me acompanhasse.

No Natal do ano anterior, consegui levá-lo, e Rick encontrou meus pais algumas vezes, quando eles vieram de Champaign. Gostavam dele, e eu imaginava que, se Rick convivesse mais com minha família, perceberia como seria bom passar o resto da vida comigo.

Com minha experiência, compreendi que aquele era o melhor momento de abordá-lo: após o sexo, quando estava relaxado e mais aberto a sugestões. No entanto, fiquei surpresa quando ele concordou sem pestanejar.

— Certeza? — quis confirmar, olhando para ele. — Vo...

— Não é minha primeira escolha, mas... — Respirou fundo, soltando o ar devagar.
— ...estava demais hoje, meu anjo. Acho que estou em dívida com você.

Sem dúvida, uma boa sessão de sexo pode satisfazer os parceiros de muitos modos diferentes.

CAPÍTULO III

A IMPERATRIZ, LÂMINA INVERTIDA

As expectativas talvez se frustrem. Possíveis problemas à frente.

Ao subir os degraus da entrada da casa de meus pais, na companhia de Rick, ouvi o barulho da tevê. Parecia o som de uma corrida de carros.

— Com certeza, esta é a casa de meu pai — comentei com Rick.

Abri a porta.

— Ei, sua filha do meio está aqui! — gritei.

— Olá, querida! — Era minha mãe, que falava da cozinha. — Entrem.

Papai se levantou de sua velha poltrona reclinável. No ano anterior, eles tinham se mudado para aquele imóvel, bem menor que o de nossa infância e juventude, mas mamãe ainda não conseguira convencer meu pai a se livrar daquele mastodonte.

— Feliz aniversário! — Eu o abracei e beijei, agitando um carne de ingressos para o campeonato de beisebol. — Trouxe-lhe um presente.

— Não precisava, filha. Você devia economizar seu dinheiro. — E papai abriu um sorriso radiante. — Olá, Rick.

Meu pai estendeu a mão e o cumprimentou, com um aperto bem forte. Algo ligado a hormônios masculinos, creio.

Deixei Rick falando sobre a lamentável situação do time dos Cubs com papai. Na cozinha, mamãe fatiava cenouras para a salada.

Ela engordara um pouco nos últimos anos, mas ainda conservava a antiga beleza, com poucas rugas no rosto. Jéssica se parecia mais com ela; Melissa, a caçula, mais com papai. Eu tinha as feições do carteiro. Essa é uma antiga piada familiar...

— Christelle!

Minha mãe estendeu os braços. Eu a enlacei. Pude sentir o cheiro de seu perfume francês, que usa em ocasiões especiais.

— Que bom ver você! — Ela ergueu as sobrancelhas. — E Rick também veio!

Trocamos um sorriso cúmplice. Mamãe sabia que eu esperava uma mudança de qualidade em minha relação com Rick, mas guardou sua curiosidade. Mais tarde, após algumas taças de vinho, ela me faria perguntas. Ou melhor, Missy cumpriria esse papel.

Missy é oito anos mais nova que eu, dez mais jovem do que Jessie, e é a boquirrota da família.

Escutei Jessie e Ethan entrando com Melissa. Eles passaram por Bloomington e pegaram Missy na faculdade. Ela já poderia ter se formado, mas mudara três vezes de curso. Agora estudava Psicologia, sociologia ou alguma outra logia qualquer.

Mamãe e eu fomos recebê-las, e abracei minhas irmãs.

— Como está, cunhado? — E deu um empurrãozinho amigável em Ethan, de quem ganhei um beijo.

Em seguida, acompanhei Jéssica à cozinha. Ela se serviu de um vinho rose, tirado da geladeira.

— Que vinho é esse na caixa, papai? — Jessie quis saber, notando as garrafas

estocadas.

— Zinfandel, é claro. Mas do mais caro! — respondeu da sala. — Especial para meu aniversário. Mas nós, homens, vamos continuar na cerveja.

Escutei Ethan e Rick rindo com ele.

De repente me ocorreu a vontade de saber se papai nunca quis ter um menino. Com três meninas e a esposa, não causava surpresa o fato de assistir a programas esportivos o dia todo.

Jessie me serviu uma taça, e sentamo-nos à mesa. Ela trajava um vestido verde de verão, por causa do intenso calor. Abanou-se por um instante e sorveu um longo gole.

— Como conseguiu trazer o Rick aqui?

— Foi depois de uma boa sessão de sexo.

Jessie e eu não costumávamos falar desse assunto, mas de vez em quando tudo bem.

— Não me diga... — Jessie suspirou. — Já nem consigo mais me lembrar do que é isso.

Observei-a, atenta. Seu rosto estava inchado, e os botões do vestido pareciam querer saltar para fora. Achei que minha irmã havia engordado mais de cinco quilos. Nós duas sempre ganhamos peso quando nos sentimos infelizes. Melissa, ao contrário, tem o metabolismo de nosso pai e é magra por natureza.

— Como vão as coisas, Jessie?

Ela tomou mais um gole e reabasteceu o copo.

— Isso responde a sua pergunta?

Jessie e Ethan estavam tentando ter um filho fazia dois anos. Após uma longa tentativa por conta própria, agora especialistas em reprodução e fertilidade vinham cuidando do caso.

— Sinto muito, querida.

Eu tinha aprendido que, se comentasse alguma coisa sobre a gravidez frustrada, despertaria sua hostilidade ou ira. Jessie era a mais briguenta de nós três. Formou-se em direito, com louvor, e trabalhava num grande escritório de advocacia civil.

— Obrigada. — Jessie inclinou a cabeça, e notei que ela chorava.

— Não pretendia aborrecê-la.

— Tudo bem. — Voltou a me encarar, secando os olhos. — Estou passando por um período difícil. Não queria vir aqui hoje, mas você conhece mamãe.

Minha mãe e Missy vieram ter conosco. Missy tinha trocado o short e a camiseta por um gracioso vestido, que sobrava sobre suas pernas finas.

— Vejam o que mamãe me deu! — Fez um rodopio.

— Menina mimada. Muito mimada — afirmou Jessie.

— Deve ser bom ser a caçula.

— Também comprava roupas para vocês quando precisavam, garotas! — Mamãe deu de ombros.

Missy a abraçou, sorrindo para nós duas. Seus cabelos estavam mais curtos. Com aquele novo corte e seus olhos grandes, lembrava Winona Ryder.

— Sou sua preferida, não sou, mamãe? — provocou-nos Missy.

— Amo todas vocês do mesmo modo.

Ela sempre disse isso, mas no íntimo eu sabia que Missy era sua favorita. Ainda hoje, Melissa, aos vinte anos, continuava falando com mamãe todos os dias.

Jéssica era a predileta de papai, que nunca parava de se gabar dela. Apesar disso, amo meus pais e minhas irmãs. Já conheci famílias desajustadas o suficiente para saber o quanto tenho sorte.

Quando nos sentamos para comer o delicioso assado que mamãe preparou, Jessie já estava um pouco embriagada.

— Vamos, Jessie, será bom andarmos um pouco.

Para meu espanto, ela concordou. Caminhamos por alguns minutos.

— Então, de que se trata, Christelle?

— Ah? O quê? Ah, sim. Bem... Há uma garota no trabalho que está tendo um caso... — Emudeci, constrangida.

— Esqueça. Sei que você só queria me tirar da sala. — Tornou a suspirar. — Mas não estou bêbada.

Eu não sabia o que dizer. Já tinha visto Jéssica descontrolada antes, frustrada e furiosa, mas nunca naquele estado de desamparo deprimido. Isso me assustou.

— Sua vida já tomou um rumo inesperado alguma vez, Christelle?

Atravessamos a rua e fomos até o parque onde minha mãe gostava de passear todas as manhãs.

— Não sei. Não sei mesmo.

— Isso acontece quando não se tem um projeto. A realidade simplesmente atropela a gente.

— Nós não temos de programar cada cinco minutos de nossas existências, em minha opinião.

— Se você não estabelece objetivos, não chega a lugar algum. É bem simples.

Jéssica falava como se lesse um roteiro, mais para ela do que para mim.

— Você tem de fixar metas e depois trabalhar para alcançá-las. — De repente, Jessie sacudiu a cabeça com força, e esfregou o rosto. — Droga, droga!

— O que houve?

Minha irmã sem defeitos aparentava sofrer um colapso nervoso ante meus olhos.

— O que há, Jessie?

— Olhe para mim. Escute-me. Estou cheia de tudo! "Estabelecer metas. Trabalhar para alcançá-las." Isso não funciona mais. — Esboçou um sorriso sem graça. — Eis meu grande objetivo, Christelle. Ter uma criança aos trinta anos. Muito simples, não? Que nada!

— Pelo amor de Deus, você ainda é jovem e tem muito tempo!

— Quem disse? Não sabe que a fertilidade feminina chega ao ponto máximo aos vinte e poucos anos e começa a decair logo após isso? Quando você tem trinta e cinco, a chance de engravidar é vinte e cinco por cento menor do que com dez anos menos. E a cada ano que passa fica pior.

— Mas você ainda não tem trinta e cinco anos! Nem completou trinta e um!

— Não importa. Talvez nunca consiga engravidar, sei lá. Tomo remédios. Fazemos sexo nas datas certas, depois fico deitada durante trinta minutos com um travesseiro apoiado nas costas. Não acontece nada. Agora estamos pensando em fazer fertilização in vitro. Ethan quase nunca olha para mim. Por causa dos remédios, estou engordando. Mamãe fica só perguntando quando vai ser avó. Não posso dizer nada no trabalho. Além disso...

Jessie começou a chorar. Eu nem imaginava como agir.

Passado um minuto, ela levantou a cabeça, secou os olhos com a mão e forçou um sorriso.

— Desculpe-me pelo desabafo, Christelle. Estou muito confusa.

— Tudo bem. Para isso é que servem as irmãs menores, não?

— Obrigada. — E me abraçou, um tanto desajeitada, e assim ficamos por instantes. — Talvez devêssemos voltar, não? Deixar papai abrir seus presentes...

— Se você se sente melhor...

Retornamos sem trocar muitas palavras. Quando entramos, os outros cinco estavam sentados na sala.

Ethan olhou para o rosto de Jessie, levantou-se e a seguiu até a cozinha. Acomodados, permanecemos trocando olhares. "O que está acontecendo?", denotava a expressão facial dos meus pais.

Não demorou muito, Ethan e Jessie retornaram à sala como se tudo estivesse normal.

— Sinto muito. Desculpem-me — disse Jessie, para ninguém em particular.

— Ah, querida... — Mamãe ficou de pé, de súbito, e a abraçou.

Jessie não reagiu.

— Prontos para o bolo? Ainda estou com fome. — Missy, como sempre, se mostrava alheia a tudo o que não fosse sua satisfação imediata.

Minha mãe correu à cozinha para trazer o bolo de cenoura, o favorito de meu pai, e sorvete de baunilha. Comemos, e papai abriu seus presentes.

Jessie e Ethan lhe deram um abrigo esportivo. Missy e eu escolhemos um antigo letreiro luminoso de um bar, completo, com água que parecia fluir quando ligado na tomada.

Viria a calhar. Desde que eles se mudaram, papai convertera a garagem em sua toca, suprindo-a com frigobar, televisão, anúncios de cerveja e um alvo para dardos. Na certa, tratava-se de um escape necessário depois de todos aqueles anos de exposição nada branda ao estrógeno, acredito eu.

Fiquei emocionada quando Rick entregou a ele alguns pequenos estojos cilíndricos. Eram Swisher Sweets. Olhei para meu namorado.

— O que foi, Christelle? Lembrei-me de que são os charutos preferidos de Harry.

Apenas sorri. Achei que conhecia Rick, mas ele ainda era capaz de me surpreender.

CAPÍTULO IV

DOIS DE ESPADAS

Uma trégua temporária nas disputas familiares.

Senti alívio quando Rick e eu tomamos o caminho de volta para Chicago. Ethan e Jéssica saíram um pouco antes de nós. Missy passaria a noite na casa de meus pais, e mamãe a levaria de volta para a faculdade na manhã seguinte.

— O que foi toda aquela cena? — quis saber Rick, olhando para mim.

Ele se ofereceu para guiar meu carro e eu concordei. Sempre que posso, evito dirigir. Ficar ao volante na ida e na volta para o trabalho, cinco dias por semana, já é o bastante.

— Com Jessie?

— Sim.

Apresentei-lhe um breve relato sobre a conversa com minha irmã.

— O que aconteceu quando nós saímos? Ethan comentou alguma coisa?

— Não.

Sem surpresa. Escutara sobre homens sensíveis, lera muito sobre eles em revistas. Mas, com exceção de Bobby, não conhecia nenhum que se abrisse e falasse sobre seus sentimentos.

— E quanto a você, Rick? Quer ter filhos? — interpelei-o de chofre.

— Como assim? Agora?

— Não, evidente que não. Mas faz parte de seus planos?

— Acho que sim. Na realidade, nunca pensei a respeito. Essa é a diferença entre homens e mulheres; ao menos, uma delas. Um sujeito pode ter vinte e cinco, trinta ou até trinta e cinco anos, e não sabe se quer ou não criar uma criança. Pergunte a qualquer mulher, de qualquer idade, se ela quer ter filhos, e ela saberá.

Sei que eu quero, mas ainda não me sinto madura. Com minha idade, mamãe já tinha duas meninas. Ao pensar nisso, fico pasma. Tudo bem, Bonnie não trabalhava, mas nas pouquíssimas vezes em que segurei um bebê entrei em pânico.

— Por que quer saber, Christelle?

— Isso tem a ver com Jessie. Ela está tão desesperada para ter um bebê! Fico surpresa por vê-la tão obcecada. Não consigo me enxergar desejando um filho tanto assim.

— Seria bom, mas não por muito tempo.

Notei a ênfase em "muito tempo". Será que Rick não estava dando uma indireta?

Na realidade, não falávamos sobre nosso futuro comum, preferindo viver no presente. No início do namoro, isso não me perturbava, mas agora perguntava-me para onde estávamos indo.

Sabia que nos amávamos, ríamos das mesmas coisas, sentíamos uma forte atração sexual. Rick era boa pessoa, trabalhador, talvez até obsessivo demais quanto a isso, mas não tinha vícios como álcool, jogo ou narcisismo.

Todavia, sou fruto de minha sociedade, de meu tempo. Às vezes, formulo

fantasias sobre casamento. Quatro anos atrás, quando Jessie se casou, experimentei certa perplexidade. Sabia que ela e Ethan se amavam, mas a ideia de assumir um compromisso com uma única pessoa para o resto de meus dias me pareceu uma decisão de alto risco. E se ele mudar de ideia? E se você se transformar? E se um se cansar do outro após alguns anos de convívio?

Talvez por isso eu estivesse querendo balançar minha relação com Rick. Se não fosse para termos um futuro comum, seria melhor terminar logo com a história.

Lembrei-me do caso de Dawn, uma garota que trabalhava no marketing da Coddled Cook. Eu abominava a perspectiva de passar pela mesma situação. Dawn ficou com o mesmo namorado durante oito anos, e viveu com ele nos últimos cinco. Certa noite, ela entrou em casa e o flagrou fazendo as malas. "Preciso de espaço", comunicou a ela.

No momento em que um homem diz que precisa de espaço, o que ele de fato quer transmitir é que tem de ir para a cama com outra mulher, ainda que seja uma garota de programa, e não pretende sentir-se culpado por causa disso.

Dawn passou a vigiar o novo apartamento dele. Descobriu que o ex não só já vivia com outra, como a nova namorada estava grávida dele. E se casou com ela no mês seguinte.

Oito anos de vida ao lado daquele sujeito, e Dawn não tinha nada para mostrar, exceto alguns presentes baratos de Natal e uma crescente desconfiança com relação a seres humanos do sexo oposto.

— Então, isso quer dizer que você pensa em se casar? — A pergunta escapou de minha boca.

— Primeiro você me questiona sobre filhos, e agora sobre casamento. O que isso significa, Christelle?

— Não sei. É essa situação de minha irmã que não me sai da cabeça, e isso me levou a questionar sobre nós.

— Sei.

A entonação de Rick soou evasiva.

— Não o estou pressionando. Juro. — Esbocei meu melhor sorriso. — Também ignoro se quero vir a me casar algum dia. Acho que é assim que você pensa, não?

— O que isso quer dizer? Que o homem deseja se divertir por aí, e a mulher, brincar de casinha?

— Sim. As mulheres querem amor, os homens, sexo. As mulheres usam o sexo para ter amor, os homens usam o amor para ter sexo. Creio que é desse modo que as coisas funcionam.

— Na maioria das vezes, de fato.

— Esqueça. Estou me sentindo um pouco introspectiva. Não mencionei que rever minha família causa um efeito parecido. Depois de encontrar pais e irmãs, sinto-me regredir para o papel de filha do meio: aquela que não recebeu muita atenção e não é a queridinha nem do pai, nem da mãe. No entanto, amo todos eles e sei que sou amada. Nada a ver com a confusa relação entre Rick, seu pai e seu irmão. Ele não costuma comentar de seus familiares, embora, certa noite, eu estivesse no apartamento dele

quando seu pai ligou. Após cinco minutos de conversa, meu namorado saiu, dizendo que ia comprar cerveja. Voltou meia hora depois, e pude jurar que ele tinha chorado. Alergia, justificou-se.

— Alergia? Não sabia que você era alérgico — comentei, na ocasião.

— Meu Deus, será que você precisa saber de tudo?

— Certo. — Fiquei de pé. — Vou para minha casa. Era uma ameaça vazia. Não queria ir embora, sobretudo assim, com as coisas mal resolvidas entre nós. Movi-me em câmera lenta, esperando que Rick me retivesse.

Ele me fitou em silêncio. Pelo visto, meu plano fracassou.

— Estou aqui, para o caso de você resolver falar — disse, pegando minhas chaves.

— E se eu não quiser?

— Só estou tentando ajudar, sabe? — falei com raiva, sem encará-lo.

Ele suspirou e me puxou de encontro ao peito, no sofá.

— Eu sei. Mas não preciso de ajuda, certo?

E assunto encerrado, embora eu tivesse imaginado que Rick se abriria um pouco mais, colocando-me a par do real problema com sua família.

CAPÍTULO V

O CAVALEIRO DAS COPAS, LÂMINA INVERTIDA

Cuidado com fraudes, trapagens ou rivalidades.

Eram três da tarde de sexta-feira. A essa altura, quem se preocupa com o trabalho? Em rodinhas de conversa, as pessoas revelam os projetos para o fim de semana. Se um superior aparece, nós, da raia miúda, voltamos correndo para nossos cubículos, mas pomos nossas cabeças para fora assim que ele desaparece.

— Algum plano festivo para sexta e sábado? — Bobby se inclinou sobre a divisória laminada de meu compartimento.

— A festa de sempre: pôr a roupa de molho, ir ao supermercado, limpar o apartamento...

— Quantos anos você tem? — A seguir, Bobby se pôs a sussurrar: — Isso parece o fim de semana de algumas das matronas que trabalham aqui. Pelo menos, vai se encontrar com seu namorado?

— Não sei. Acho que Rick terá de trabalhar.

Rick havia mencionado tal hipótese na terça-feira. Não seria a primeira vez que isso acontecia. Já estava acostumada. Se tudo corria bem, às vezes eu me juntava a ele, tarde da noite, em seu apartamento, ou ele vinha ao meu.

Escutei Bobby lamentar-se sobre sua vida sentimental. Ele estava saindo com Josh, um homem mais velho, assoberbado por muitos problemas, e bem esquisitos.

— Esquisitos como?

— Nem queira saber. Como Josh viveu só por muitos anos, acha que tudo tem de ser do jeito dele.

— Como assim?

— As pessoas ficam mais rígidas à medida que envelhecem.

— Entendo.

— Você tem de ser capaz de ceder para receber, mas Josh não concorda com isso. "Ou é de meu jeito, ou nada feito".

— Lembra minha irmã.

Bobby passou a observar a foto de nós três, tirada no último Natal.

— Ela é maravilhosa. Não tanto quanto você, lógico.

— Sem essa, amigo. Jessie é a mais bonita de nós três.

— Por favor... Você possui uma formosura inata. Talvez pudesse usar um pouco mais de maquiagem e mudar seus cabelos, então iria acentuar sua beleza. — Muito obrigada. Você de fato sabe fazer um elogio. Isso é como dizer: "Ei, está ótima, benzinho! Garanto que perdeu muitos quilos!".

— O que pretende dizer com isso?

— Falo desses seus elogios que vêm sempre com uma crítica oculta, é isso. É como um bichinho bem felpudo, com uma navalha enfiada nas entranhas.

— Bela imagem! Que tal trabalharmos com ela no próximo boletim? Mas teria de ser uma faca especial, constante do catálogo da Coddled Cook.

- Basta! — Consultei as horas. — Ainda tenho de acabar um texto.
- Bom fim de semana, Christelle. Mas lembre-se: faça algo diferente e divirta-se!

Concluí que Bobby estava certo. Havia algum tempo eu não fazia nada de interessante. E nem tinha de ser algo ousado ou moralmente condenável.

No sábado à noite, sabia que Rick teria de trabalhar até tarde. Contava com a chave do apartamento para ocasiões como essas. Fui para lá por volta das dez, preparei um chá e assisti ao Saturday Night Live. Quando acabou, tirei minha roupa e me deitei na cama dele. Que bela surpresa ele teria!

Acordei com o barulho de vozes na sala. Olhei para o relógio digital; mais de uma da manhã. Com quem Rick estaria?

Ainda semi-adormecida, enrolei-me na manta azul dele e caminhei até a sala. Ali, deparei com Rick e Jill, sua amiguinha do suporte técnico, coladinhos no sofá.

Ele quase desfaleceu ao me ver...

CAPÍTULO VI

TRÊS DE ESPADAS

Tristeza, lágrimas, separação.

Foi um fim de semana doloroso. Posso lembrar-me de cada detalhe. Do olhar atônito de Rick e do rubor que aos poucos foi tomando conta do rostinho delicado de Jill. Do fato de que a blusa dela tinha dois botões abertos e a boca de Rick parecia ter acabado de explorar a pele da região.

Imóvel, senti a náusea começando a revolver meu estômago. Jill foi a primeira de nós três a recuperar a capacidade de verbalização.

— Preciso ir embora — disse ela, pondo-se de pé.

Rick a fitou por um instante. Naquele momento, acho que ele não conseguiria lembrar-se de seu próprio nome, muito menos do dela.

— Ah... Sim. É uma boa ideia — balbuciou.

Jill olhou assustada para mim e depois dirigiu-se apressada para a porta. Talvez estivesse esperando que eu fizesse uma cena. Acho que a desapontei.

A única coisa que consegui imaginar fazer foi voltar para o quarto de Rick e vestir-me. Coloquei a calcinha, as meias, o sutiã e o jeans. Estava com a camiseta sobre a cabeça quando Rick apareceu.

— Christelle... — Ele parou. — Não sei o que dizer. Sinto muito.

— Sente muito? Sente muito pelo quê, exatamente?

Eu estava tranquila, impassível. Graças a Deus, Rick não ia ver o quanto sua atitude me magoara.

— Não torne isso ainda mais difícil para mim.

— Mais difícil para você! — Naquele momento, a raiva superou a mágoa e a náusea. — Por favor, diga-me, estou curiosa: como isso é difícil para você?

— Estou tentando me desculpar. Nunca pretendi...

— O quê? Trazer a garota para seu apartamento? É muito óbvio o que iria acontecer, não? Você teria ido para a cama com ela. — Calcei meus sapatos. Pude sentir as lágrimas irrompendo em meus olhos, mas não queria chorar. Não na frente dele. — Teria transado com ela, Rick!

— Não sei. É bem provável. — Cruzou os braços.

— E quando me contaria? Sou sua namorada, não? — Peguei minha bolsa do chão e parei diante dele. — Ah, não, espere! Acho que usei o tempo verbal errado. Eu era sua namorada. Até esta noite.

Dirigi-me à sala, com o corpo reagindo mais rápido do que minha mente. Rick começou a dizer algo, mas eu já estava saindo.

Fui para casa, encontrei um lugar para estacionar o carro, experimentei fúria e desespero durante a maior parte da noite.

Chorei, esmurrei meu travesseiro, voltei a chorar. Em algum momento, adormeci. Acordei pouco depois das nove, deitada no sofá, com o pescoço dolorido e a boca seca.

O domingo de manhã se arrastou. Rick não ligou. O detalhe maluco é que quase

liguei para ele. Como pôde ter feito aquilo comigo? Desde quando a traição vinha ocorrendo? Será que ele não me amava? Eram questões para as quais eu gostaria de ter respostas. Ou talvez não.

Acabei bebendo uma garrafa inteira do vinho deixado por Jane. Primeira má ideia. Depois, telefonei para Rick. Segunda má ideia.

Meu Deus, odeio-me às vezes! Pelo menos não o encontrei.

Acabei ligando para Jane. Comecei a lhe contar toda a história.

— Não fale mais nada, Christelle. Já estou indo para aí.

Assim que Jane chegou, minhas emoções ficaram mais intensas: chorei, fiquei furiosa, tornei a chorar, desabafei e chorei mais um pouco. Rick e eu nos amávamos. Um fazia o outro rir. Nossa afinidade sexual era fora do comum, a melhor que eu já tinha tido, exceto com Joey.

Conheci Joey em meu primeiro emprego, depois que terminei a faculdade. Ele também trabalhava naquela revista feminina precária. Ficamos amigos. Apaixonei-me, mas Joey estava namorando firme Donna, uma garota deslumbrante, rica e que cursava o segundo ano de Medicina.

Pressentia que nada aconteceria entre nós, além de nos divertirmos com falatórios sobre colegas de trabalho e confidências sobre nossas vidas. Eu ainda tinha a intenção de ser escritora, e Joey compunha músicas e tocava violão.

Três semanas antes de seus exames finais, Donna o deixou. Joey apareceu com olheiras durante uma semana. Naquela sexta-feira, saímos para beber e em seguida ele veio a minha casa. Estávamos no sofá, tomando cerveja, e, em certo momento, ele olhou para mim de um modo... intenso.

— Você é incrível, sabe? — disse, inclinando-se e logo me beijando.

Não resisti. Naquela ocasião, fizemos sexo quatro vezes. Nunca tinha visto um homem capaz de se recuperar com tanta rapidez. De manhã, achei que as coisas seriam desagradáveis, mas não foram.

— Ei! — Ele rolou em minha direção, sorridente. — Vamos tomar café? Estou faminto.

Foi a combinação perfeita entre amizade e sexo. Por três semanas. Até Donna acabar os exames e decidir que queria Joey de volta.

Tal situação, no entanto, durou dois anos. Eu era a amante de plantão nos bastidores. Donna o largava e, após um ou dois dias, Joey aquecia meu leito. Aí, ela o arrebanhava de novo, e voltávamos a ser apenas bons amigos.

Antes de Donna começar sua residência médica, os dois acabaram se casando em Las Vegas. Foi quando decidi a sério procurar um novo emprego. Teria sido muito difícil "sermos apenas bons amigos" e, além disso, eu ansiava por deixar aquele serviço medíocre.

Minha relação com Rick foi muito diferente. Nada de idas e vindas. Ele foi o primeiro namorado que apresentei a minha família.

— Está na natureza dos homens, querida. — Jane encheu outra taça de vinho. — É biológico. Eles estão programados para espalhar sua semente. Isso garante a sobrevivência da espécie.

— Nada a ver! Isso é apenas uma desculpa esfarrapada para que se divirtam à vontade.

— Sim, claro. Não falei que eles não podem evoluir. Alguns homens conseguem. — Jane tragou o cigarro. — Ao menos, na teoria. Porém, na prática, ainda não conheci nenhum tipo evoluído.

— Achava que Rick era um. — Peguei um cigarro de Jane. Acendi-o, traguei e tossi.

— Você não fuma, criatura! — Jane me olhava, surpresa, e ajeitou meus dedos em torno do cilindro branco. — Pelo menos, segure isso direito.

— Obrigada — murmurei.

Fumo quase com a mesma frequência com que como legumes folhosos. Em certos momentos. Quando você está embriagada, flagra seu namorado aos beijos com outra, mais jovem, mais bonita e mais magra do que você, odeia seu emprego e não tem ideia do que fazer da vida, fumar se torna uma opção atraente. Nessas condições, o que me importava se estava me envenenando e abreviando meus dias sobre a terra?

Não decidi se contaria a respeito de minha separação, no ambiente de trabalho. Talvez Bobby e Rachell merecessem saber e expressariam sua solidariedade, mas gente como Elaine logo passaria a espalhar maledicências.

Na segunda-feira, contudo, tive de mergulhar de cabeça numa nova promoção da empresa. Passei o dia escrevendo o artigo que seria usado para apresentar as ofertas a nossas representantes de todo o país.

Na terça de manhã, Bobby reapareceu. Havia faltado na véspera. Ele gasta seus dias de folga tão rápido quanto pode.

— Aqui está o último texto. — Bobby me entregou o material.

— Obrigada.

— O que houve, Christy? Onde está sua alegria de viver? Fiquei em silêncio.

— Ah, não! Sua expressão... Problemas com o namorado, é isso?

Não o encarei, apenas fiz que sim.

— O que houve, Christelle?

— Na verdade, foi sua culpa — tentei gracejar. — Foi você que me disse para fazer algo diferente no fim de semana.

— E aí? A coisa fugiu de seu controle?

Vi Elaine vindo em nossa direção e não queria que ela ouvisse nossa conversa.

— Não quero falar sobre isso aqui. Podemos comer alguma coisa no Jimmy John's?

— A que horas?

— Meio-dia e meia.

E, uma vez lá, contei tudo para Bobby.

— Não diga nada no trabalho, está certo? É muito humilhante.

— Por favor, Christy, admita: foi engraçado. — Bobby limpou a boca com o guardanapo.

— Não foi nada engraçado! Foi horrível!

— Engano seu.

— É, acho que tem razão. — Comecei a rir. — A melhor parte foi a expressão de Rick. Ele não sabia onde se enfiar.

Apertei os lábios, de repente furiosa.

— Mas aquela tal de Jill sabia que eu era namorada dele. Ela me conhecia. O que estava aprontando?!

— E Rick?

— Talvez tenha sido seduzido e foi incapaz de resistir. Bobby fez um ruído evasivo.

— Mas o fato é que Rick não me ligou mais.

Ele ofereceu-me um guardanapo de papel e eu sequei os olhos.

— Isso é o que machuca, Bobby. Se Rick ainda me quisesse, teria ligado. Teria me procurado, pedindo meu perdão.

— Pelo amor de Deus, isso tudo parece um melodrama barato!

— Eu sei. — Assoei o nariz, olhei para Bobby e respirei fundo. — Muito bem, sr. Laguna, ainda o considero responsável por esse pesadelo. O que sugere?

— Para esquecer um homem? É muito fácil, Christy: a melhor solução é encontrar logo outro!

CAPÍTULO VII

O CAVALEIRO DE ESPADAS

Alguém vai passar bem depressa por sua vida.

Duas semanas se passaram e, por fim, decidi que Bobby estava certo. Era hora de ir à luta.

E daí se eu ainda pensava em Rick sem parar? Desde a bebedeira de domingo à tarde, eu não tinha afundado, não ligara para ele, não enviara e-mail, nem tinha passado por seu apartamento na remota esperança de revê-lo. Evitei seus dois bares favoritos e contei para minha mãe e para Jessie que tínhamos terminado. Sabia que mamãe repassaria a notícia para meu pai e Missy.

Minha mãe ficou com a interpretação pasteurizada da história, enquanto Jessie recebeu a versão na íntegra. Exprimiu muita raiva dele, o que me fez sentir-me um pouco melhor.

— Foi bom isso ter acontecido agora, Christelle, antes de você ir morar junto ou se casar com esse cretino.

— O que você faria, Jessie? Quero dizer, se Ethan...

— Está brincando? Eu cortaria fora a principal parte da anatomia dele.

— Meu Deus! Ethan sabe disso?

— Evidente que sim.

Contei a Jessie meu plano de voltar ao mundo dos encontros amorosos, e ela me convidou para um churrasco em sua casa no fim de semana do Dia do Trabalho.

— Mas seus amigos não são todos casados?

— Não todos, Christelle. Alguns colegas de trabalho solteiros também virão.

Aceitei o convite, apesar de saber que deveriam ser advogados, em sua maioria. Eu estava mesmo desesperada. Mas, pelo menos, estaria retornando à ativa, uma expressão que sempre abominei.

Assim, no sábado à tarde, examinei meu guarda-roupa, buscando algo apropriado para vestir. Parecia que ia ser um maravilhoso entardecer de fim de verão.

De início, pensei em usar um vestido curto da Victoria's Secret. Mas acabei optando por uma calça justa azul, uma camiseta listrada e um mocassim branco. Traje atraente, disponível, não desesperado. Assim imaginava.

Também vesti lingerie nova. Jane insistira. Como Bobby, ela achava que o jeito mais rápido de eu sair da depressão era me distrair com um novo homem. E novas lingoeries.

56

Kelly James-Enger

Como parte de seu plano, Jane trouxe um catálogo da Victoria's Secret e sugeriu o que ela queria que eu usasse. Briguei com ela.

— Em primeiro lugar, o sujeito não verá minha roupa íntima, Jane. Além disso, todas essas calcinhas parecem sensuais por causa das modelos. Mas as fotos não são reais! Esses corpos não são reais!

— Não importa. Uma lingerie pode mudar toda sua disposição mental.

Discuti, mas capitulei. Concordei em comprar dois conjuntos combinados de sutiãs e calcinhas, de seda, um cor de creme e outro cor-de-rosa.

O trânsito até a residência de Jessie e Ethan não estava ruim. Baixei a janela e liguei o toca-CD, escutando o último lançamento de Alanis Morissette. Ela cantava 21 Things I Want in a Lover. Não era má ideia fazer uma lista das vinte e uma coisas que se deseja num namorado, mas a lista de Alanis parecia um pouco restrita. Não podia me dar a esse luxo.

Fazia mais de uma hora que eu estava na casa de Jessie e só tinha visto homens ostentando chamativas alianças de ouro na mão esquerda e atraentes mulheres magras na direita. Comecei a me desanimar.

— Espere aí — disse Ethan, alertado por Jessie sobre o motivo oculto de minha presença na reunião. — Alguns de meus colegas do trabalho já vão chegar. — Tomou um gole de cerveja. — Você talvez goste de Derek.

— Ficha completa.

— Vinte e sete anos, formado em advocacia há tempos, agora metido com narcotráfico.

Gargalhei.

— Boa gente. Inteligente também — prosseguiu Ethan.

No entanto, Ethan não revelou que Derek era verticalmente comprometido, ou seja, um homem de muito baixa estatura. Não sou muito alta, mas, com um metro e setenta de altura, quero ser capaz de olhar direto nos olhos de um parceiro, e não de cima para baixo.

Derek se mostrou agradável, e falamos um pouco sobre seu trabalho e mais sobre o meu. Sua irmã mais velha era consultora da Coddled Cook. Ele estava bem informado sobre nossos produtos.

— Você não enoja de escrever sobre isso? Fiz uma careta.

— Desculpe-me. — Derek achou graça.

— Tudo bem. É um bom emprego, com muitos benefícios, mas não sei quanto mais aguentarei escrever sobre os dez motivos pelos quais uma mulher não pode viver sem um vaporizador de óleo vegetal!

— O que é um vaporizador de óleo vegetal?

— Não pergunte.

Enquanto conversávamos, alguns rapazes se reuniram no quintal. Deviam ser colegas de Ethan, pois não se vestiam de modo conservador o suficiente para trabalhar num escritório tão grande quanto o de Jessie.

Um deles olhou para nós, afastou-se do grupo e veio em nossa direção. Tinha mais de um metro e oitenta, cabelos e olhos castanho-escuros, pele morena e um estilo que lembrava António Banderas.

— Fielding — cumprimentou Derek pelo sobrenome.

— Rodriguez! Como vai?

— Nada mal. Nada mal mesmo. — E sorriu para nós.

— Sou Javier Rodriguez — apresentou-se a mim.

— Perdão. — Derek me indicou. — Ela é...

— ...Christelle Elder. A irmã de Jessie — disse eu.

— Mais nova? — Javier quis saber.

— Quase dois anos.

— Notei a semelhança. Nos olhos e na boca. Sem querer, sorri. Ele estava sendo gentil.

— O que você faz, Christelle? Também é advogada?

— Deus me livre! — respondi de modo enfático, surpreendendo-o. — Não leve a mal, por favor.

Que coisa, por que falar mal de advogados numa festa repleta deles?!

— Sou redatora. Escrevo boletins informativos, folhetos, coisas assim.

Cansado de voltar a escutar sobre meu trabalho, Derek olhou para seu copo quase vazio e aproveitou para afastar-se.

— É formada em jornalismo?

— Sou. Mas não consegui colocação em um jornal que me pagasse bem. Trabalhei em algumas revistas, e então acabei na Coddled Cook.

Javier se inclinou sobre a grade da varanda. Começava a esfriar, e a brisa do anoitecer fazia meus cabelos esvoaçar.

— Gosta do que faz?

— Você é a segunda pessoa que me pergunta isso em dez minutos. Minha resposta ensaiada é "sim". Minha resposta mais espontânea é "não". Mas não sei o que faria no lugar disso — conclui, tentando tirar os fios de meu rosto.

Com delicadeza, Javier afastou uma mecha de meus olhos. Vi-o fazer isso em silêncio. O que significava aquele gesto? Era uma intimidade que só se toma com alguém que se conhece há muito tempo, alguém que você ama.

— Quer outra cerveja? — ofereci-lhe, indicando sua garrafa meio vazia.

— Ainda não, Christelle. Mas e você? Gostaria de outra? Deixe, eu vou buscar. Depois, quando voltar, conversaremos sobre o que você de fato gostaria de fazer. — Ele sorriu para mim, virou-se e entrou na casa.

Analisei as costas dele por um instante. Senti aquela vibração, aquela excitação que se tem quando você encontra alguém a quem aprecia à primeira vista.

Respirei fundo e cerrei as pálpebras. Estava pronta para meu próximo homem, afirmei para mim mesma. Talvez Javier fosse essa pessoa.

A ideia me encheu de alegria.

CAPÍTULO VIII

O VALETE DE ESPADAS, LÂMINA INVERTIDA

Uma situação inesperada; acontecimentos imprevistos.

Jessie não costumava ligar para meu local de trabalho. Quando isso ocorria, era sempre por algum motivo especial. Assim, deduzi que algo tinha acontecido quando minha irmã me telefonou naquela quarta-feira.

— Então, você se divertiu?

— Sim, muito! Javier é bárbaro. Por que nunca me falou nada sobre ele, Jessie?

— Quem?

— Javier. O latino. Ele é maravilhoso, tem costas lindas...

— Ah, sei... Que bom! — Sem parar para partilhar meu deslumbramento em relação ao traseiro de Javier, Jessie introduziu o verdadeiro motivo de sua chamada:

— Christelle, preciso falar com você. É algo... muito pessoal.

— Tudo bem. Tenho alguns minutos.

— Não, não pelo telefone — falou, com aspereza. — Desculpe-me, estou sendo rude.

— Tudo bem.

Nada bem, na verdade. Eu estava ficando farta disso. E acredito que Ethan também.

— Vamos jantar em algum lugar? Por minha conta, dessa vez.

— Está certo — afirmei, com frieza.

— Que tal no Nine? — Jessie notou minha falta de entusiasmo.

Fiquei tentada. Tinha ouvido falar sobre o lugar, uma espécie de churrascaria futurista para ricos e famosos. Queria conhecer.

— Você me convenceu.

— Vamos nos encontrar lá, amanhã às sete, está bem?

— Combinado.

Cheguei alguns minutos antes de Jessie, pois o trânsito fluía bem. Minha irmã entrou no restaurante cinco minutos depois, consultando o relógio, e deu-me um abraço ligeiro.

Depois que a garçonete morena nos levou a nossa mesa, Jessie pediu uma vodca, o que me espantou.

— Não sabia que você gostava de vodca. — Bebi um gole do meu vinho.

— Estou nervosa. — Ela deu dois goles e pôs o copo de lado. — Muito bem, vamos direto ao assunto.

— Certo.

— Deixe-me acabar antes de você comentar alguma coisa, está bem? Tenho uma proposta a lhe fazer, mas quero que escute todos os detalhes antes de responder.

— Muito bem. — Não tinha a mínima ideia do que se tratava.

— Você sabe que Ethan e eu fizemos alguns tratamentos de fertilidade, mas nenhum funcionou. — Jessie tomou mais vodca, esvaziando o conteúdo do copo.

A garçonete, que observava nossa mesa a distância, não tardou em trazer uma nova dose.

— Nosso médico agora acha que o problema está em meus óvulos. Eles não têm a qualidade ideal.

— Sei.

— Enfim, podemos tentar a fertilização in vitro. No entanto, as chances de sucesso aumentarão se, em vez de meus óvulos, usarmos os de alguma doadora.

— Que bom, Jessie! Sendo assim, o que você vai fazer agora? Onde vai encontrar uma doadora? — Olhei para ela, e Jessie permaneceu muda. Aos poucos, bem aos poucos, entendi tudo. — Que óvulos você tem em mente?

Ela continuou muda, forçando-me a falar.

— Você... quer... os meus?

— Christelle, seria perfeito, não seria? Somos irmãs, portanto possuímos o mesmo material genético.

— Mas os óvulos são meus! Não quero ter um filho agora.

Na realidade, naquele momento de minha vida, a maior parte de minhas ideias sobre procriação envolviam uma rigorosa prevenção da gravidez.

— Mas não quero todos eles, Christelle. Reconheci o tom advocatício na voz dela.

— Eles só vão colher alguns, o bastante para tentar algumas rodadas de fertilização.

— Colher alguns? Como assim? — Eu estava começando a me sentir uma valiosa vaca reprodutora.

— Ora... "colher" não é a palavra correta — afirmou minha irmã, sempre lembrando a advogada que era. — Devo dizer recuperação. Eles injetam hormônios estimulantes em você, que fazem seu organismo liberar mais folículos, que se transformam em óvulos. Em seguida, esses óvulos são recuperados e fertilizados. Logo após, os óvulos fertilizados são inseridos dentro de meu útero.

— Não sei não, Jessie...

Parecia coisa de ficção científica, embora eu não pudesse ular desconhecimento dos avanços da ciência. Bebi mais vinho.

— Essa colheita ainda não ficou muito clara para mim. Visões de tratores em miniatura passavam por minha imaginação.

— Eu lhe disse: é recuperação, não colheita. — Jessie forçou um sorriso. — Nada complicado. Eles vão sedá-la e recuperar os óvulos. É um procedimento ambulatorial. Ah! Você terá de tomar algumas injeções; são remédios para garantir a produção do maior número possível de óvulos. Mas é apenas por uma ou duas semanas.

— Jessie... — disse, bebendo mais um gole. — ...terei de pensar sobre isso, está bem?

— Mas, Christelle, não é nenhum procedimento do outro mundo. — Jessie tirou o guardanapo do colo, denotando insatisfação. — Sei que há muitas perguntas... Não diga nada agora, está bem? Apenas pense sobre isso e poderemos conversar depois.

— Está certo. Agora, preciso ir ao banheiro. Já volto. No retorno, Jessie mudou de tema e não falou mais de meus óvulos. Mas eu sabia que era apenas questão de

tempo antes de ela me pressionar por uma decisão.

CAPÍTULO IX

DOIS DE COPAS

O começo de um namoro.

Tenho de admitir: sou exigente em relação a corpos masculinos.

Prefiro homens musculosos, embora não muito grandes. Magros, mas não esqueléticos. Um sujeito com quadris largos e coxas grossas me desanima de imediato.

Por sorte, Javier não tinha quadris femininos. Na verdade, seu traseiro era ainda mais belo despido: redondo, firme e muito atraente.

Soube disso porque, já em nosso primeiro encontro, acabamos fazendo amor. Concordo, não foi uma boa ideia. Ignorei a regra dos três encontros: você sai com um homem no mínimo três vezes antes de dormir com ele.

Segui essa teoria à risca durante toda minha vida amorosa.

Bem, exceto com Joey, mas aquilo não foi de fato um relacionamento. Com Rick, consegui sair quatro vezes antes de irmos para a cama. Acho que o modo triste como terminamos nosso namoro confundiu meu pensamento.

— A regra dos três encontros já era — comentou Jane, confundindo-me ainda mais.

Javier podia ter me convidado para ir ao cinema, tomar um café ou jantar fora. Mas o convite foi para um drinque num barzinho íntimo: álcool, fundo musical, pouca luz, corpos colados... Ou seja, um coquetel com todos os ingredientes para uma excursão conjunta ao leito.

No entanto, não me importei. Não conseguia esquecer Rick, e isso tinha de acabar. Estava longe de ser uma obsessão, mas ele se fazia presente no fundo de minha mente. Sempre que consultava meus e-mails, sempre que o telefone tocava, tinha aquela pequena esperança de que fosse Rick. Mas nunca era.

Assim, na terça-feira, Javier e eu nos encontramos no tal barzinho. Por um instante, fiquei curiosa de saber por que ele me chamou para sair num dia útil, e não na sexta ou no sábado. Será que tinha uma namorada? Aí, achei que aquilo era paranóia de minha parte. Afinal, as pessoas também saem de noite em dias da semana.

Em consideração a Jane, vesti minha nova lingerie cor-de-rosa. No bar, sentamos e bebemos três taças de vinho cada um. No apartamento dele, fizemos sexo.

Claro que há outros detalhes, mas quero me concentrar no sexo. No plano puramente físico, foi o melhor que já tive. Quando você vai para a cama com alguém pela primeira vez, existe um certo acanhamento e insegurança. Com Javier, nada disso aconteceu. Foi muito natural.

Ele seguiu as etapas tradicionais. Passamos pelos beijos, pelas carícias em meus seios e em seguida nos respectivos órgãos sexuais. Por fim, veio a penetração. A maneira como Javier se comportou é que me surpreendeu.

Quando entramos no apartamento, fiquei um pouco embaraçada por estar lá, contemplando as reproduções de Salvador Dali penduradas acima de seu sofá.

— Eu já volto, Christelle.

Ele foi até seu quarto e retornou com uma escova de cabelos. Por minha imaginação passaram visões de espancamento, e minha expressão deve ter revelado medo.

— Não, não é nada disso. — Adivinhando, Javier sorriu. — Sente-se aqui. — E bateu no sofá perto dele. — Quero escovar seus cabelos.

— Como é que é?

— Isso mesmo que ouviu.

Tudo bem, talvez seja um fetiche. No entanto, todas as minhas dúvidas se dissiparam no momento em que ele começou a alisar minha cabeleira.

Javier a escovou devagar, com movimentos longos e firmes. Fechei os olhos. Não consegui lembrar a última vez em que alguém tinha feito aquilo em mim. Minha mãe, talvez, quando eu era criança.

— Você tem cabelos lindos.

Inclinei-me sobre ele. Javier continuou alisando minhas madeixas. Meu couro cabeludo começou a formigar. Passados mais ou menos dez minutos, ele pôs a escova de lado e passou a massagear meu crânio.

— Meu Deus, Javier, que delícia! — Desabei sobre ele, sem vergonha alguma.

— Essa é a ideia.

Javier passou então a massagear meu pescoço, pressionando com firmeza a parte superior de meus ombros. Pude sentir a temperatura corporal subir. Enquanto ele afofava meus ombros, apertando de leve meus braços, achatei o corpo contra o dele.

— Posso fazer isso melhor, se você tirar sua blusa.

Eu o obedeci num segundo e voltei para minha posição original.

— Seus dedos são maravilhosos. — O problema era que eu queria que aqueles dedos também explorassem outras partes do minha anatomia.

Como se estivesse lendo o meu pensamento, Javier puxou com cuidado as alças de meu sutiã.

— Também posso tocá-la melhor se você tirar isto. — É novo...

— E muito sexy.

Hesitei por um instante. Sem olhar para ele, desprendi a peça e tirei. Senti os mamilos mais duros do que nunca. No entanto, Javier ignorou meus seios e continuou massageando meu pescoço, meus ombros, meus braços, minhas costas, fazendo-me sentir arrepios.

Após quinze ou vinte minutos de massagem, eu estava quase perdendo a razão. Arfante, sentia-me ligada, aleita, viva.

— Tem uma pele excepcional, Christelle.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei por fim, virando-me para encará-lo.

— Estou fazendo uma massagem em você. Gosta? — Javier ainda não olhava para meus seios. Que espécie de homem era aquele?

— Você notou que é uma massagem top less?

Ele sorriu, então olhou com concentrada atenção para meus seios e voltou a me encarar.

— Percebi. Eles também são lindos.

— Obrigada.

— Posso? — Javier esperou por meu gesto de aprovação para envolver os seios com delicadeza em suas mãos.

Quase gemi de prazer. Cerrei as pálpebras e curvei as costas. Não queria que ele parasse de me tocar.

— O que está fazendo comigo, Javier?

— Apenas uma pequena provocação. Está gostando, não?

— Hum...

Ele deslizou as pontas dos dedos sobre os mamilos, e eu perdi o fôlego.

— Sensíveis... — Javier curvou-se e mordiscou um mamilo.

A sensação foi tão intensa que agarrei a cabeça dele e gemi em alta voz. Minhas entranhas pareciam gritar, exigindo satisfação. Impossível agüentar por mais tempo.

— Não consigo... Não consigo...

— O que você não consegue? — Ele levantou a cabeça.

— Não consigo suportar mais isso. Quero um beijo seu, quero tudo. Por favor!

Lentamente, sem tirar os olhos de meu rosto, Javier me deu um beijo delicado. Eu o agarrei e retribuí com uma volúpia desesperada. Ele achou graça.

— Você gosta de ser provocada, não?

— Não. Sim. Sei lá!

— Quer mais provocação? Ou alguma outra coisa? Javier pegou minha mão e a pousou entre suas pernas, para que eu constatasse por mim mesma o quanto também o excitava.

— Quero outra coisa. E já! — exigi.

CAPÍTULO X

DOIS DE ESPADAS, LÂMINA INVERTIDA

Vida sentimental bem movimentada, às vezes na direção errada.

Quando Javier e eu terminamos de fazer amor, eram quase duas da manhã. Como ele não pediu que eu ficasse, julguei melhor ir embora enquanto estávamos enlevados um com o outro.

Dirigi até em casa numa bruma de felicidade pós-cama que perdurou ao longo do caminho para o trabalho, na manhã seguinte.

— Ah, alguém teve uma grande noite... — foi o comentário de Bobby, que se curvou sobre o painel lateral de meu compartimento.

— Como? Do que está falando? — Eu exibia reações retardadas, além daquele ar indolente que só boas horas de sexo proporcionam.

— Então, ele voltou? Achei mesmo que faria isso. — Bobby tomou um gole de café.

— Não, não foi com Rick.

— Não? Então com quem?

— Aquele advogado que conheci na casa de minha irmã. — Muito bem, garota!

— Bico fechado, hein?

— Só prometo não espalhar a notícia se você me revelar todos os detalhes na hora do almoço. No Tavern.

— Odeio aquele lugar!

O Tavern era um bar pouco iluminado e cheio de fumaça, perto do escritório, mas que servia bons hambúrgueres.

— Pode ser em algum outro local?

— Não, senhora. Tenho vontade de comer lanches bem gordurosos. Além disso, nenhum colega estará lá, e assim poderemos conversar sem reservas.

Enfim, entre refrigerantes, hambúrgueres e batatas fritas com muito ketchup, contei a maior parte da história para Bobby. Omiti apenas alguns pormenores mais íntimos.

— Você tornará a vê-lo?

— Não sei. Javier disse que me ligaria.

Tinha certeza de que Javier voltaria a me procurar. Não se pode fazer tudo o que fizemos, com tanta intensidade, sem que um forte vínculo se estabeleça.

Javier era sexy, charmoso e inteligente. Não conseguia lembrar se também era engraçado...

No fim de semana, Jane soube de meu encontro com Javier. No sábado, nenhuma de nós duas estava com disposição para sair, por isso aceitei o convite dela para ir a sua casa. Assistimos ao filme *Chocolate* em vídeo.

— Minha nossa, esse Johnny Deep é demais! Ele me lembra Javier.

— Sim, o garoto tem algo de sensualidade latina. — Jane apanhou um cigarro. — Mas é baixo, sabe? Todos esses astros, Tom Cruise, Mel Gibson, Sylvester Stallone,

são baixinhos. A câmera os enquadra de modo que pareçam mais altos.

— Quanto eles medem?

— Tom Cruise, menos de um metro e setenta.

— Sério?

— Sério.

— E dizem que Al Pacino tem só um metro e meio. Mas no caso dele ninguém liga.

Quem pode ser mais charmoso que Al Pacino?

Minha mente vagava em outras paragens. Queria saber o que Javier estava fazendo aquela hora.

Ele prometera me ligar, mas, passados quatro dias, não havia recebido nenhum sinal dele. Talvez não quisesse parecer muito afoito. Devia ser isso.

— Odeio os sábados. Não me sinto bem quando não estou representando uma peça. — Jane apagou seu cigarro.

— Eu sei.

A vida de Jane é o palco. Ofereça-lhe um papel, qualquer que seja, e todas suas baterias se recarregam. Essa energia é capaz de fazê-la atravessar horas de festa depois de um espetáculo. Mais tarde, Jane volta para casa e desmorona, mas se recupera logo, para a próxima sessão. É um estilo bem estranho, mas ela gosta.

— Conte para você que Jason me ligou? Disse que estava pensando em mim e sentia minha falta.

— E aí?

— Perguntei-lhe como podia sentir minha falta se continuava saindo com aquela mulherzinha à-toa. Isso o calou.

Fiquei em silêncio. Jane e Jason tinham tido uma relação de idas e vindas nos últimos meses. Ele também é ator. Os dois se conheceram na última produção.

— Os atores são os homens mais vaidosos que existem. Pior do que os modelos. Eles não conseguem ir a lugar algum sem se questionar. O que minha linguagem corporal está dizendo? Que tipo de impressão venho causando? Estou sendo dramático? Qual é minha motivação?

Quando Jane o conheceu, Jason namorava outra atriz da mesma companhia. Depois de uma separação ruidosa, o caminho ficou livre para ele e Jane, mas o namoro não durou muito. Jason logo começou a sair com uma terceira atriz. Agora, telefona para dizer que sente saudade de Jane.

Lembrei-me de Rick e fiz beicinho. Não iria mais chorar por ele. Além disso, contava com Javier para me fazer esquecer-lo.

— Devo ligar, Jane?

— Para qual deles? Se for para Rick, de jeito nenhum. Javier? Por que não? Como ele é?

— Maravilhoso, sexy, com as mãos mais quentes que já conheci. — Suspirei.

— Você já me falou sobre isso. Agora, quero saber qual a personalidade do sujeito.

— Ah... — refleti por alguns instantes. — Ele é bem tranquilo. Não fala muito sobre si mesmo. Fez-me um monte de perguntas. — Guardei uma pausa. — Bem, é

atencioso e sensualíssimo.

— Se é assim, por que não telefona para Javier? Qual o problema?

— Não sei. Sinto-me um pouco esquisita quanto a nosso relacionamento. Sei lá, fui para a cama com ele passadas três horas de conversa, incluindo toda a massagem. É bem provável que ache que sou uma garota de programa.

— Você, uma garota de programa?! — Jane riu. — Duvido muito, minha querida.

— Ei, posso ser uma garota de programa, se quiser. — Exibi meus seios, firmes e redondos. — Está vendo?

— O tamanho dos peitos não tem nada a ver com isso, Christelle. O problema é que você se envolve com os parceiros logo na primeira noite. Uma garota de programa jamais faz isso. Ela se relaciona com qualquer um. Pense nisso. Aborde a situação como uma garota de programa. não se envolva tão rápido com Javier, menina. Você mal o conhece.

— Conheço cada centímetro do corpo dele. E cá entre nós...

— O que não a faz conhecedora do caráter de uma pessoa.

Jane estava errada. Quando você faz amor com um homem, há muita intimidade nesse ato. Quando ele está dentro de você, pode-se sentir uma ligação. Envolve, ao mesmo tempo, sexo, desejo, necessidade e bem-estar. Na terça-feira, eu experimentei tudo isso com Javier.

"Você é muito desejável", ele me dissera, sem esperar resposta alguma.

— Então, vai ou não ligar para ele? — insistiu Jane. Afinal, o sexo fora fenomenal. Talvez pudéssemos nos conhecer melhor na próxima ocasião.

Além disso, eu precisava esquecer Rick. Foi por causa disso que decidi telefonar.

CAPÍTULO XI

SETE DE OUROS

Ansiedade motivada por dinheiro ou carreira.

Quando minha mãe quer alguma coisa, costuma conseguir. A aceitação desse fato por meu pai é um dos motivos pelos quais eles estão casados há trinta e dois anos. Em casa, a única coisa que papai sempre dominou foi o controle remoto.

Na infância, você não pensa a respeito da relação que seus pais vivem entre quatro paredes. Nós os vemos tão-só em termos de como eles se relacionam conosco. Mas, na adolescência, passamos a constatar, chocados, que eles têm vidas independentes da sua e da de seus irmãos ou irmãs.

Até entrar na faculdade, eu nunca ponderara sobre o relacionamento de meus pais como um "casamento estável", um "casamento que deu certo" ou coisas assim. Foi quando conheci companheiras de quarto e namorados que tinham pais divorciados, pais desajustados, pais ausentes ou pais sem miolo algum dentro da caixa craniana.

Comecei a achar os meus muito desinteressantes e lamentei o fato. Eles nunca haviam me batido ou molestado sexualmente, ou confundido minha cabeça. Eram normais, íntegros, estáveis e confiáveis.

Por algum tempo, isso me aborreceu. Mas, à medida que fui ficando mais velha, mais eu os apreciava e mais queria entendê-los.

O que fazia o casamento deles funcionar? Até onde sei, a base de tudo era o bom entendimento, a vontade explícita de serem compreensivos um com o outro. Apesar de brigarem de vez em quando, gostam-se muito.

Mamãe pedia que papai fizesse coisas de que não gostava, como ir para Chicago no fim de semana, ver uma peça, fazer compras e ir a um restaurante. Harry, meu pai, adorava ficar em casa, vendo programas esportivos na televisão e cuidando do jardim. Aí, Bonnie, minha mãe, não insistia.

De qualquer modo, Bonnie desejava um neto, e tinha decidido que eu era o único obstáculo nesse caminho. Ela foi mais sutil do que Jessie quanto ao tema, mas o resultado final revelou-se o mesmo.

— Como vai? Alguma notícia do Rick? — perguntou-me.

Mamãe não sabia dos detalhes sórdidos da história. No entanto, eu não podia dizer que resolvera fazer uma surpresa e fora surpreendida, descobrindo que meu namorado também namorava outra mulher.

— Não, nenhuma.

— Bem, se isso tinha de acontecer, melhor agora do que depois do casamento.

Esse era um dos refrões favoritos de Bonnie. Ela sempre considerava a hipótese de que qualquer namorado meu era um marido em potencial.

Consultei o relógio. O programa True Hollywood Story estava para começar. Fiz menção de me afastar.

— Christelle, mais uma coisa. Você ponderou sobre o pedido de Jessie?

— Refere-se a meus óvulos?

— Sim.

— Mamãe, faz apenas uma semana. Não tive tempo de pensar em nada.

Fiquei pasma por Jessie já ter contado para ela. Talvez acreditasse que por ter pedido ajuda a nossa mãe conseguiria me influenciar.

— Perdão, filha. Não quero me intrometer. Só achei que, se você quiser falar sobre isso, estou pronta a escutá-la. Sei que é uma decisão difícil.

— É difícil sim, mãe. Preciso ponderar muito bem para me decidir, está bem? Sem ninguém me importunando.

— Tudo bem, amor. Desculpe-me. Mas é que eles querem tanto ter um filho...

— Eu sei, mãe.

— Lógico que você sabe. Bem, como eu disse, se quiser falar com alguém sobre isso, estou aqui. Estarei sempre aqui para você.

— Já sei. Decidirei em breve. E você será informada.

A verdade era que eu tinha deixado de lado a questão. Sempre que ela surgia em minha memória, logo eu a censurava. Tudo aquilo parecia absurdo. Por que tinha de ser eu? Por que não Missy, por exemplo?

Não se tratava apenas da parte médica, embora essa fosse bastante temível. Se eu concordasse, e a inseminação artificial desse certo, eles criariam meu filho ou minha filha.

Meu bebê também seria meu sobrinho ou minha sobrinha. Eu gostaria de ter filhos algum dia, pelo menos um. Como explicaria que seu primo ou sua prima eram, na realidade, seu irmão ou sua irmã?

Quanto mais eu pensava nisso, mais complicado me parecia. E o pior era que eu podia sentir a suposição tácita de que eu concordaria. Afinal, Jessie é minha irmã.

Na manhã seguinte, no trabalho, Elaine surpreendeu-me em meu cubículo.

— Bom dia, Christelle! Ah, que bela cor de blusa! Combina muito com você.

Elaine tinha um estilo de falar pelo qual você nunca sabia se ela estava só exagerando no entusiasmo ou sendo sarcástica.

— Obrigada. — No caso, optei pela primeira hipótese.

— Diga, você escutou?

Decerto que não. Bobby havia faltado de novo, e ele era o meu maquinista mais íntimo do trem de mexericos em circulação na empresa.

— Parece que vamos passar por um processo de reestruturação. Ao que tudo indica, os cargos serão reorganizados.

— O quê? Como assim... reorganizados?

— Não sei. — Elaine tentou ponderar. — Mas tenho certeza de que seu emprego está garantido. Você se mantém sempre tão ocupada!

O tom de voz dela sugeria que eu era incapaz de dar conta do serviço.

— Quando isso acontecerá? — Esqueci minha regra a respeito de nunca deixá-la perceber como eu de fato me sentia em relação ao que quer que fosse.

Elaine quase gritou de alegria:

— Imediatamente, segundo os rumores! Haverá uma reunião departamental ainda esta semana.

— Como você sempre fica sabendo dessas coisas?

— Estou sempre atenta, querida. Mantenho meus ouvidos bem abertos. Nunca faz mal saber o que está acontecendo. Você deveria fazer o mesmo. — Consultou as horas.
— Acho melhor deixá-la retomar seus afazeres.

Elaine se afastou, de nariz para cima, muito afetada. Apenas na sexta-feira à tarde foi revelado o teor da "otimização" da empresa. Os departamentos de marketing, relações públicas e divulgação seriam fundidos. Até então, os três trabalhavam com independência. Dali em diante, ficaríamos "sob o mesmo guarda-chuva", explicou Robert Kinney, o vice-presidente interino. Nas seis semanas seguintes, eles fariam entrevistas com cada um de nós, e depois a reestruturação seria anunciada.

— Agradecemos a cooperação de todos vocês durante esse período de transição. Seus cargos e suas responsabilidades talvez mudem um pouco, mas continuarão fazendo parte integral de nossa equipe — afirmou Robert, de braços bem abertos. — Somos, afinal de contas, uma família. Pensem nisso como uma troca de quartos com seu irmão ou irmã.

Robert estava exagerando na metáfora, e seu discurso não oferecia segurança alguma aos funcionários. Pude ver as pessoas trocando olhares de apreensão. Sem surpresa, estávamos todos sentados em grupinhos bem demarcados: os relações-públicas numa extremidade da mesa, a turma do marketing adiante e por fim o grupo da divulgação.

Como em qualquer companhia, cada departamento se considerava o mais sacrificado em termos de trabalho e o mais subestimado.

Éramos leais, em primeiro lugar, a nosso próprio departamento, e só depois à empresa em si. Não conseguia imaginar como iríamos cruzar todas essas fronteiras não escritas, mesmo em nome de uma maior eficiência.

Naquela noite, tentei explicar toda a situação a Jane. Às vezes, ela faz serviços temporários em empresas, mas nunca permaneceu num emprego o suficiente para sentir a angústia e ansiedade que afetam até o mais dedicado empregado.

Com certeza, esse meu emprego era melhor do que o anterior, no qual escrevia matérias sobre o "maravilhoso" mundo dos regulamentos hospitalares. Mas, após dois anos, já não suportava mais redigir artigos sobre "revolucionários" utensílios de cozinha. Não havia muito espaço para a criatividade.

No entanto, o que eu iria fazer? Uma multidão de redatores muito qualificados, cultos, versados, de raciocínio rápido inundava o mercado profissional todos os anos. Ademais, os recém-formados se dispunham a trabalhar por salários mais baixos. Eu ganhava acima de trinta mil dólares por ano, o que não era mau para uma redatora.

Na faculdade, gostava de ler e escrever. Sonhava em ser uma escritora. Era muito simples. E não era.

Escrever é uma dessas habilidades que ninguém valoriza, porque bem ou mal todo mundo escreve. Não é como ser um advogado, um médico, um neurocirurgião ou mesmo um mecânico. Todos escrevem cartas, e-mails, cartões natalinos, listas de compra.

Depois que me formei, quando consegui meu primeiro emprego, comecei a

escrever um romance. Na faculdade, aprendi as técnicas literárias que considerava necessárias. Era só uma questão de aplicá-las. Assim eu acreditava.

Durante meses, me esforcei por elaborar um livro que descrevia a vida sem sentido de uma garota de vinte e poucos anos. Foi quando conheci Joey e perdi o embalo para minha obra literária, nos dois anos que se seguiram.

Tentei retomá-la assim que deixei aquela revista e meu caso com Joey terminou, mas não gostei do que produzira. Nem sei onde escondi aquele rascunho.

Além do mais, acho que não tenho mais motivação para escrever um romance. Depois de um dia sentada na frente do computador, jorrando textos promocionais, condensando títulos e usando uma parafernália de adjetivos positivos para descrever a última novidade em artigos culinários, sinto um vazio completo dentro do cérebro. Ainda consigo ler, e gosto, mas escrever o romance americano do século está fora de cogitação.

De qualquer modo, eu não era uma escritora de verdade, ao contrário de Renée. Ela e eu tínhamos partilhado o mesmo sonho de nos tornar escritoras.

Conhecemo-nos no segundo ano da faculdade, num curso de redação criativa, e fiquei impressionada com a coragem dela. Renée produziu um conto que incluía uma descrição minuciosa e imagética a respeito de como agradar um homem com a boca. Ela leu a história em voz alta, sem hesitação nem embaraço. Depois disso, toda a classe passou a reverenciá-la, sobretudo os rapazes.

Senti-me uma felizarda quando fui procurá-la no centro acadêmico e Renée me pediu um dólar para o café. Logo estávamos dividindo leituras e conversando sobre escritores.

Julgava-me muito radical e arrojada por gostar, por exemplo, de Margaret Atwood, mas minha nova amiga me apresentou autores de que eu nunca ouvira falar, como Tom Robbins e Charles Bukowski.

Renée nunca tinha medo de se expressar em seus textos, e foi isso o que nos separou. Quando eu falava de me mudar para a Costa Oeste, a fim de trabalhar como garçonne e escrever prosa e poesia, sempre pensava: "Como vou pagar minhas contas?".

Renée jamais se desviou de sua meta por causa de questões vulgares como essas. Agora, mora em Manhattan. Transferiu-se para lá com a cara e a coragem, logo em seguida à formatura. Viveu na Associação Cristã de Moças, encontrou emprego numa pequena revista feminina e, sem demora, tornou-se editora de uma grande revista de exercícios físicos e bem-estar. Enfim, Renée não só vencera na cena editorial como já tinha publicado um romance aclamado pela crítica.

E eu? Continuava criando textos sobre escorredores de macarrão e inoculadores de gordura, santo Deus! Tudo bem, conseguira trabalhar em minha área, a de redação, mas na periferia, não num centro cultural como Nova York. A reflexão me deprimiu.

— Não sei o que fazer — comentei com Jane. — Creio que é hora de atualizar meu currículo.

— De que modo fará isso?

— Esse é o problema. Não tenho a menor ideia.

CAPÍTULO XII

A TEMPERANÇA, LÂMINA INVERTIDA

Possível perda do autocontrole.

Quando Javier me ligou, fiquei um tanto surpresa. Ele não tinha dado retorno à mensagem que eu deixara em sua secretária eletrônica. Desde nosso primeiro encontro, duas semanas haviam se passado. Já não esperava mais ter notícias dele.

— Como vai, Christelle?

— Bem.

— Sobre o que está escrevendo esta semana? Um novo e emocionante espremedor de batata?

— Não, isso foi na semana passada. — E frisei bem "semana passada".

Julgava indelicado da parte dele esperar quinze dias para me telefonar, após uma noite de intimidades.

— Quase fiquei louco por aqui — disse ele, talvez percebendo meus sentimentos.

— Nos últimos dez dias, tive audiências no fórum todas as manhãs.

— Ah, então esteve muito ocupado...

— Muito. Mas não o suficiente para deixar de pensar em você. — Baixou a entonação. — E você?

— Pensei só um pouquinho. — Contorci-me na cadeira.

— Só? É tudo?

Não era, mas eu não iria me denunciar. Ele achou graça.

— Você não gosta de se expor muito, não é? Talvez devesse ser advogada.

— Não sei. Tenho em mim um componente de honestidade que talvez prejudique minhas possibilidades nesse campo.

Pura provocação. Eu me lembrava daqueles olhos escuros, da pele morena, de seus dedos e sua boca.

— Tem planos para esta noite?

— Rapaz, você não acredita em planejamento a longo prazo, certo?

— Declaro-me culpado. Gosto de manter minhas opções em aberto até saber como me sinto.

Foi assim que combinamos de nos encontrar para jantar. Sugeri o Café Luciano, onde poderíamos comer pizza em mesa na calçada. Mas a proposta dele foi o Loop. Perto do escritório dele, disse Javier. E de seu apartamento, sem dúvida.

Às oito e quarenta e cinco, depois de jantarmos no Loop, estávamos outra vez no recanto de Javier. Eu usava minha calça escura padrão, um top listrado e escarpim preto.

— Tire a blusa — instruiu Javier, sentado no sofá.

— Como?

— Não me escutou? Estou querendo ver você.

— E você, o que vai tirar? — indaguei, sentindo-me ridícula.

— Nós dois tiraremos. Mas você primeiro.

Desvesti o top pela cabeça. O estado de meu velho sutiã branco me envergonhou mais do que o fato de estar ali sem blusa.

— Agora, a calça.

Olhei para ele. Calado, Javier parecia calmo, sério e no controle.

Fiz o que me pediu, descalçando os sapatos e removendo as meias. Javier, então, me fitou. Eu começava a sentir uma mistura de ansiedade, desconforto e excitação.

Javier mudou de posição. Curvou as costas e estendeu as pernas, deixando-me ver a plenitude de sua masculinidade sob a roupa. Passei a respirar num ritmo mais acelerado, e parei de me preocupar com minha barriga. Nunca consegui ter um abdome liso e firme.

Queria saber o que ele me pediria em seguida.

— Tire o sutiã. Bem devagar.

Soltei aquele sutiã horrível. Meus mamilos logo ficaram rígidos.

— Agora, a calcinha.

Minha calcinha não era muito melhor que meu sutiã. Tratava-se de uma tanga de algodão, com pequenos corações cor-de-rosa estampados. Eu a despi, aflita.

— Ajoelhe-se, Christelle.

— O quê?

— Você me ouviu, não? — Ele abriu o zíper, sorrindo de um modo diabólico.

— Ah, não! — Não iria me ajoelhar por homem algum. Aquele jogo, ou o que quer que fosse, começara como uma experiência nova e interessante. Mas começava a parecer um jogo rasteiro e humilhante.

— Isso já foi longe demais. — Apanhei minha calcinha. — Eu vou embora.

— Christelle!

Julguei mais seguro não olhar para Javier.

— Christelle! — Ele se levantou do sofá e veio em minha direção.

Eu tentava prender o sutiã, e Javier fez menção de pôr as mãos sobre meus braços, mas eu o repeli.

— Por favor, olhe para mim. Olhei.

— Ficou zangada? Desculpe-me. Só estava brincando. Parece que passei dos limites.

— O que isso significa? — Cruzei os braços diante do peito.

— Sexo é como uma brincadeira de adultos. Sempre há regras a seguir, quer implícitas, quer explícitas. Às vezes, você só descobre as normas quando quebra uma delas.

Não teci comentário, mas deixei que Javier me rebocasse até o sofá.

— Sente-se, sim? Não quero que se vá.

Deixei que Javier me tocasse e beijasse, mas não fui capaz de sentir o mesmo prazer de antes. Fechava os olhos, e quem me vinha à mente? Rick. De imediato, forçava-me a afastá-lo da lembrança.

A ideia, afinal de contas, era me curar dele.

CAPÍTULO XIII

SEIS DE COPAS

Pode significar memórias e relembrar o passado.

Fazia cinco semanas desde que eu planejara surpreender Rick em seu apartamento e conseguira. Depois disso, não tive notícia alguma dele.

Quando na faculdade, li sobre as cinco etapas da dor: negação, raiva, ajustamento, depressão e aceitação. Tinha passado pela etapa da negação e agora estava na da raiva.

O problema era que sentia muita saudade de Rick. Ainda assistia a True Hollywood Story, mas não era a mesma coisa. Havia me acostumado a ver o programa com ele.

Essa é a parte mais difícil de uma separação. Quando você se relaciona por algum tempo com alguém, habitua-se àquela pessoa e acaba caindo numa rotina agradável.

Rick sabia mais a meu respeito do que qualquer outro alguém, exceto Jane e Jéssica. E vice-versa, eu acreditava. No entanto, era evidente que deixei escapar alguma coisa. Como pude ser tão ingênua? Tão idiota? Tão cega?!

O problema é que Javier não estava ajudando em nada. Meu plano de cura por meio do sexo mostrava-se um retumbante fracasso. Os instantes com ele eram ótimos, mas estar na cama com Javier me fazia sofrer ainda mais falta de Rick.

— Você merece coisa melhor do que ele, Christelle.

— Precisa esquecê-lo — Jane reforçou o que Jessie tinha dito. — Falar sobre Rick sem cessar só irá piorar a situação.

Sabia que Jane estava certa. Necessitava me concentrar em outras demandas da vida e esquecer Rick.

Assim, preparei uma lista relacionando alguns de seus pontos negativos. Por exemplo, sua relação obsessiva com o pager, seus silêncios após um dia ruim no trabalho, sua recusa em me acompanhar às festas. Consultava esse rol sempre que me sentia frágil ou solitária. A repetição é uma ferramenta poderosa, que funciona. Por certo, levaria meu coração da etapa da negação para a da aceitação em poucos meses.

E foi quando o vi.

Jane e eu estávamos no Hungry Brain. O lugar é um desses bares com sofás, mesas e cadeiras de aparência envelhecida: uma decoração que tenta dissimular o caráter efêmero da moda, mas não consegue. Ponto de encontro de artistas e intelectuais. De vez em quando, Jane o frequenta para encontrar gente da classe teatral.

Ela trouxe uma taça de vinho para mim e uma marguerita para si mesma. Estávamos ali fazia menos de uma hora, e o bar logo ficou quase cheio. A fumaça dos cigarros, e parecia que todos ali fumavam, incomodava meus olhos.

— Já volto. — Fui ao banheiro.

Quando vinha voltando para minha mesa, avistei Rick junto com ela.

Misericórdia! Quantos milhares de bares existem em Chicago?! Ele tinha de

escolher logo o Hungry Brain?!

Assim que o vi, senti um aperto no coração. Ao mesmo tempo, fiquei emocionada e nauseada. Rick ocupava uma mesa nos fundos, e pedia bebidas. Reconheci Renni, seu colega de trabalho, logo ao lado.

E Jill, grudada em Rick.

Passei mais ou menos perto dele, com a cabeça erguida, o olhar fixo à frente, esperando que Rick não me visse. Óbvio que me viu. De soslaio, percebi sua cabeça mover-se e o corpo girar em minha direção. Jill fez um comentário e puxou o braço dele.

— Vamos embora daqui, Jane. — O quê? Por quê?

Sentei-me na ponta da cadeira e fiz um gesto indicativo, bem discreto.

— Está vendo, Jane?

Ela semicerrou os olhos e demonstrou ter reconhecido Rick.

— Nós não sairemos do bar.

— Como, Jane? Não posso ficar aqui!

— Escute. Chegamos primeiro e iremos ficar. Ele que vá — Jane falou devagar, destacando cada palavra.

— Por quê? — Exibi um esgar e tomei um gole de vinho.

— Porque, se sairmos, Rick saberá que é por causa dele. Por que dar-lhe essa satisfação? — Jane tirou um cigarro.

— Viver bem é a melhor vingança.

— E isso quer dizer o quê?

— Isto: fique fria. Ignore-o. Se Rick for um homem de verdade, virá aqui, a nossa mesa. Caso contrário, saberemos que é um idiota.

Endireitei-me no assento e tentei parecer tranquila, serena, equilibrada. Com decisão, ignorei Rick e todo o quadrante do estabelecimento onde ele estava. Esgotei meu vinho, e Jane me trouxe outra taça.

Nunca mais tornaria a me apaixonar. Faria sexo com Javier quando precisasse disso. Teria um objeto sexual em vez de um namorado. Psicologicamente, eu me tornaria um homem.

Cheguei muito perto de esquecer Rick. Em menos de um segundo, porém, fui catapultada de novo para a etapa de depressão.

Se ele ao menos tivesse se aproximado e conversado comigo, talvez as coisas resultassem melhores. Talvez tudo tivesse sido um imenso mal-entendido. Foi necessário que eu me agarrasse nos braços de minha cadeira para não me erguer e ir até onde ele permanecia.

Odiava-me por ainda desejá-lo. E por me sentir daquele modo. Droga, tinha regredido à fase da raiva!

Fiquei ali, apertando minha taça, com o estômago revirado, até vislumbrar Rick e Jill partindo. Sem falar comigo.

Senti-me aliviada, furiosa e inconsolável, tudo ao mesmo tempo.

A existência seria bem mais fácil se houvesse um interruptor do amor. O namoro ia bem? Ótimo. "Mas deixe o interruptor ligado. Logo que começar a ficar maçante ou

desconfortável, desligue-o. Nada de sofrimento, de desapontamento ou de cinco etapas. Mais adiante, quando você conhecer um novo parceiro, religue o interruptor. Esqueça as complicações emocionais."

Amor, luxúria, necessidade, desejo, atração sexual: tudo isso se reduziria a uma única e simples questão: seu interruptor está ligado ou desligado?

Meditei sobre essa teoria. Talvez eu tivesse de praticar ioga ou adotar uma abordagem mais zen em relação à vida.

E pensei sobre isso dentro da Coddled Cook, quando deveria estar editando o texto de Bobby. Ele apareceu para ver por que eu demorava tanto, e expliquei-lhe minha ideia sobre o interruptor do amor.

— Deixará a vida mais fácil, sem dúvida, Christy. Mas você não é capaz de conhecer a verdadeira felicidade se não conhecer o sofrimento profundo.

As pessoas só dizem bobagens desse tipo quando estão junto de outra pessoa, vivendo uma paixão. É fácil falar sobre "sofrimento profundo" quando não se está sofrendo.

— Isso é uma tolice, Bobby. Seria mais fácil se você apenas se apaixonasse e continuasse apaixonado porque quer. Porque tomou uma decisão consciente, entende? Depois, se seu namorado se revelar um boçal, basta desligar o interruptor.

— Nada mais. Nada de dor, nada de aflição, nada de querer descobrir o que está errado com você, onde errou e como pode consertar.

— Quando você o viu?

— O quê? — Franzi o cenho. — Sábado. No Hungry Brain. Pensei que tivesse acabado, mesmo!

— Mas quanto tempo faz? Um mês? Ainda é muito cedo, querida.

— Eu sei. Mas Rick ainda parece ser tão especial...

— É sempre assim. Espere um pouco. Você vai saber que acabou quando puder vê-lo e dizer: "Esse era o sujeito a quem eu fiquei tão ligada?" Acontecerá, acredite em mim.

— Se você diz... — Olhei-o com mais atenção. Bobby aparentava cansaço. — E você, como vai? Parece abatido.

— Estou. Dormi tarde de novo.

— Nem vou perguntar...

— Não é o que está pensando, benzinho. — Observou ao redor. — Não conte nada para ninguém, ouviu? Mas estou escrevendo um roteiro.

— Que bom! Desde quando?

— Faz alguns meses. É sobre um escritório de advogados gays.

— Bobby, que interessante! Falta muito?

— Terminei o primeiro rascunho. Agora, estou revisando. — Fitou o infinito. — Não sei... É bem provável que eu nunca consiga vendê-lo.

— Ora! Tenho certeza de que é ótimo.

Bobby abriu um sorriso largo, com a autoconfiança recuperada.

— Concordo, é ótimo mesmo. Só estava procurando ser modesto.

— O que não tem nada a ver com você, não é mesmo?

— A modéstia é superestimada, Christelle.

Bobby apontou as roupas que eu estava usando, um suéter listrado cinzento e calça preta de sarja. Com destreza, mudou de assunto:

— Sabe, desde que trabalho aqui, acho que só vi você de calça preta.

— Não é verdade. Tenho algumas de outras cores.

— Sério? — Denotou ceticismo. — Diga, já viu meu texto?

— Sim, e o editei. Pegue. Desculpe-me pela demora. — Passei-lhe o disquete recém-gravado.

Talvez Bobby estivesse certo. Ou quem sabe fosse minha tensão pré-menstrual, ou o baixo nível de açúcar no sangue, ou a posição dos planetas, mas, naquela semana, quando fui ao salão de beleza, dei carta branca para a cabeleireira. Só estivera ali algumas vezes, sempre insistindo no mesmo corte.

— Não muito curto, mas quero mudar o visual. Enquanto a profissional cortava, fechei os olhos, evitando

ver as mechas caindo em meu colo. Hesitei, mas fiz comentários.

Quando ela terminou, mirei o espelho e fiquei pasma. A maior parte de meus cabelos tinha desaparecido. Em seu lugar, uma confusão aleatória de espiguinhas e cachinhos que pareciam muito leves. Perdi a fala. Consegui não chorar até entrar no carro.

Sentia-me deselegante e desprotegida com o novo penteado.

Na manhã seguinte, ao caminhar do estacionamento para o escritório, pude experimentar o sol aquecendo minha nuca pela primeira vez em anos. Passei o resto do dia fingindo amar minha nova e radical aparência.

— Ah, nossa! Que boa ideia!

— Bem curtinho. Ótimo para o verão.

— Maravilhoso!

Sabia que estavam todos mentindo. Bastou a expressão de Elaine para saber que eu havia cometido uma tremenda tolice, mas agora era tarde demais para reparar a falha.

— Que corte lindo! — Elaine sorriu. — Lembra-me a fadinha que eu tinha, quando criança.

Em outros termos, eu parecia infantil e antiquada. Ou talvez Elaine não quisesse dizer isso. Vai ver era apenas paranóia de minha parte.

Esse era meu problema. Sempre ficava perturbada com o que Jane chamava de segundo nível do discurso, o sub-texto. Sendo atriz, ela era uma estudiosa obsessiva da linguagem corporal, da inflexão vocal e dos gestos e tiques de que a maioria das pessoas não se dá conta.

Julgava eu que essa conduta beirava o absurdo, no entanto Jane seria capaz de se dar bem numa empresa como a Coddled Cook. Se você conhece os motivos ocultos de uma pessoa pode agir de acordo.

Em todo discurso, há o texto e o subtexto, o que é dito e o que não é. Em certas ocasiões, Jane e eu praticávamos nossa percepção em bares e restaurantes.

— Muito bem. Naquele casal, quem gosta mais de quem? — Jane apontou dois

jovens sentados a duas mesas de nós, no Cousin.

Ela, toda certinha. Ele, todo desganhado.

— Não sei... Dão a impressão de não formar um casal.

— Primeiro encontro?

— De jeito nenhum, Jane. O rapaz não usaria uma camiseta tão medonha.

— Sei. Veja agora.

O moço disse algo para a garota, que sorriu. Ele se inclinou, aproximando-se mais dela. Empunhou seu copo e deu um gole.

— Viu? — Jane arqueou uma sobrancelha. — O garoto pôs o copo dele de lado. Não quer nenhum obstáculo entre eles. Veja como está se aproximando dela. Tentativa de aproximação tanto física quanto emocional.

— Quem sabe?

Enquanto falava, a mocinha tocou o braço dele.

— Ah, agora ela é quem está entrando em contato com o parceiro! E tem mais: veja como a garota balança o cabelo. Isso se chama comportamento envaidecido. Significa: "Repare em mim".

Parecia estar funcionando. O rapaz não tirava os olhos dela.

Tinha de admitir que Jane era uma boa decifradora de pessoas, mas ler linguagem corporal em bares era mais fácil do que no trabalho.

No escritório eu não via muito do tal comportamento envaidecido. Contudo, passei a esmiuçar melhor os tiques e os hábitos inconscientes dos outros.

Por exemplo, o modo como Bobby mudava de lugar os pinos de prender papéis na parede de meu cubículo. Ou a maneira pela qual Rachell enrolava os cabelos com a mão esquerda. Ou mesmo como Elaine fungava de maneira irritante.

Porém, a percepção disso tudo era apenas metade do jogo. A parte complicada consistia em descobrir o que eles significavam.

Decidi testar minha nova aptidão na casa de Jessie. No fim de semana, meus pais viriam para Chicago e nós teríamos uma reunião familiar. Só não sabia se Melissa iria aparecer.

Quis convidar Javier, mas nós apenas nos encontrávamos para conversar e fazer sexo. Apresentá-lo aos parentes me parecia um exagero. Apesar de gostar dele, não estava muito interessada.

No sábado, todos se achavam no quintal quando cheguei. Meu pai e Ethan praticavam minigolfe no gramado. Mamãe e Jessie sentaram-se à mesa de vidro, na varanda.

— Olá, mãe! Olá, Jessie!

Eu as abracei e acenei para papai e meu cunhado.

— Seus cabelos! Estão... curtos! — disse minha mãe.

— Estava enjoada de minha aparência.

— Eu gosto — afirmou Jessie. — De quem foi a sugestão?

— Decisão minha, claro. Queria algo diferente. É muito difícil de acreditar?

— Calma! — Jessie ergueu as mãos. — Só estou provocando você. Ficou muito bom. De verdade.

— Obrigada.,

A opinião dela ainda significa mais para mim do que a da maioria das pessoas. Sabia que Jessie me diria se minha cabeça estivesse parecendo uma abóbora gigante. Sempre podia confiar na honestidade dela.

— O que quer beber, filha?

Jessie tomava um refrigerante; mamãe bebia vinho.

— Quero vinho rose.

— Não é aquele que seu pai adora? — questionou Bonnie. Jessie e eu nos entreolhamos. Certas coisas nunca mudam.

— A que horas vocês chegaram aqui, mamãe?

— No começo da tarde, querida. Jessie e eu fomos a uma loja de decoração.

— Vamos reformar o banheiro de cima — explicou-me minha irmã.

Quando Jessie e Ethan compraram aquela casa, o imóvel tinha apenas cinco anos. Não obstante, Jessie ainda conseguia encontrar algo errado em quase todos os aposentos. Por enquanto, eles tinham repintado o térreo, instalado novos armários na cozinha e reformado toda a sala.

— Vou mostrar a você as cores que estamos querendo. — Jessie se levantou e entrou na residência para buscar o mostruário de tintas.

— Como você está, Christelle? E o trabalho?

— Tudo bem, mamãe. Nada de novo.

— E Rick? Posso perguntar sobre ele?

— Sim, claro. Nunca mais o vi. — Preferi omitir o encontro no bar.

— Vocês se davam tão bem!

— É verdade.

— E já está saindo com outro?

— Saí algumas vezes com um rapaz que trabalha no escritório de Ethan.

Às vezes, fornecer o mínimo de informação é a melhor estratégia.

— Ah, outro advogado... Como ele é?

— Interessante. Bonito, inteligente. Boa gente.

E incrível na cama, mas isso eu não poderia revelar.

— Bom, acho que agora é a melhor coisa que você pode fazer.

— É, creio que sim.

Harry e Ethan se aproximaram.

— Como vai o serviço? — Era a abertura de conversa padrão de papai.

— Tudo bem. E o seu?

Havia quase doze anos Harry tinha um emprego na universidade. Era biólogo por formação, mas começou a trabalhar como paisagista. Primeiro, na própria faculdade. Mais tarde, quando conheceu mamãe, abriu seu próprio escritório e o manteve durante muitos anos. Em seguida, arrumou esse cargo na universidade, que oferecia benefícios e seguro-saúde. Papai agora era supervisor, e acho que gostava do que fazia. Quando eu estava na faculdade, pude vê-lo no compus algumas vezes.

— Christelle é minha filha que estuda aqui — dizia Harry, com orgulho.

Eu também me orgulhava dele, que estava em ótima forma. Todas as minhas

colegas de quarto o achavam um galã, o que soava estranho para mim. Uma delas, inclusive, flertou com papai quando eu a trouxe em casa, uma vez. Harry sentiu vergonha, e Bonnie achou engraçado. Fiquei furiosa! Ethan entrou na casa para pegar uma outra cerveja, e meu pai me falou sobre o cruzeiro marítimo que eles estavam planejando fazer no mês seguinte.

— Nós também iremos — Jessie afirmou, ao reaparecer com o mostruário na mão. — Christelle, por que não vem conosco?

Meus pais, Jessie e Ethan, um bando de idosas de cabelos tingidos de azul e bebendo coquetéis de frutas, enfeitados com guarda-chuvinhas de papelão colorido. Esse seria o grupo de excursionistas, decerto.

— Acho que não.

— É só uma semana. E não sai caro. — Minha irmã sorriu.

Isso era uma mudança. Em geral, Jessie era de opinião que me faltavam condições para fazer as coisas que ela podia. Só porque eu ganhava bem menos.

— Não é uma questão de dinheiro, Jessie. Só não quero passar minhas férias desse jeito.

Era verdade. Tenho apenas dez dias de férias por ano e não queria gastar mais de metade delas num navio cheio de jogadores de bingo e turistas recendendo a protetor solar.

— Ora, já que é assim, será que você não poderia fazer o favor de cuidar da casa para nós?

— O quê? Por quê?! — Meu Deus, por vezes me assusto com minha maldade.

— Esqueça. — Jessie deixou escapar um suspiro.

— Não, desculpe-me. Pode deixar. Eu cuido, sim. Sem problemas.

Sentia-me tão culpada a respeito de toda aquela história sobre doação de óvulos, que ela não voltara a mencionar, que me dispunha a fazer quase qualquer coisa para aliviar minha consciência. Ficar ali durante sete dias parecia um preço baixo a pagar.

CAPÍTULO XIV

O CAVALEIRO DE PAUS

Um homem de cabelos longos capaz de gerar conflitos.

Captei uma sensação de mau agouro na empresa, desde que foi anunciada a reorganização. Perdão: otimização. A Coddled Cook é uma firma em que você pode trabalhar durante muitos anos, a não ser que seja flagrado visitando sites pornográficos.

Lógico que muitos funcionários saem em busca de melhores oportunidades, mas a maioria fica por um bom tempo. Embora os departamentos de marketing e divulgação tenham muitos empregados recém-contratados, existem funcionários em outros departamentos que estão há cinco, dez e até quinze anos na empresa.

Essa ideia me parecia esdrúxula. Será que eles não se sentiam entediados? Que não necessitavam nunca de novos desafios?

Mas assim é o mundo do trabalho. Acho que não conheço ninguém que goste de seu emprego, com exceção de Jessie. Ela reclama do excesso de tarefas, mas aprecia. Mesmo Ethan dizia-se enjoado de exercer a advocacia.

— Você encontra o mesmo gênero de palermas, dia após dia — comentou ele.

"Palermas", eu aprendi, eram os criminosos muito idiotas, muito preguiçosos ou muito lentos para evitar sua prisão. Fazia pouco, Ethan mudou-se para um novo setor. Agora cuidava dos casos de delitos leves. Mas ainda não parecia contente.

Percebi que Ethan perdeu peso. Como muitos homens, ele engordara logo depois de se casar. Não era do tipo atlético, mas começara a fazer musculação.

— Três dias sim, um dia não — disse ele, falando sobre rotinas de treinamento e deficiência muscular.

Também deveria retomar alguma rotina, decidi. Os exercícios físicos e eu tínhamos um relacionamento complicado. Começava a frequentar uma academia e, passadas três ou quatro semanas, desistia.

Afinal, eu não me sentia mal em relação a meu corpo. Tudo bem, seria melhor perder cinco quilos, mas e daí? Além do mais, sempre que eu conseguia emagrecer, isso acontecia, em primeiro lugar, em meu busto, e eu não queria emagrecer logo ali.

No entanto, Ethan, com certeza, parecia bem. Nunca o julguei atraente antes, mas agora meu cunhado estava diferente. Mais relaxado, com os cabelos mais compridos. Jessie, ao contrário, mostrava-se mais esbaforida do que nunca.

Ela me ligou na quarta-feira para me lembrar de minha missão de cuidar da sua casa.

— Eu sei, Jessie, já falei que sim. — Só estou querendo confirmar.

— Não se preocupe. Relaxe!

— Sim, senhora. — Bufou. — Você parece Ethan, Christelle. Relaxarei no cruzeiro, está certo?

Eu duvidava, mas minha irmã não pediu minha opinião.

— Deixe uma lista das plantas que precisam de água. — Não havia necessidade de

ter dito isso, pois de qualquer modo ela prepararia uma lista de instruções detalhadas para eu seguir.

Já cuidara da residência deles antes, e acabei molhando demais uma planta, que morreu. Joguei-a no lixo. Dois dias depois do retorno de férias, Jessie ligou perguntando sobre ela. Acho que ficou mais zangada por eu ter ocultado o fato do que pela perda em si. Dessa vez, eu iria seguir suas instruções à risca.

Imaginava-me sentada na banheira de hidromassagem, assistindo à tevê de tela gigante e experimentando comidas caras. Jessie sempre deixa a geladeira repleta, incluindo, entre outras delícias, azeitonas gregas, queijo francês e três marcas de água mineral com gás.

Na primeira noite, preparei um jantar com uma seleção exótica de queijos, croissants, uvas, morangos e uma taça de vinho merlot. Coloquei um CD de Jimmy Vaughn, e a música saiu das caixas acústicas embutidas nas paredes.

Tinha de admitir: ter um imóvel assim seria maravilhoso, mas era impossível para minhas condições. A não ser que me casasse com alguém que fosse rico.

Era o dinheiro de Jessie que pagava tudo aquilo. Ethan ganhava cerca de cinquenta mil dólares por ano, imagino, mas Jessie tirava, no mínimo, quatro vezes mais. E, segundo ela, ainda dobraria sua renda quando se tornasse sócia do escritório.

Era incrível, mas minha irmã não se vangloriava disso. Quando Jessie falava sobre dinheiro, era bem prática. Não percebia que a maioria das pessoas de sua idade não se preocupava em proteger seus bens, nem tentava decidir se investir em imóveis era melhor do que aplicar em ações. A mentalidade de esticar o salário até o fim do mês era estranha a ela.

Todo meu apartamento cabia na sala de Jessie, e só os móveis pagariam meu aluguel por um ano. Não tinha ideia de por que minha irmã era tão apegada a coisas materiais. Eu não era assim, nem Melissa. No entanto, Jessie sempre quis ser a primeira da classe, conseguir o melhor emprego e ganhar fortunas.

Enquanto Jessie subia os degraus do sucesso, eu só esperava encontrar um emprego de meu agrado. O ganho nunca me motivou, mas eu gostaria de vir a ter casa própria algum dia. O apartamento alugado não era ruim, mas eu fantasiava a respeito de comprar um flat ou um pequeno duplex.

O telefone tocou. Imaginei que fosse Jane, pois eu tinha lhe dito onde passaria a semana.

— Alô?

— Ei, Jessie, é Pete. Ethan está?

— Não é a Jessie. Sou a Christelle, irmã dela.

— Ah, perdão... Suas vozes são muito parecidas. — Fez uma pausa. — Certo, eu esqueci. Eles foram fazer um cruzeiro, não?

— Isso mesmo. Viajaram hoje de manhã.

— E você ficou cuidando do castelo?

— Acertou.

— Sou Pete Trippiani, Christelle. Acho que nos vimos no último verão.

Tentei recordar um rosto cujo dono tivesse esse nome. Se era a pessoa que

imaginei, tratava-se de um sujeito grandalhão, rosado, que soltava a torto e a direito uma risada exagerada, alta demais para meu gosto.

— Sim, você é amigo de Ethan desde os tempos do colégio, não é?

— Muito bem. Agora somos quase vizinhos. Moro em Naperville. Às vezes, aos sábados, jogamos beisebol. Você joga alguma coisa?

— Não. Minha coordenação motora não é das melhores.

— Ora, por favor! Metade da prática de cada esporte envolve atividade mental. Jogue golfe.

Pelo amor de Deus, outro fanático por golfe! Hora de desligar. Comecei a responder com monossílabos, mas Pete não entendeu as indiretas.

— Se você não pratica esportes, o que faz nos fins de semana?

Detestava perguntas assim. Se respondesse a verdade: "Limpo meu apartamento, ponho em dia a correspondência eletrônica, lavo roupa, fico pendurada no telefone com Jane, leio", daria a ele todos os indícios de que eu estava desperdiçando minha juventude. Em minha idade, supunha-se que eu deveria estar freqüentando danceterias, comprando roupas de grife e almoçando em restaurantes caros.

— Depende. Faço compras, saio para almoçar... É isso.

— Com seu namorado?

Ele perdia pontos por ser tão óbvio, mas e daí?

— No momento, sou uma sem namorado.

— Então, por que não nos encontramos amanhã? Podemos visitar algumas liquidações de espólio. Estou mobiliando minha casa e vivo atrás de antiguidades, nos subúrbios de Chicago.

— Tudo bem. Pode ser.

— Teremos de começar cedo. Há diversos eventos marcados.

— A que horas?

— Pego você às seis e meia.

— Só pode estar brincando! Logo num fim de semana?!

— Deus ajuda a quem cedo madruga. — Pete riu. — Anime-se, o desjejum será por minha conta. Será divertido.

Pete buzinou às seis e vinte e oito. Eu não sabia o que vestir para um dia dedicado a antiguidades. A onipresente calça preta pareceria muito social; mas talvez jeans fossem esportivos demais. No entanto, optei pelo jeans e um folgado suéter azul-escuro de tricô.

Ainda estava zozza de sono, mas Pete mostrava-se bem disposto. Ofereceu-me um copo grande de café.

— Peguei no caminho, na lanchonete drive-thru.

— Obrigada.

Tinha me questionado sobre que tipo de conversa manter, mas ela fluiu com surpreendente facilidade. Eu conhecera Pete antes de Jessie e Ethan se casarem. Pete e Ethan eram amigos de colégio e cursaram juntos a Universidade White-water. Ele revelava aquela falta de pretensão típica de Wisconsin. Era como estar com Ethan.

Acabamos indo a três eventos diferentes. Jamais tinha estado em uma liquidação

de espólio antes. Cada peça de mobília, cada bibelô, toda peça de porcelana e prata, todos os castiçais e livros traziam etiquetas de preço.

Parecia que os três espólios pertenceram a senhoras idosas. Mesmo seus potes de creme de mão, suas agulhas de tricô, bordados inconclusos e borrifadores de perfume se achavam à venda. Fiquei deprimida ao ver tantas pessoas manuseando os objetos, analisando-os e demonstrando desagrado com os preços.

A primeira liquidação não tinha muita coisa, mas as duas últimas comportavam bastante mobília, incluindo um conjunto para sala de jantar que Pete adorou.

— Oitocentos dólares? Não é muito?

— Não. Isto é carvalho de verdade, maciço. — Pete ergueu uma cadeira. — Olhe como pesa. Dura uma vida inteira.

— Sim.

Observei o pequeno e lotado recinto. Éramos os mais novos ali, cercados por mulheres e homens com quarenta anos ou mais.

— O que houve? — Pete me fitava.

— Não sei. Parece-me triste... Aqui também está a vida inteira de uma pessoa.

— Sim, eu senti isso nas primeiras vezes em que vim. No entanto, veja bem, mesmo estas coisinhas... — Mostrou-me uma pequena tartaruga de mármore. — ...eram parte da existência da dona. Se você gostar de algo e comprar, ao menos o salvará de virar lixo. Será que não era isso que a proprietária queria?

— Talvez.

A sala de jantar estava repleta de miniaturas de animais, de todas as formas e tamanhos. A pessoa passara sua existência inteira formando aquela coleção, agora liquidada por um dólar cada.

— De qualquer forma, é triste.

Pete havia mudado de ideia em relação ao conjunto de sala de jantar. As cadeiras eram um pouco menores do que ele queria.

— As pessoas eram menores, antigamente — explicou-me. — Essa é a parte mais difícil: encontrar alguma coisa que se ajuste a meu tamanho.

Já era mais de meio-dia e eu morria de fome. Dirigindo de volta para Chicago, Pete indicou uma lanchonete de beira de estrada.

— Que tal? Vamos parar aí?

— Claro!

Entramos e nos sentamos. Logo uma garçonete veio nos atender.

— Duas cervejas? — ela ofereceu.

— Não, eu vou querer um refrigerante dietético — avisei. Pete pediu uma cerveja e dois hambúrgueres, um para cada um de nós.

— Sabe de uma coisa, Pete? Acho que também tomarei cerveja. Mas light.

A garçonete pousou as garrafas de cerveja na mesa. Não me trouxe um copo, nem quis saber se eu preferia beber em um. Assim, peguei a garrafa e a destampeei.

— Acho que nunca vou me casar.

— Hein ?

— Consta de um livro que uma colega de faculdade tinha. Já ouviu falar de Coxas Esbeltas em Trinta Dias!

Pete me encarou, perplexo.

— Está certo. Você é homem. É um livro muito ruim, mas que vendeu mais de um milhão de exemplares. Depois, o mesmo autor escreveu outro, intitulado Case-se em Trinta Dias ou algo assim. — Bebi um gole pelo gargalo. — Ele relaciona diversas coisas que você não deve fazer para conseguir um marido. Uma delas era: "Não beba cerveja".

E citei um trecho do livro, da melhor maneira que consegui lembrar:

— "Um homem bebe cerveja com seus amigos. Ele não quer que sua companheira o faça. Peça uma taça de vinho ou um coquetel. Mas, se você fizer questão, se estiver com muita vontade de tomar cerveja, faça isso em um copo, nunca pelo gargalo!" — Sorvi outro longo gole. — "Pois não há nada menos feminino do que uma mulher bebendo cerveja pelo gargalo."

— Vocês, mulheres, acreditam mesmo nessas tolices?

— Ah, por favor, Pete! Você tem quantos anos? Trinta e um? Deve saber que temos uma queda por todo esse tipo de besteira. Repare nesses livros de auto-ajuda: Homens que Odeiam Mulheres e Mulheres que os Amam, Como Conseguir o Amor que Você Quer, Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus. Quem compra tudo isso? Mulheres!

— Parece-me bem familiarizada com esse lixo literário, Christelle.

A garçonete voltou com nossos sanduíches e uma porção de batatas fritas.

— Muito bom! — avaliou Pete à primeira mordida. Estava de fato delicioso, com a carne grossa e suculenta.

— Desculpe-me. — Ele pegou algumas batatas. — Sobre o que falávamos?,

— O hambúrguer também me distraiu. É o melhor que já comi! — Limpei a boca com o guardanapo.

Pete pediu mais duas cervejas.

— Sempre gostei de psicologia — continuei. — Na faculdade, quis cursar a disciplina, mas depois acabei fazendo jornalismo. Ser redatora é parecido, sabia? Afinal, nessa função tento imaginar por que as pessoas fazem certas coisas.

— Isso é o que faz em sua empresa? Como se chama mesmo?

— Coddled Cook. Não, não faço nada semelhante a jogos psicológicos. Tenho de descobrir maneiras novas e criativas para dizer a mesmíssima coisa, todos os dias.

— Você parece desanimada com isso.

— É um emprego, e bem razoável. Diante da situação econômica, não posso me lamentar.

— Sim, entendo o que quer dizer. Quando comecei na Peterson's, fiquei entusiasmado. Achei que tinha achado o lugar certo. Mas é só uma outra colocação.

— Você é gerente de vendas, não é?

— Por enquanto. Até aparecer coisa melhor.

— Na faculdade, diziam: "Decida o que quer fazer, encontre o cargo certo e você será feliz". Ninguém disse que, na verdade, os empregos existem para sugar nosso

talento.

— Ter um é importante, mas não é tudo na vida. Precisamos cultivar outros interesses. Eu trabalho pelo salário, para pagar minhas contas.

— Que atitude elevada... — Voltei a me sentir deprimida. — É necessário ser realista, Christelle. Tenho um trabalho decente, com bons benefícios. Mas não amo o que faço.

— Sabe qual é o dia da semana em que as pessoas mais sofrem ataques cardíacos? Segunda-feira de manhã!

— Sêrio?!

— Dá o que pensar, não?

— Sem dúvida.

— Você não quer mais? — Pete apontou para minhas batatas fritas.

Eu as ofereci para ele.

— Como disse, estou interessado em outra coisa, agora. Venho mexendo na casa que comprei. E tenho de ter dinheiro para as reformas, pois custam caro.

— Gostaria de conhecer sua casa.

— Jura? — Consultou o relógio. — Falando nisso, temos de pegar a estrada.

— Sim.

— Tenho um cachorro, e não gosto que ele fique preso o dia inteiro. Adoraria lhe mostrar o imóvel, mas devo dar um pouco de atenção a Maxie. Posso lhe convidar outro dia, não?

Concordei. Porém, teria apreciado se ele tivesse me convidado para passar o resto do sábado em sua companhia. Foi ótimo ter saído com Pete. Gostei de seu cavalheirismo com duas velhinhas, na liquidação em Marseilles. E do valor da gorjeta que deixou para a garçonete.

Peté me deixou na porta da residência de Jessie, mas não saiu do carro.

— Foi ótimo, Christelle. Obrigado por ter saído comigo.

— Também adorei, Pete. Obrigada.

— Será que posso ligar para você?

— Esteja à vontade!

CAPÍTULO XV

TRÊS DE OUROS

Insegurança com respeito às finanças.

Na semana seguinte, pensei muito em Pete. No sábado, tinha passado quase oito horas com ele, e em nenhum momento senti aquele desconforto horroroso de ter de fazer força para manter uma conversa de pé. Antes, isso só tinha acontecido com Joey e, é claro, com Rick.

Afinal, talvez Rick e eu não fôssemos destinados um ao outro. Quem sabe Pete fosse minha alma gêmea? Podia ser que aquele encontro tivesse ocorrido para nos unir.

— Ele é... Sei lá — comentei com Bobby. — Grande demais, sabe?

— Grande como? De ossatura? Músculos? — Bobby me fitava, admirado.

— Não faço ideia. Ainda não.

— Mas liquidação de espólio? Móveis e objetos decorativos? Tem certeza de que ele não joga em meu time?

— Pete é heterossexual. Tenho certeza.

— Nunca se sabe. Se o trouxer até aqui, usarei meu radar

— Não, obrigada. Você vai querer convertê-lo. Passamos a conversar sobre a nova chefe, Petra Taylor.

Ela vinha da concorrência, onde alcançara excelentes resultados. Era alta e muito magra.

— Petra reviu todo o material e não gostou — informou-me Bobby.

— E o que ela fará a respeito?

— Não sei. Elaine disse que Petra escolherá a dedo dois funcionários para serem suas pessoas de confiança.

— Duas pessoas de confiança?

— Sim, Christelle. — Baixou o tom de voz. — O mais seguro seria eu ou você sermos um deles.

— Sem dúvida.

— Por certo, Elaine está jogando pesado para ser uma das eleitas.

— Mas ela não é redatora, e sim relações-públicas, pelo amor de Deus!

— Só estou contando o que ouvi.

Elaine não dissera nada para mim sobre a novidade, mas não era surpresa. Ela só teria feito isso se fosse conveniente para suas intenções. Formulou muitas perguntas para mim,

sobre como as coisas funcionavam em nosso departamento, e, é lógico, fui uma valiosa fonte de informações. Às vezes, eu era ingênua demais.

Preparei-me bem para meu encontro com Petra. Tinha repassado minhas funções e responsabilidades no cargo. Fiz uma lista dos projetos em andamento. Corri para o banheiro, ajeitei os cabelos e atravessei o longo corredor até a sala dela. Bati na porta às três e vinte e nove da tarde.

— Entre.

A voz não soou cordial. Petra nem ao menos tirou os olhos da tela do computador.

— Já falo com você — disse-me.

— Está bem. — Sentei-me numa cadeira de couro, pondo o bloco de anotações e a caneta sobre meu colo.

Examinei o escritório. Uma das paredes era tomada por uma grande janela. Na outra, atrás da escrivaninha, havia muitos diplomas, certificados e prêmios emoldurados. No entanto, não vi retratos pessoais, nada que desse uma pista sobre a vida de Petra Taylor fora da Coddled Cook.

— Tudo bem. — A chefe terminou o que estava fazendo. — Você é a Christelle, certo?

Levantou-se e estendeu a mão para me cumprimentar.

— Isso mesmo.

— Há quanto tempo está na Coddled Cook?

— Dois anos.

Petra examinou uma pasta. Será que era minha ficha?

— Qual você considera sua principal tarefa como redatora sénior?

— Escrever, sem dúvida.

— Escrever o que, para ser mais específica? — Esboçou um sorriso algo maroto.

— Bem, quase tudo. Boletins informativos, promoções especiais, textos para o site, manuais de treinamento... — Senti que Petra esperava uma resposta que eu não estava conseguindo dar.

— Entre todos esses materiais, qual é, em sua opinião, o mais importante para a empresa?

— Todos são importantes. No entanto, se for para escolher apenas um, fico com o boletim informativo.

— Por quê? — Pegou uma caneta-tinteiro e me encarou.

— Porque é o veículo pelo qual mantemos contato com nossas consultoras. Elas são o coração da companhia.

Tentei apresentar as palavras que ela aguardava. De algum modo, consegui.

— Exato! As consultoras são a espinha dorsal da Coddled Cook. O sucesso da empresa depende do sucesso delas. E o trabalho de seu departamento é fornecer as informações, a inspiração e a motivação para que isso ocorra.

Concordei com um gesto de cabeça. Petra prosseguiu, e tentei prestar atenção. Ela ficou falando sobre como a divulgação de informações desempenhava um papel vital na saúde e viabilidade da companhia.

— Tenho a impressão de que a relevância desse departamento foi negligenciada no passado. — Petra se inclinou para a frente. — Mas estou aqui para mudar isso.

Voltei a assentir, em silêncio, procurando fazer uma leitura melhor de sua linguagem corporal. Seus gestos pareciam calculados: o modo de empunhar a caneta, o jeito como mexia os dedos enquanto esperava alguma resposta minha.

— Como você sabe, haverá mudanças no departamento. Rever a estrutura, talvez modificar quem se subordina a quem, e assim por diante. Suas ideias com respeito a possíveis mudanças serão bem-vindas. — Pôs-se de pé.

A reunião chegara ao fim, e não tive a chance de explicar o que na verdade eu

fazia todos os dias!

— Vou me lembrar disso. — Ergui-me, alisei minha calça e retornei a meu cubículo.

Tão logo me sentei, o telefone tocou.

— O que ela disse? — Rachell quis saber.

— Nada de mais. — Passei a sussurrar: — Apenas o que já sabemos. O departamento vai ser reorganizado.

— E não falou se alguém será demitido? — Rachell, por apenas seis meses no emprego, era uma das funcionárias mais novas.

— Não, mas não se aflija. Temos muito serviço. Como os boletins poderão existir sem você?

— Deus a ouça, Christelle.

— Fique tranquila. Tudo acabará bem.

Depois de desligar o aparelho, desejei estar no lugar de Rachell. Gostaria de ter alguém me confortando, em vez de eu ser a confortadora.

Isso é o que angústia faz quando você está só. Só se pode ter esse tipo de conforto de um homem depois de estar um bom tempo com ele.

Lembrei-me de Rick quando enfrentou alguns problemas com Roger, seu chefe. Roger costumava discutir por causa de trabalhos que não eram da responsabilidade de Rick. Falei-lhe que ele tinha de se impor ao chefe, se pretendia que as coisas mudassem, mas Rick não me deu ouvidos.

Após alguns meses, dei-me conta de que Rick estava repetindo com seu chefe muito do que ele tinha vivido com o pai.

Rick falava pouco de sua família, mas, quando isso acontecia, eu tentava prestar total atenção a suas palavras. Seu genitor fora um desses pais emocionalmente ausentes, que acham mais fácil criticar seus filhos do que elogiá-los. Agora, Rick trabalhava para um chefe que cumpria o mesmo papel.

A diferença, óbvio, era que Rick não podia mudar de pai, mas podia mudar sua situação profissional. Quando lhe falei isso, ele não admitiu.

— Todo chefe é assim, Christelle. Além do mais, gosto das pessoas que trabalham comigo — alegou.

Aquilo me causou grande frustração. Rick era parecido comigo nesse aspecto. Nós somos do tipo que reclama sobre certa situação, mas que demora muito para tomar uma decisão no sentido de modificá-la.

Pelo menos, percebi isso no que me dizia respeito. Não sei se Rick fez o mesmo. Mas não era mais problema meu, certo?

CAPÍTULO XVI

SEIS DE COPAS

Um novo horizonte é iminente.

As breves férias pareciam ter feito muito bem a Jessie. Ela e Ethan voltaram para casa no domingo de manhã. Eu providenciava uma arrumação final; não que tivesse feito muita desordem, mas Jessie é bastante zelosa em relação a seu lar.

— Ei! Chegamos! — Jessie falou, bem alto.

Escutei minha irmã quando desliguei o aspirador. Enrolei o fio em torno do aparelho e o guardei no armário do corredor.

Jessie estava parada perto da bancada da cozinha, folheando a correspondência. Ethan, atrás dela, mantinha as mãos em torno da cintura de sua mulher, e se inclinava para beijar-lhe o pescoço.

— Queria que essas férias não acabassem nunca... — ele murmurou.

Foi quando Jessie afastou o excitado Ethan. Eu abracei os dois. Eles exalavam sexo.

— Nossa, como vocês estão bronzeados! Belo descanso, hein?

— Foi incrível. — Jessie sorriu.

— Com certeza. — Ethan abriu a geladeira e tirou uma garrafa d'água, e a ofereceu a nós. — Jessie? Christelle?

— Obrigada, amor — minha irmã agradeceu, abriu a garrafa e sorveu um gole.

Ethan a observava, com um sorriso largo.

Vi a cena toda. Senti uma ponta de ciúme. Eles eram casados fazia quase cinco anos, e Ethan ainda sentia atração por Jessie. Por que isso não acontecia comigo?

Pedi desculpas e fui embora. Imaginei que poderia saber dos detalhes da viagem outra hora.

Líquido e certo. Na tarde seguinte, minha irmã ligou para meu trabalho.

— Obrigada de novo, Christelle. — Ela ofegou, num suspiro longo de felicidade. — Era tudo de que eu precisava.

— A viagem ou o sexo?

— Como adivinhou? — Jessie gargalhou.

— Fácil. Achei que vocês dois fossem se agarrar na mesa da cozinha. Por isso fui embora.

— Desculpe-me. Mas foi ótimo. Muito divertido.

— Fico feliz. Você de fato precisava disso.

— Eu sei. Nos últimos dois anos, foi a primeira vez que fiz amor sem tentar engravidar. — Começou a falar mais baixo: — E acho que Ethan já tinha esquecido as maravilhas que sei fazer com a boca.

Quase caí da cadeira. Jessie não costumava falar dessa maneira. Sem dúvida, conversávamos sobre sexo em termos gerais, mas ela sempre foi mais inibida do que eu em matéria de detalhes, posições e novas técnicas.

— Que bom... — respondi, tentando disfarçar a surpresa.

— É uma das chaves de um casamento feliz. Acho que tinha negligenciado isso.

— Seu casamento ou o de qualquer outra mulher?

— Ah, por favor, Christelle! Para qualquer mulher, é lógico. Os homens adoram uma modalidade diferente. Você sabe, não?

— Pois é... Tenho novidades, Jessie. Saí com Pete enquanto vocês estavam viajando.

— Pete Trippiani? Deve estar brincando! Como isso pôde acontecer?

— Ele ligou para a casa de vocês e acabamos conversando. No sábado passado, fomos a algumas liquidações de antiguidades.

— Onde?

— Nos subúrbios. Foi muito agradável. Um programa diferente, com uma pessoa ótima.

— Isso eu sempre achei. Pete foi noivo por algum tempo, mas conheci muito pouco sua noiva.

Pete não havia se referido a esse noivado, embora nossa conversa escapasse de assuntos sérios.

— Por que acabou?

— Não sei muito bem. A moça tinha vários problemas. Sempre achei que ela sofria de alguma disfunção alimentar. Os dois vinham nos ver, e a garota nunca tocava na comida. Só bebia refrigerante dietético e parecia angustiada.

Nesse aspecto, Jessie era uma cópia de minha mãe. Como anfitriã, sentia-se rejeitada quando a pessoa convidada não comia o que lhe era oferecido. Pete parecia normal demais para se ligar a uma mulher como aquela. Era evidente que havia coisas sobre ele que eu desconhecia.

Na realidade, isso o tornava mais interessante. Sempre fiquei intrigada com o funcionamento complexo da mente masculina.

O que fazia um sujeito se apaixonar? As mulheres gostam de homens bonitos, divertidos, carinhosos, gentis, certo? Sendo assim, por que muitos rapazes elegem mulheres neuróticas, desequilibradas, exigentes ou egoístas para alvo de sua paixão? E por que devotam-se como escravos a elas, quando há tantas outras bonitas, divertidas, carinhosas, gentis, que fariam o máximo pela felicidade deles?

Era um mistério que sempre quis decifrar. E existia algo em Pete que me intrigava. Não o suficiente para procurá-lo, mas, se ele tomasse a iniciativa, voltaríamos a sair.

CAPÍTULO XVII

OS AMANTES, LÂMINA INVERTIDA

Cuidado para não fazer a escolha romântica errada.

Mal pude acreditar que tinha feito aquilo outra vez. Voltara a quebrar a regra dos três encontros, e fui para a cama com Pete.

Não sei por que, mas aconteceu. Assim que Pete me beijou, e ele não era nada bom nisso, pensei: "Por que não?".

"Por que não" configura um motivo para lá de pobre para você atirar-se no leito com um homem. Cometi esse equívoco algumas vezes, e sempre me arrependi. Se não existir química, um mínimo que seja, a relação será decepcionante.

De qualquer modo, as fases pré e pós-sexo com Pete foram ótimas.

O ato em si é que ficou aquém de minhas expectativas.

Além de beijar com uma rapidez estonteante, ele quase arrancou fora meus seios e me penetrou como se fosse um bate-estaca.

Pedi-lhe que agisse mais devagar, mas isso funcionou por apenas vinte segundos. Desisti e fingi um clímax, sem grande sucesso. Quando tudo acabou, porém, foi ótimo. Pete se levantou e pediu uma pizza. Comemos na cama e assistimos a um filme na tevê.

Saímos algumas outras vezes, e o resultado foi o mesmo. Eu me divertia muito com ele, enquanto não dormíamos juntos. Comecei a me questionar a respeito da relevância do sexo para mim.

Isso só durou até Javier me procurar. Ele sumira durante semanas. Depois que me ligou, saí a toda pressa ao encontro dele, como se estivesse no cio. Passei a maior parte do anoitecer gemendo, transpirando e ofegando. Ao voltar para casa, senti certo mal-estar.

Por que eu não conseguia me divertir tranquila, sem me sentir culpada? Por que Pete não podia beijar e tocar como Javier?

Ou melhor: por que eu não era capaz de combiná-los em um só namorado divertido, amável e sexy, com potencial de longo prazo? Ou PLP, como Jessie se referia a esse tipo de namorado quando estava na faculdade.

— Ele é fogoso, mas não tem PLP — costumava falar a respeito de antigos parceiros.

Jessie acertara nas previsões, mas não em relação a Rick, pois dissera que lhe faltava um PLP definitivo quando o conheceu.

— Como pode saber? — perguntei-lhe.

— Rick tem emprego fixo. Namorou outras antes de você. Não é obcecado com a aparência. Não tem grandes problemas de ego. E o jeito como a olha... Ele está apaixonado.

Meu maior problema era que eu não levava em consideração o PLP, deixando meus hormônios tomarem a decisão por mim. Eu tinha de começar a pensar com o cérebro.

Decidi ficar com Pete. Ele possuía todos os ingredientes básicos relativos ao PLP, exceto as habilidades na cama. Essas podiam ser ensinadas e aprendidas, decidimos Jane e eu em conjunto.

— Tudo bem, seja mais específica. Ele termina muito rápido, é desajeitado, esquisito ou o quê?

— Esquisito como?

— Fala muita bobagem, gosta de sadomasoquismo, se excita vestindo-se de mulher... Coisas desse tipo.

— O quê? — Fitei Jane por instantes. — Não! Nada disso! — Fazendo uma careta, meneei a cabeça. — Nossa, você já saiu com rapazes assim?!

Jane tinha mais experiência do que eu, mas talvez eu, na verdade, só fosse menos experiente na medida em que o fator excentricidade estivesse envolvido.

— Falo a partir da minha experiência e da dos outros, Christelle. Os homens reclamam que as mulheres têm idéia fixa, que não gostam de novidades, nem se sentem à vontade na cama, mas sabe o que mais? Eles adoram coisas ultrajantes. Leia os anúncios classificados de encontros íntimos. Um quer fazer sexo de fralda, outro sonha em ser chicoteado, um terceiro deseja se divertir usando nossos pés. Você nunca vê mulheres alardeando essas esquisitices.

— Imagine, achei excêntrico quando Javier ficou me tocando durante uma hora, sem me beijar...

— Sei, querida. — Jane sorriu, condescendente. — Mas voltemos a Pete. Qual é o problema? Comece com o beijo.

— Muito desagradável, muito rápido, muito molhado, muita língua...

— E o resto?

— O ato propriamente dito?

— Sim.

— Pete lembra uma britadeira humana. Parece não ter a menor ideia do que está fazendo. Não que eu seja uma perita em sexo, mas tenha dó!

— Primeira pergunta: você sente atração por ele? — Jane quis saber, estendendo-se sobre seu sofá.

— Lógico. Mais ou menos... Não sei — admiti, por fim.

— Pete é um bom sujeito, mas sinto que falta aquela faísca.

— Suspirei. — Finjo que chego ao auge com ele.

— Ah, não! Você nunca deveria fingir. Por que dar ao parceiro essa alegria? Se ele não é bom de cama, deveria ficar sabendo na hora.

— O que devo fazer, então?

— O que fazia antes de começar a atingir o clímax?

Tive de pensar. Apenas com Rick fui capaz de me satisfazer com regularidade. Mas nunca conversamos sobre a mecânica do como ou do porquê. Procurei recordar a era pré-Rick.

— Tentava chegar lá, acho.

— E não pode fazer isso agora?

—Estou tentando! Mas é difícil. Mal começo a me excitar, e Pete já está terminando.

Havia meditado sobre isso. Fomos para a cama apenas três vezes, mas só de imaginar repetir a dose me causava aversão.

- Acho que você precisa cuidar disso, Christelle.
 - Como assim?
 - Terá de assumir o controle. Mostre para Pete o que quer que ele faça.
 - Não posso, Jane. Não sei agir assim.
 - Escute-me, Christelle, quem de nós duas é mais experiente? Eu já me deitei com vinte e dois homens. E você?
 - Seis. Não, sete.
 - Quem de nós está em melhor condição de dar conselhos, portanto?
 - Você.
 - Nesse caso, eis o que irá fazer. Convide Pete para ir a seu apartamento. É sempre melhor estar em seu próprio território. Monte o cenário, de modo que você seja a manda-chuva.
 - Parece razoável.
 - Prepare um jantar saboroso para ele.
 - Sim, um jantar.
 - Use uma roupa sexy.
 - Por exemplo...
 - ...uma blusa vermelha, sem mangas, bem desabotoada. Lingerie preta. Calcinha fio-dental.
 - Nunca usei uma calcinha fio-dental!
 - Desculpe-me, Christelle. Esqueci como você é meiga e inocente. Mas use uma fio-dental. Os rapazes ficam malucos com esses detalhes.
 - Tudo bem.
 - Comece a provocá-lo durante a refeição. Toque no braço dele enquanto estiverem conversando. Troque olhares intensos. Demonstre muito interesse em tudo o que Pete disser. Ria muito.
 - Isso está parecendo mais um caso de depressão maníaca do que uma sedução.
 - Quieta! — Jane fez um sinal com a mão. — No momento certo, fique de pé, tome a mão de Pete e diga que você tem uma surpresa para ele. Leve-o até seu quarto e fale que esta noite ele será seu. Que você fará tudo o que quiser, e que Pete apenas vai ter de ficar deitado e se divertir.
 - Não conseguirei dizer isso, Jane. Por favor...
 - Tudo bem, diga alguma outra coisa. Porque, se você não for capaz de consertar o que não está funcionando na cama, sua relação com Pete não terá futuro. — Pegou um cigarro. — É negativo quando o sexo vai mal. E vocês estão só no começo de um namoro.
- Jane estava certa, mas eu ainda resistia. Era muito esforço para algo que devia ser natural, fácil.
- Queria que fosse como era com Rick. Pete tinha muitas qualidades. Talvez ainda houvesse esperança. Estava disposta a tentar.
- Então, tentei. Convidei-o para jantar em casa. Decidi usar um suéter vermelho justo e calça preta de veludo bem apertada, além de um sutiã de renda preto e uma calcinha fio-dental também preta, com detalhes em vermelho, que Jane escolheu.

— Preto e vermelho são duas cores que sempre deixam os homens excitados — justificou ela.

O fato foi que a trama funcionou. Depois que vesti a lingerie, senti-me muito sensual, capaz de realizar a sedução do século; ou, no mínimo, da década.

Eu provoquei, ri sem motivo, flertei. Elogiei o traje de Pete, que nada tinha de especial. Cheguei bem junto dele, fechei os olhos e murmurei: "Que cheiro gostoso...".

Pete deve ter me considerado maluca. Olhava-me com uma expressão espantada e perplexa.

Após a refeição, que ele repetiu, tirei a mesa. Ao voltar, pousei as mãos sobre o espaldar da cadeira dele.

— Pronto para a sobremesa? — A ideia era falar de um modo provocante, mas pareceu-me ter um sapo na garganta.

— Claro. E qual é a sobremesa?

Inclinei-me e beijei seu rosto com extrema delicadeza.

— Eu — murmurei.

— O que está acontecendo com você, hoje? — Pete esboçou um sorriso indefinido.

— Como assim? — Corri as mãos por seus ombros e abaixei-lhe os braços.

Gostava de ver como eram grandes e firmes. Até minhas mãos ficavam minúsculas sobre sua carne.

— Vamos, querido. Venha para meu quarto. Quero mostrar algo para você.

— Sim, vamos. — Sorrindo largo, ele ficou de pé. Conduzi-o até meus aposentos, procurando balançar os

quadris de um modo muito feminino e excitante. No dormitório, empurrei Pete sobre a cama.

— Você só tem de relaxar e permitir que eu faça tudo — avisei, passando a desafivelar o cinto dele.

Calado, Pete apenas jogou os braços para trás, na nuca, e ficou me observando.

— Poderá fazer isso, Pete?

— Acho que sim...

Havia um tom de provocação ou de galhofa na voz dele, não reconheci direito qual. Descalcei-lhe os sapatos, depois puxei suas meias, com certa dificuldade.

Logo percebi que havia algo de errado relacionado a meu ato de sedução. Eu já deveria ter tirado minhas roupas, pois assim o fio-dental e o sutiã o hipnotizariam. O que fazer? Começar de novo?

— Espere um segundo. — Ao começar a tirar o suéter pela cabeça, recordei que deveria seduzi-lo com meus gestos. Muito tarde, agora.

Removi a calça, tentando manter a barriga encolhida.

— Muito bem! Agora estou pronta para a próxima etapa. Pete apenas sorriu. Poderia jurar que vi sua excitação sob a calça, mas não tinha certeza.

— Então, vamos tirar essas incomodas peças de roupa — sugeri, subindo nele.

Desabotoei-lhe a camisa com cuidado. Em seguida, puxei a calça para baixo, deixando Pete só de cueca. Eu estava certa a respeito da excitação. Ótimo sinal.

— Agora vou acariciá-lo do jeito como quero, e você só vai acompanhar, está bem?

Ele assentiu, com a respiração mais acelerada.

— E seu trabalho se resumirá a fazer o que eu lhe disser. É isso. Entendeu?

Ele permaneceu mudo.

— Diga "sim".

— Sim.

A questão era: o que eu faria com Pete a seguir?

A resposta me espantou. Fiz tudo o que quis, e adorei. Beije-o do modo como gostaria de ser beijada: com suavidade e delicadeza, com um mínimo de pressão, de início. Logo ele ofereceu sua língua, mas eu o detive.

— Não, não. Não quero beijar assim. Veja como gosto. — E mostrei-lhe.

Passado um breve instante, Pete respondeu à altura, com beijos provocantes, mas suaves. De repente, meu coração acelerou, minha respiração idem, e minha pele resplandeceu. A beira de perder o autocontrole, eu já não conseguia manter o distanciamento. Dali em diante, seríamos apenas eu e Pete.

CAPÍTULO XVIII

OITO DE PAUS

Movimento nos negócios, possível viagem.

Fechei os olhos por um instante e voltei a abri-los. Nada. O gesto não ajudou.

A mesma cópia patética apareceu na tela do computador. Um desconexo disparate sobre os benefícios aos funcionários, caso participassem da última promoção da Coddled Cook. Os campeões de vendas ganhariam uma viagem com todas as despesas pagas para Orlando.

Por que alguém desejaria ir até Orlando, meu Deus? Nem sonhando!

Dias antes, recebi um comunicado do departamento de recursos humanos, informando que eu tinha direito a três dias de férias, mas só no mês vindouro. Caso contrário, perderia essa vantagem.

Na Coddled Cook, você pode acumular até quatro semanas de férias por ano, mas apenas se estiver na empresa por, no mínimo, cinco anos. Em meu caso, tinha direito a apenas dez dias. Se não aproveitasse aqueles três, começaria o terceiro ano em meu emprego sem ter feito uso pleno de um de meus benefícios.

Mas para onde eu iria? Orlando não, de modo algum. Também não guardara dinheiro para gastar numa viagem.

Ao dirigir para casa, ainda pensava sobre minhas férias. Não estava disposta a convidar Pete. Julgava precipitado. Gostava dele, mas também apreciava o fato de que ainda não tínhamos caído numa cômoda rotina.

Pete ainda me ligava para saber se eu queria sair, e não tínhamos obrigação de nos ver aos sábados. A distância também era um problema; morávamos a uma hora, no mínimo, um do outro.

— Pode ser incompatibilidade geográfica — queixei-me com Jane.

— Pelo amor de Deus! Primeiro, foi a história do sexo. Agora, isso. A questão não é ele, nem a distância. — Ela me apontou o dedo. — E sim você!

— Não entendeu o que eu disse, Jane. Só gostaria que morássemos mais perto um do outro, nada mais.

— Sei. — Jane abriu espaço para mim no sofá. — E o sexo? Como foi?

— Muito bom, devo dizer. E fora mesmo. Sob meu feitiço, ou meu comando, Pete acabou se mostrando muito obediente. Descobri que, caso pudesse controlar o ritmo e expor o que queria, ele aprendia muito rápido.

Também tinha descoberto que o fato de comandar a ação me envolvia numa sensação erótica nova em folha. Mas não iria partilhar isso com Jane. Não naquele momento.

O problema era que nosso namoro tinha se dividido em duas partes. Havia o sexo e o não-sexo, e nunca essas duas partes se juntavam. Ou ficávamos juntos nos divertindo como dois assexuados, ou partíamos para a cama. Eu desejava algo mais substancial.

Em geral, quando começamos a sair com alguém de quem realmente gostamos, surge aquela sensação incerta de que o relacionamento vai florescer. Não acredito

sermos capazes de nos apaixonar de um só golpe. Ouviria uma série de sininhos soando ao longo do caminho. Mas eu não estava sentindo nada disso com Pete, o que me incomodava.

Quanto mais velha eu ficava, mais difícil parecia encontrar alguém de quem eu de fato gostasse.

Jane dizia que eu andava muito exigente. Talvez sim. Mas nada abalava minha crença de que, se eu estivesse destinada a ficar com alguém, saberia quase de imediato. Eu podia não acreditar em amor à primeira vista, mas em atração, sem dúvida.

Jane também era uma má influência. Ela jurava ser capaz de sentir se havia alguma possibilidade de relacionamento com um homem dois minutos depois de conhecê-lo.

— Menos de um minuto, às vezes. Vinte segundos, se estiver motivada!

— Não é difícil eliminar alguns espécimes, Jane. Pessoas grosseiras, pretensiosas, racistas ou boçais, por exemplo. Mas e aquele grupo dos intermediários, não tão ruins, nem tão bons? Como você age?

— É só prestar atenção, querida. — Ela suspirou.

— Tudo bem. E Rick?

— O que é que tem?

— Senti isso com Rick — disse eu, quase sussurrando. Decidi ficar em meu cubículo no horário de almoço. Sem o normal zunido das conversas, dos dedos digitando nos teclados, dos telefones tocando, o ambiente se tornava muito silencioso, o que era uma delícia.

Esse era o dilema de trabalhar num pequeno compartimento fechado a meia altura. Você cria a ilusão de privacidade, mas sabe quem pode estar escutando. Pelas normas internas, não era admitido o uso do telefone para chamadas particulares, não relacionadas com o trabalho, mas a regra era muito mais ignorada do que aquela sobre o uso da internet e do correio eletrônico.

— Não entendi. Qual é a questão? — Jane insistiu.

— A questão é que não estamos mais juntos. Assim, sua teoria foi para o brejo.

— Não. Minha teoria só trata da atração. Não garante se irá funcionar ou não. Esse é um outro departamento.

— Que só pode ser resolvido pelas cartas do taro, certo?

— Agora você me entendeu. — Jane deu risada. — Está interessada em mais uma leitura, não é?

— Não sei se tenho disposição.

— Christelle! As cartas acertaram antes, lembra? Você não quer saber o que irá acontecer?

— Acho que tenho medo.

— Aqueles que não levam em consideração os erros do passado estão condenados a repeti-los, você sabe.

— O quê?

Apoiei o pé sobre a escrivaninha. Se Petra me visse, seria um deus-nos-acuda,

mas ela havia saído para almoçar com outros diretores.

— O que você está dizendo, Jane?

— Ah, é uma citação. De algum filósofo grego, creio. Ou de um general americano.

— E o taro?

— As lâminas dão apenas uma ideia do que está por vir. Elas prenunciam seu futuro. Permitem que você se prepare um pouco melhor.

Assim, aquela noite eu me vi outra vez embaralhando as cartas e tentando me concentrar em meu dilema. Mas minha mente estava confusa. Eu deveria perguntar sobre Pete? Sobre Rick? Sobre a permanência no emprego?

Existia ainda aquela sombra sobre a doação de óvulos. Jessie me ligara no começo da semana e levava apenas quarenta segundos para abordar o assunto.

— Então, Christelle, não quero pressioná-la, mas você pensou sobre o que conversamos?

Minha irmã procurava ser delicada, pensei. Não iria facilitar as coisas para ela.

— Sobre o quê? — fiz-me de inocente.

— A doação dos óvulos.

— É mesmo! Desculpe... — Fiz uma pausa e respirei fundo. — Olhe, Jessie, para ser sincera, a ideia me parece um tanto esquisita. Não sei se estou preparada para participar de uma experiência de inseminação artificial.

Esperei que ela explodisse ou começasse a me acusar de egoísta, mas Jessie permaneceu calada.

— Digo... sei que não quero ter filhos agora, mas não me sinto bem a esse respeito. Acho que não posso fazer o que me pede.

As palavras me escaparam. Era verdade, era o que estava pensando, mas não tinha planejado falar isso para Jessie.

Minha irmã continuou muda. Aguardei, enquanto enfileirava uma linha de cliques de papel.

— Jessie... — arrisquei.

Imaginei ouvir um soluço, mas a voz dela pareceu controlada:

— Eu entendo. É pedir demais. Ethan diz a mesma coisa. Ele fala que seria melhor usar óvulos de uma estranha. De qualquer modo, obrigada por pensar a respeito.

Foi uma declaração linear, monocórdica. Cerrei as pálpebras e apoiei a cabeça no encosto da cadeira. Sua pronta aceitação do desfecho só me fez sentir-me pior.

— Jessie, sinto muito, muito mesmo.

— Eu sei. Não se preocupe. — Pigarreou. — Tudo acabará bem. Agora, preciso desligar. Tenho de preparar uma petição em trinta minutos. Ligo mais tarde, está certo?

Quando Jessie desligou, apoiei a testa nas mãos. Eu tomara a decisão correta, não? Se era assim, por que me sentia tão culpada?

Abri as cartas do taro, e Jane as observou com atenção.

— Muito melhor! — elogiou, satisfeita.

— É mesmo?

De acordo com Jane, a vida iria melhorar para mim. Ela viu reconhecimento no

trabalho e, pelo menos, dois homens competindo por meu amor.

— E você também irá viajar ou receber mensagens de amor — disse ela, mostrando uma carta do naipe de paus.

— Muito bom. — Suspirei. — Viagem, mensagens de amor... Talvez eu conheça um belo rapaz, livre e solteiro, no avião.

— Lembre-se: eu disse que tudo isso vai acontecer nas próximas semanas. — Jane recolheu as lâminas com excesso de seriedade.

Odeio quando ela tem razão!

CAPÍTULO XIX

O VALETE DE COPAS

Um rapaz formoso; talvez seja o mensageiro de boas novas.

Foi isso o que as místicas lâminas de taro de Jane predisseram.

Com relação à viagem, nada de espetacular. Fui convidada para o casamento de uma antiga amiga do colégio. Terri e seu futuro marido, Brian, ainda viviam em Champaign. Ela trabalhava na universidade local, e ele, eu não sabia muito bem o que fazia.

Na realidade, ignorava tudo sobre o noivo. Nada surpreendente, levando em conta que não falava com Terri fazia quase três anos. Nós ainda trocávamos cartões de Natal, mas não podia mais considerá-la uma amiga.

Como recebi o convite apenas uma semana antes do matrimônio, supus que eu estava na lista B, ou talvez C, de convidados.

Contudo, eu poderia aproveitar a ida ao casamento para também visitar meus pais, algo que seria impensável dentro das férias de três dias. Desse modo, liguei para mamãe a fim de avisá-la de minha decisão.

— Quem?

— Terri Thompson, mamãe. Lembra? Ela era meio ruiva, tinha três irmãos menores.

— Ah, aquela garota que fumava... — recordou Bonnie, expressando desaprovação.

Tive de rir. Se a madre Teresa fosse fumante, isso teria negado por completo seu valor como pessoa, de acordo com Bonnie Elder. A mãe dela, minha avó, fumou durante toda a vida, e, em vez de crescer acostumada ao cheiro de cigarro, minha genitora o detestava. Reagia ao odor mesmo de longe.

Eu e minhas irmãs aprendemos a usar isso a nosso favor. Por exemplo, Missy, no ano anterior, namorou um sujeito que caiu nas graças de mamãe. Quando Missy o dispensou, Bonnie ficou desapontada.

— Era tão atencioso, filha. E também inteligente e bonito. Melissa olhou para mim e Jessie. Em geral, nossa mãe

achava que nenhum homem era interessante o suficiente para sua caçula. Agora que Missy tinha achado um, resolvera abandoná-lo.

— Ele é estranho, mãe. Nunca quer fazer nada com outras pessoas. Só comigo — dissera Melissa.

— Isso é bom, meu amor. — Bonnie apontou Harry, de olhos colados em algum jogo de basquete pela televisão. — Posso garantir que há coisas piores.

— E é avarento. Acha o máximo lanchar num fast-food. Melissa já resolvera que só se casaria com alguém que gastasse dinheiro com ela.

— O moço é econômico. Qual o problema? Por fim, Missy baixou seu trunfo:

— Preferia não dizer isso, mãezinha, mas ele fuma.

— O quê? Nunca senti cheiro de cigarro nele.

— Porque se controlava para causar boa impressão. Não se sabia se Missy estava

mentindo.

— Ah, então, tudo bem, filha. Esqueça esse jovem! O mar está cheio de peixes.

Assim, viajei para a residência de meus pais e para o "casamento da fumante". Podia ter convidado Pete, mas, para ser sincera, não queria apresentá-lo a papai e mamãe antes de garantir que havia algum futuro para nós.

Reservei a quinta e a sexta-feira para desfrutar minhas "férias". Na quinta, fui à lavanderia e fiz algumas compras antecipadas de Natal, ao lado de Jane. Abomino comprar de última hora.

Na sexta à tarde, parti para Champaign e passei o anoitecer com Bonnie e Harry.

Foi a mesma coisa de sempre. Papai me perguntou sobre o trabalho, mamãe, sobre a vida amorosa. Ele me ofereceu uma taça de seu vinho rose predileto, e eu falei sobre a

reorganização no escritório e minha nova chefe. Harry escutou tudo com muita atenção.

— Tem de provar que é indispensável, filha. Mostre a Petra Taylor que o departamento não funciona sem você.

Ora bolas, eu era tão dispensável quanto qualquer outro redator ou redatora do departamento! Qualquer um seria capaz de aprender o manual de redação. Qualquer recém-for-mado podia entrevistar consultoras e escrever resumos de duzentas palavras sobre novos produtos. Disse isso a papai.

— Esse é seu problema, Christelle. Sua atitude.

— Como assim?

— Lido com gente e administro suas funções há trinta anos. Sabe quais são meus melhores empregados? Aqueles que não se lamuriam a respeito de suas tarefas. Eles fazem bem-feito e sentem orgulho disso.

Permaneci calada.

— Trabalho é trabalho, Christelle. Não importa se você está abrindo valas, dirigindo um ônibus ou advogando, como sua irmã. É a atitude que faz a diferença. Acredite-me.

Pensei sobre o que meu amado Harry falou. Papai não costumava ser um grande conselheiro. Mamãe desempenhava esse papel na dinâmica familiar. No entanto, quando ele oferecia um conselho, sempre fazia sentido, mesmo quando eu resistia a admiti-lo.

De repente, tive uma visão de dez, onze anos atrás. Jessie era caloura na faculdade, e tinha vindo passar o Dia de Ação de Graças conosco. Eu ainda estava no colégio, e fiquei feliz por revê-la. Sentira muito sua falta.

Pela primeira vez na vida, Jessie se sentia estressada. Ela havia deixado de ser a número um de sua turma da escola para se tornar só mais uma entre milhares de alunos. Contou que vivia cansada.

Tudo era muito difícil. Sua companheira de quarto não respeitava seu espaço, as garotas do seu andar eram barulhentas e irritantes, seus professores, muito severos, as matérias, muito complicadas. Escutamos todas essas reclamações. Então, meu pai ergueu o indicador em riste.

— Por favor, pare! Se eu entendi bem, você acha que sua colega de quarto, as

garotas de seu andar, as aulas, os professores, o calendário, as matérias são seu problema... E se o problema for você?

Jessie encarou Harry e depois apertou os lábios com força. Em seguida, pendeu a cabeça.

— Desculpe-me. É difícil de verdade. Mais do que eu imaginava.

— Está dificultando as coisas, garota — afirmou papai, menos incisivo. — Você consegue, Jessie. É bem provável que seja a aluna mais inteligente de todas.

— Não mesmo. — Jessie secou os olhos. — Todos ali são inteligentes. Não é como no colégio, onde é fácil destacar-se.

— Bem, isso não importa — mamãe falou, com firmeza. — Nós confiamos em você.

Ponderei sobre o que meu pai dissera enquanto seguia para o casamento, numa igreja luterana na região leste de Urbana. Cheguei alguns minutos atrasada e sentei-me em um banco no fundo.

A cerimônia se desenvolveu como de praxe, embora transpirasse certo desânimo. As damas de honra usavam vestidos verde-escuros, sem mangas e bem cavados nas costas, não escondendo as tatuagens que possuíam.

Vi algumas pessoas que pareciam familiares, mas Terri foi a única que reconheci. De fato, parecia radiante, felicíssima.

Entrei na fila de cumprimentos. Terri não escondeu uma grande alegria ao me ver.

Senti uma pontada de inveja. Não que eu desejasse seu marido. Brian devia ter lá seus cento e vinte quilos e dava a impressão de que não chegaria ao quadragésimo aniversário. A inveja surgiu pelo fato de que um homem a amava o bastante para desposá-la.

Na festa, consolei-me ao imaginar que eles tinham uma chance de cinquenta por cento de se divorciar.

Droga! O que estava acontecendo comigo? Será que eu não podia me sentir feliz por eles?!

Desejei que Pete tivesse vindo. Pelo menos, ele faria gracejos a respeito das roupas dos convidados. Não era tão bom em zombarias quanto Jane, mesmo porque ninguém é, mas seria melhor do que nada.

— Perdão. — Tratava-se de um sujeito baixo e gordinho.

Ele tinha colidido contra mim, o que fez balançar meu vinho dentro da taça. Trinta minutos de festa, e já estava bêbado.

— Ei, vá com calma! — Fiz uma careta.

O rapaz foi agarrado por seu amigo, um homem alguns anos mais novo do que eu, de olhos azuis.

— Você quase derrubou a bebida dela, seu tolo.

— Não se preocupe. — E comecei a me afastar.

— Espere um segundo! Você não é a irmã da Melissa? Christina, Maristelle... Não! Christelle. Correto?

— Sim, isso mesmo... — Voltei-me para fitar o rapaz de olhos azuis.

— Sou o Matt. Matt Jacobsen. E quem seria Matt Jacobsen?

— Trabalhei no bilhar com a Missy. Acho que meu irmão, Randy, estava na sua

classe.

Ah, sim, Randy Jacobsen... Um menino esquelético, de cabelos ondulados e óculos. Lembrei-me dele. Sorri e olhei para Matt com mais atenção.

— Desculpe-me, mas vocês não são nada parecidos.

— Sou adotado.

— Sinto muito... — Mania de dizer o que não se deve!

— Não tem nada de que se desculpar. É apenas a razão pela qual nós não nos parecemos.

— Randy também é adotado?

— Não, ele é o filho biológico. Minha família fez o caminho inverso. As pessoas costumam adotar uma criança e depois se tem um filho biológico. Meus pais tiveram Randy primeiro, mas minha mãe não conseguiu mais engravidar.

O fato de não me recordar de Matt não me afligiu. Jessie e eu conhecíamos a maioria das amigas e companheiras de quarto uma da outra, pois nossa diferença de idade é pequena. Em relação a Missy, no entanto, existia uma faixa etária bem diferente. Eu também esqueci que suas amizades cresciam.

— Bem, por que veio até aqui?

— Trabalho com o noivo.

— Fazendo o quê?

Matt e eu recuamos do bar alguns passos, o que foi ótimo. O hall de recepção estava quase repleto.

Os recém-casados ainda não tinham chegado, mas o DJ já animava a festa com música rápida. Ninguém ainda se dignara a ir dançar. Mais álcool precisava ser servido.

— Ele é o gerente do Jiffy Lube. Sou da manutenção técnica.

Não consegui achar nada para dizer. Para ser franca, não imaginava emprego mais maçante, mas seria indelicado dizer isso. Talvez numa sábia estratégia, Matt apanhou duas bebidas para nós.

— Não é ruim, sabe? — Ele sorriu. — Além disso, toco baixo numa banda local. Largarei o emprego quando nossa carreira musical decolar.

Sorri. Ele parecia tão jovem, tão entusiasmado...

— Onde você está agora, Christelle? Chicago, não?

— Sim.

— Incrível! Adoraria morar lá. Esta cidade parece minúscula depois que terminamos os estudos fundamentais, sabe? — Abriu um grande sorriso. — Embora as garotas da faculdade sejam uma alegria só. Minha banda tem uma legião de fãs.

Isso não me surpreendeu. Matt era bem bonito, uma espécie de Brad Pitt mais novo e desleixado. E os olhos, de um azul maravilhoso.

— Elas jogam suas calcinhas no palco?

— Depende da sorte.

Matt mostrava-se atraente e simpático. Não consegui resistir. Ele me levou a uma mesa e nos sentamos para continuar a conversa.

— Onde você mora? Lincoln Park?

— Wrigleyville, a cerca de seis quadras do campo. Lugar para aqueles que não têm

empregos fantásticos ou fundos de investimento.

— É, eu sei como é. — Suspirou. — Adoraria me mudar para Chicago, mas não tenho recursos para isso. Se não morasse com meus pais, estaria perdido.

— E como você encara isso?

— Tudo bem. Eles são boa gente. Sou uma espécie de filhinho da mamãe.

— Acredito.

— O que posso fazer? As mulheres me adoram, incluindo minha mãe adotiva.

— Acho que a modéstia não é seu ponto forte, certo? — questionei, sorridente.

Não escutei a resposta de Matt, pois o DJ nos distraiu, colocando no ar a marcha nupcial a fim de anunciar a entrada dos noivos.

— Senhoras e senhores, aqui estão, em sua primeira aparição pública, o casal Terri e Brian Cardoff!

A multidão irrompeu em aplausos, e os anfitriões desfilaram pelo salão antes de ocupar a mesa principal.

— Que loucura, hein? — Matt meneou a cabeça. — Você ainda é solteira?

Confirmei.

— Ficar com a mesma pessoa para o resto da vida... Como pode? — continuou ele.

Não quis confessar que tinha fantasiado sobre casamento, pouco tempo atrás. Matt parecia considerar-me muito liberal, independente, sexy. A ideia me chocou. Que idade ele tinha? Vinte? Vinte e um? Por que apresentava-se como tão novo para mim?

— Essa coisa de casamento é muito para minha cabeça. — Ele me guiou até uma mesa. — Vamos nos sentar.

— Ah... não sei. Tem seu atrativo. — Pensei em meus pais, em Jessie e Ethan. — Na realidade, acho um objetivo válido ter uma união feliz.

Meu Deus, eu me confundia com uma conselheira matrimonial presbiteriana!

— Não sei, não. — Matt pegou um pãozinho do cesto que a garçonete pôs para nós e começou a mastigá-lo. — Meus pais, Christelle, estão casados há quase trinta anos e se xingam em cada frase.

— Creio que as pessoas permanecem casadas pelos motivos errados. Mas isso não significa que a instituição esteja falida.

— Talvez sim, talvez não.

A música abafou nossos comentários.

— Venha dançar! — Matt tomou minha mão, e eu o segui até a pista.

Em vinte segundos, perdi toda a inibição. Como poderia mantê-la se estava dançando... "dançando" era força de expressão... com um rapaz que não tinha escrúpulos de balançar o corpo inteiro de modo convulsivo? Lembrei-me do que Jane falara a respeito de um ex-namorado:

— Ele não era um bom dançarino. Era um dançarino divertido.

E Matt também.

Dançamos muito, inclusive Macarena, sob meu mais veemente protesto. Ao voltarmos a nos sentar, comemos um rosbife insosso, acompanhado de batata com molho cremoso. Após fazer uma observação maldosa sobre uma das damas de honra, Matt ofereceu-me mais bebida, que recusei.

— Não posso, estou dirigindo.

— Ora... Eu a levo para casa.

— Seria o mesmo problema, não?

— Já fiquei muito pior e dirigi certinho, sem nenhum acidente. — Deu de ombros.

Naquele momento, os convidados começavam a ir embora da festa. Senti um certo cansaço. Fora divertido, mas a fumaça, o barulho e o álcool vinham pesando.

— Matt, está ótimo, mas tenho de ir.

— O quê? Por favor! Vamos sair para a noite juntos, Christelle.

— Você já tem vinte e um anos?

Ele puxou sua carteira do bolso e mostrou o documento para mim.

— Identidade falsa!

Foi quando me senti muito velhota...

— Bem pensado, Matt, mas prefiro ir. Terei de acordar cedo amanhã — menti, e coloquei-me de pé.

— Não vá — insistiu, segurando meu pulso. — Podemos ficar mais um pouco.

Matt acariciou minha palma com seu dedo. Demorou um pouco para eu me dar conta. Então, sorri de maneira casta, virginal.

— Tenho muita idade para você.

— Gosto de mulheres mais velhas.

Não adiantou nada ele abrir mais um sorriso encantador.

— Ei, pedir não ofende, não é mesmo? — Matt ainda acrescentou, antes de eu desaparecer correndo dali.

CAPÍTULO XX

TRÊS DE OUROS

Habilidade e mestria num negócio; progresso material.

Na terça de manhã, eu estava sentada a minha mesa quando o telefone tocou. O identificador de chamadas revelou que era Petra.

Pigarreei antes de atender:

— Bom dia. Christelle, da Coddled Cook.

— Bom dia, Christelle. É Petra.

— Como vai?

— Bem. — Ela dispensou as preliminares. — Pode vir a minha sala às onze e quinze? Ou você já tem uma reunião agendada?

A entonação dela deixava claro que eu deveria dar-lhe prioridade.

— Não, não tenho nada marcado.

— Sendo assim, eu a aguardo.

Desliguei e senti uma súbita onda de náusea. O que Bobby tinha dito? Aquela era a semana em que a casa iria cair?

As lágrimas começaram a brotar em meus olhos. Seria demitida por causa de minha atitude inadequada. Meu pai estava certo.

Decidi ligar para Jessie.

— Escritório de Jéssica Elder Gentry — respondeu a secretária, cujo nome eu nunca conseguia recordar.

— Jéssica está, por favor?

— Quem quer falar?

— A irmã dela, Christelle — respondi, certa de que a secretária conhecia minha voz e só desejava me aborrecer.

— Um instante.

Houve um longo silêncio, e então escutei a voz de Jessie:

— Olá, Christelle. Como foi o casamento?

— Ótimo. Bem divertido. — Passei a falar mais baixo: — Jessie, não sei o que fazer. Acho que serei demitida.

— Ah, é? Por quê? O que você fez?

— Não fiz nada. É a reorganização. Tenho uma reunião com a diretora logo mais. O que devo fazer?

— Tudo bem, calma. Em primeiro lugar, você ainda não sabe se será dispensada. Talvez ela queira falar sobre outro assunto.

— Duvido.

— Vamos considerar a pior hipótese. Se sua chefe for despedi-la, pergunte o motivo. Exija razões específicas. Certifique-se de que está a par da posição da empresa.

— Por quê?

— Para ver se teremos de entrar com uma ação judicial. Rescisão ilegal de

contrato de trabalho, discriminação... esse tipo de coisa.

— O quê? Uma ação contra a Coddled Cook?

— Claro, desde que a estejam mandando embora sob algum pretexto ilegal.

Permaneci em silêncio. Não tinha pensado nisso. Ao contrário, já imaginava como encontrar um outro emprego, dentro de um mercado profissional deprimido.

— Christelle, minha irmã. — A voz de Jessie me trouxe de volta à realidade. — Calma. Talvez não seja nada. E se for o que imagina, tudo bem. Talvez nós aqui estejamos precisando de uma redatora para o setor de relações públicas.

— Trabalhar com advogados todos os dias? Não, obrigada.

— Só estou querendo ajudar. Olhe, ligue para mim depois da reunião. Ser despedida não é a pior coisa do mundo. Eu a ajudarei a elaborar seu currículo, se quiser. Surgirá outra colocação.

Meu Deus, por que eu não conseguia ser tão calma, tão prática quanto minha irmã? De fato, Jessie seria uma ótima mãe. Senti uma pontada de culpa.

— Tudo bem. Você está certa. — Suspirei e fechei os olhos por um instante. — Obrigada, querida.

— Não tem por quê, irmãzinha. Ligue para mim depois. Tenho depoimentos hoje à tarde. Se eu não estiver, deixe recado com Paige.

Paige. Esse era o nome da secretária.

— Combinado. — Desliguei o aparelho.

O usual zunzunzum das conversas e dos dedos nos teclados repercutiu a meu redor. Experimentei uma repentina angústia. Não que aquele fosse o melhor emprego do mundo, mas não era tão ruim assim.

O tempo se arrastou, mas, enfim, a hora marcada chegou.

Perra estava atrás de sua escrivaninha, com a porta entreaberta. Mesmo assim, bati.

— Entre, Christelle. Sente-se, por favor.

Ocupei a beirada da cadeira, quase caindo. Não iria chorar, nem me desesperar. Afinal, tinha amor-próprio.

— Alguma coisa errada? — Petra girou a cabeça. Trajava uma blusa vermelho-vivo, com grandes brincos dourados e um relógio de ouro.

— Não, não. — Eu devia estar parecendo uma idiota. Ou uma maníaca. Ou uma idiota maníaca.

— Christelle, lógico que você sabe que estamos passando por algumas mudanças importantes em nossa estrutura, unindo os departamentos de marketing e divulgação, por exemplo. E, como parte dessas mudanças, resolvemos trocar algumas pessoas de lugar para facilitar a reorganização.

— Sei, claro.

— Como parte de tudo isso, também criamos um novo cargo: gerente de publicações. E achamos que você seria a pessoa indicada para ocupá-lo.

— Como?! Gerente de publicações?!

Encarei Petra por um instante, a fim de constatar que não gracejava comigo. Pensei em Elaine. Ela vinha lutando por um desses novos cargos.

— Sim, com um aumento salarial proporcional, é evidente.

— Posso saber quanto?

Petra consultou uma pasta aberta diante dela.

— Você está ganhando trinta e oito mil dólares anuais, certo? — Sem esperar resposta, prosseguiu: — A partir da próxima semana, seu salário base será quarenta e três mil.

Nossa! Cinco mil dólares a mais por ano talvez não significassem muito para minha irmã, mas para mim era um valor sensacional!

— Que bom! Obrigada. Muito obrigada. Petra ficou de pé e estendeu-me a mão.

— Veremos o que você é capaz de fazer pela empresa nessa gerência, Christelle. Mais adiante, trataremos da descrição do cargo e de suas novas funções.

Retornei a minha saleta em absoluto pasmo. Eu era gerente! Iria gerenciar pessoas.

Quem, exatamente? Não tinha cogitado de perguntar, mas Petra logo respondeu a minha questão na forma de um e-mail, que descrevia a nova hierarquia de nosso departamento. Bobby, Rachell, Elaine e mais dois redatores autônomos se subordinariam a mim. A Coddled ainda contrataria outro redator para me substituir.

Bobby se aproximou de mim sem fazer ruído.

— Parabéns, chefe! Que façanha! Como conseguiu?

— Nem ao menos imagino.

— Soube de Elaine? Ela está furiosa. Rachell se uniu a nós.

— Olá, chefe. Parabéns!

— Obrigada.

— Recebeu uma boa compensação pela nova responsabilidade? — Bobby quis saber.

— Creio que sim.

De repente, senti certo desconforto. Nem Bobby, nem Rachell sabiam quanto eu ganhava. Na Coddled Cook, falar sobre salários era tabu, objeto de intermináveis especulações.

— Vejamos... — Bobby arrumou minhas tachinhas especiais no painel de madeira. — Irá ganhar cinquenta? Mais?

— Não, não — preferi esconder o jogo. — Está muito longe disso.

Bobby denotou surpresa e olhou ao redor antes de falar:

— Mas você tem de ganhar mais do que eu, correto?

— Não sei.

Antes que eu pudesse continuar, Cristal, uma das pagina-doras, apareceu, segurando uma cópia do boletim do mês seguinte.

— Christelle> preciso da sua aprovação final. Assim, poderemos editar. — E entregou-me a cópia. — Eu odeio dizer isso.

— ...mas você precisa do boletim já — concluí por ela.

Cristal aquiesceu.

Bobby estava agora enfileirando as tiras das histórias em quadrinhos em meu cubículo.

— Rachell foi almoçar. Você quer comer alguma coisa? Eu sabia que ele ansiava por ouvir-me relatar cada detalhe, mas acenei no ar a prova diagramada do boletim.

— Não, melhor não.

O almoço teria de esperar.

Chegara à última página quando o telefone tocou.

— Jessie!

— Então? O que houve?

— Não fui despedida.

— Eu lhe disse.

— Na verdade, fui promovida.

— Que incrível, Christelle! Viu só? Ficou preocupada por nada.

— De fato.

— Qual seu novo cargo?

— Sou gerente, agora. De publicações.

— Muito bom. Mais dinheiro também?

— Também. — Deixei por isso mesmo, e Jessie não insistiu.

— Fico feliz por você, querida.

— Obrigada. Conversaremos depois, combinado?

— Ah, espere! Esqueci. Por que você e Pete não vêm em casa no sábado, para jantar?

— Terei de perguntar a ele.

— Às seis e meia?

— Deixe-me falar com ele antes, Jessie? Ainda não estamos na fase de fazer planos sem consulta mútua.

— Ok. Mas se apresse e confirme amanhã.

— Você tem de saber na terça-feira se eu irei a sua casa no sábado?!

CAPÍTULO XXI

VALETE DE PAUS, LÂMINA INVERTIDA

Novidades desagradáveis.

Estava no chuveiro, depilando as pernas, quando notei algo estranho. Tinha uma perna apoiada na borda da banheira e, com cuidado, passava a lâmina na coxa. Senti a saliência com meus dedos antes de vê-la.

Parecia um grande inchaço. Entre minhas pernas, achei uma verruga esbranquiçada quase do tamanho de uma borracha de apagar lápis. Eu a cutuquei. Não doeu.

Mas meu coração disparou e me senti confusa. O que era aquilo? Algum misterioso câncer vaginal? Uma enorme dermatite?

Engoli em seco e desliguei a água.

O exame minucioso do inchaço só alimentou ainda mais meu pânico. Sentei-me nua sobre o tampo do vaso sanitário, com um espelho entre as coxas.

Também havia outro inchaço, menor, no lábio esquerdo. O que eram aquelas coisas horríveis? Por que descuidara de minhas partes íntimas?

Tentei não chorar. Repassei de memória tudo o que lera sobre doenças sexualmente transmissíveis.

Passei o resto do dia sem saber se sentia medo ou se me considerava ridícula. Sempre fora cuidadosa. Não podia ser nada. Quem sabe herpes? Ah, meu Deus, herpes! Não há cura para herpes!

Não podia ser Aids. Rematado absurdo.

Procurei lembrar-me dos sintomas. Afinal, eu era filha dos anos oitenta. Cresci com a ideia de sexo seguro. Rick foi o único que fez sexo comigo sem usar preservativo. A sensação de tê-lo dentro de mim sem nada entre nós foi esplêndida, poderosa e excitante.

— Christelle, é incrível! — ele sussurrara ao se apossar de meu corpo dessa forma pela primeira vez.

Na época, estávamos juntos fazia quatro meses. Depois, fizemos os exames laboratoriais, que deram negativo. Mesmo assim, a ideia de fazer amor sem proteção parecia o maior risco que eu já assumira. Mas eu resolvi encará-lo, então...

— Adoro estar dentro de você sem nada entre nós — Rick afirmara.

De minha parte, havia sentido uma torrente de emoção tão forte que quase chorei. Pareceu minha primeira vez. Não; melhor do que a primeira vez. Muito melhor.

Ninguém mais me possuiu sem preservativo. Por isso, no caminho para a residência de Jessie e Ethan, consegui me acalmar um pouco.

Eu tinha sido uma garota mais do que precavida. Talvez estivesse sofrendo uma reação alérgica ao uso da calcinha fio-dental. Quem pode saber?

Forcei-me a esquecer o assunto por algum tempo, e me diverti com Pete, Jessie e Ethan. Ela preparou petiscos variados e saborosos, servindo três tipos diferentes de vinho.

Ethan e Pete passaram a trocar histórias, e tive um súbito lampejo. Se me casasse com Pete, poderíamos sempre fazer aquelas reuniões. Jessie captou meu olhar e sorriu. Soube que lhe ocorria a mesma coisa.

No entanto, não quis passar aquela noite com Pete. Quando deixamos a casa de Jessie, era perto da meia-noite.

— Você vem comigo até meu apartamento, Christelle?

— Desculpe-me, Pete, mas estou exausta. Quero ir direto para minha casa.

— Sério?

Não estava disposta a explicar-lhe os motivos. Se eu fosse com ele, Pete iria querer cama, e isso eu não ia conseguir, com aquela coisa entre as minhas pernas. Voltei a me desculpar e dei-lhe um beijo de despedida.

Enquanto retornava, dirigindo meu carro, perdi toda a calma que lograra manter. Agora, estava convencida de que sofria de algum tipo de câncer vulvar. Era o resultado de não ter me cuidado melhor!

Quatro dias depois, lá estava eu em posição ginecológica diante de minha médica. Havia ligado para seu consultório na segunda-feira de manhã, explicando à secretária que descobrira verrugas vaginais e precisava de assistência médica o mais rápido possível. A despeito disso, a moça informou que a consulta seria inviável naquela semana, e por isso comecei a chorar.

— Por favor, será que você não consegue me encaixar em algum horário? Estou muito assustada!

Por fim, ela marcou para quarta.

Podia sentir os dedos cobertos com a luva me examinando. Houve uma raspagem, e a médica pousou a mão sobre meu joelho.

— Pode sentar-se, Christelle.

Obedeci, puxando o lençol branco enrugado sobre o colo. A doutora descalçou as luvas e escreveu algo em meu histórico.

— Quero um exame de laboratório para ter certeza, mas tudo indica que seja um HPV.

— O quê?

— Isso mesmo. Papiloma Vírus Humano. Nada a ver com HIV. Na realidade, o HPV é muito comum. Há mais de uma centena de cepas, mas algumas provocam essas papilas iguais às suas. Aparecem nos órgãos genitais: nos lábios vaginais, em torno do ânus, lugares assim. Também podem invadir órgãos internos.

— Sempre fui tão cuidadosa!

— Você fez sexo sem proteção há pouco?

— Não. Os preservativos são os melhores amigos das mulheres. Acredito nisso.

— Isso é muito bom, mas acontece que os preservativos não são cem por cento seguros. Talvez você tenha se exposto ao vírus. Se seu parceiro tinha o vírus em torno da base do órgão sexual, por exemplo, o preservativo foi obsoleto.

— Não posso crer!

Encarei minha médica, aflita, e ela tocou-me o braço, num gesto de conforto.

— Isso é muito comum, Christelle, sobretudo entre as jovens. Milhões de nós têm

HPV. Muitas mulheres não sabem disso, porque os sintomas podem não se manifestar. Você tem sorte, pois só lhe surgiram duas papilas, e não vi nenhuma no interior da vagina. As duas podem ser removidas sem dificuldade.

A médica começou a me descrever o procedimento, mas não prestei muita atenção. Estava tentando imaginar quem eu iria responsabilizar: Javier ou Pete.

Marquei a retirada das papilas para a semana seguinte. De qualquer forma, senti vontade de nunca mais receber nada de ninguém dentro de mim.

Óbvio que não podia ter contraído o HPV de Rick. Ou podia?

Um pensamento terrível se apossou de mim. Será que Rick me traíra com outras mulheres, além de Jill? Poderia ter me exposto a todo tipo de germe, todo tipo de vírus, Aids, herpes, sífilis, gonorréia...

Minha médica pediu que eu fizesse exames para diversas outras doenças venéreas. Senti um grande alívio quando todos os exames deram negativo.

— Nunca mais irei para a cama com ninguém — afirmei para Jane, que quase morreu de rir.

— Volte a me dizer isso dentro de algumas semanas, querida.

— Estou falando sério.

No sábado de manhã, apesar do fato de ser um dia cinzento de novembro, decidimos fazer uma caminhada. Jane achava que sua aparência mais roliça do que o normal era a responsável pela recente falta de papéis dramáticos. Ela vinha seguindo uma dieta e começara a se exercitar todos os dias.

— Eu estou tão gorda quanto essa mulher?

Jane se referia a uma senhora corpulenta que acabara de passar por nós, carregando duas sacolas de compras.

— Pelo amor de Deus, garota! Ela tem uns trinta quilos a mais que você.

— Não sei... — Jane analisou-se. — Acho que temos quase o mesmo tamanho.

— Não. Você é muito menor. — Afastei-me alguns passos e a contemplei. — Sobretudo agora.

— Obrigada, querida. — Ela sorriu e deu um tapinha na barriga. — Cinco quilos a menos. É difícil, mas está funcionando!

— Você é um esqueleto ambulante.

— Gostei de ouvir isso!

Um desses corredores maníacos passou por nós, usando apenas short e camiseta. Tinha pernas lindas, fato que comentei.

— Quem foi mesmo que disse que não vai mais fazer sexo? — gracejou Jane.

— Fiquei bem assustada com o que me aconteceu. Achei que estava me cuidando direitinho e que não podia me acontecer nada. Eu poderia ter pegado Aids, sabia? E ainda não sei a quem responsabilizar.

— Como não? Javier ou Pete. — Jane exercitou os braços com vigor. Seu rosto estava lustroso de suor.

— Sei lá. De qualquer modo, acha que um deles iria admitir?

— De quem você suspeita?

— Não quero acusar ninguém, mas acho que foi Javier.

— Por quê?

— Porque ele é mais promíscuo. Acho que Javier tem mais chances de pegar uma doença do que Pete.

— E Rick?

— Duvido. Se tivesse pegado dele, o problema teria aparecido antes. Mal posso esperar pelo dia de remover essas monstruosidades.

— Deve conversar com eles, Christelle. Javier ou Pete, ou os dois, tem o vírus e não sabe.

Na terça-feira, voltei à médica. Doeu e ardeu na hora, mas não foi tão incomodo quanto eu temera. Dali em diante estaria livre das verrugas, e me decidi a assim continuar. Mas sabia que Jane tinha razão. Devia falar com Javier e Pete.

Liguei para Javier. Tive de explicar do que se tratava e sugerir que ele consultasse um médico.

— Não sou responsável por isso — afirmou, com frieza. — Sempre uso preservativo.

— Eu sei, mas não é suficiente. A proteção não é total.

— Que bom! Quer dizer que agora terei de consultar um médico porque apareceram algumas verrugas em você?

— Só duas, Javier. E não adianta ficar zangadinho. Tudo indica que elas apareceram por sua causa!

— O quê? Antes de conhecer você, nunca tive reclamações desse tipo. Não tente me culpar, sua...

Era o fim de meu caso com Javier. Bem, tinha sido divertido, não?

Com Pete, resolvi conversar pessoalmente. Assim que abri a boca, soube que cometera um erro. Não por falar com ele, mas por não ter suspeitado.

Pete enrubesceu e desviou o olhar de mim.

— O que houve, Pete?

Estávamos sentados nas extremidades opostas do sofá, em minha sala.

Ele pigarreou.

— Quer dizer então que apareceram essas verrugas?

— Sim. Por isso estamos tendo esta conversa.

— Droga... Sinto muito, Christelle. — Ele se inclinou para a frente e apoiou a cabeça entre as mãos.

— Pete, você sabia! — exclamei, encarando-o. — Como pôde fazer isso comigo?!

— Usamos proteção, certo? Acreditei que seria suficiente. Há séculos que não me aparece erupção alguma. Imaginei que estava tudo bem.

— Você imaginou... Também se tratou?

— Não. — Fitou as mãos. — Mas minha ex-namorada teve algumas erupções.

— Não acredito! — Fiquei de pé. — E se você tivesse Aids? Ou herpes? Teria tido a bondade de me dizer? — Cruzei os braços sobre o busto. — Sabe de uma coisa? Quero que vá embora.

— Christelle, se eu soubesse que poderia passar isso para você, teria contado, juro.

Ele tentou segurar meu braço, mas não permiti. Entrei na cozinha, mantendo-me de costas para Pete.

— Saia! Não quero mais tornar a vê-lo. Obediente, Pete desapareceu.

CAPÍTULO XXII

NOVE DE COPAS

Celebração; consumo abusivo de comida e bebida.

Toda mulher solteira sabe que existe um período durante o qual ela pode viver sem sexo. Ele começa imediatamente após uma sessão muito boa, bem quente. Naqueles primeiros minutos pós-clímax, temos a ilusão momentânea de que tudo está em harmonia no universo.

A ideia de sobreviver sem sexo, pelo menos por um tempo, parece racional, inclusive muito fácil.

Uma semana, duas semanas, talvez um pouco mais, ainda é factível. Mas na terceira, a abstinência começa a perturbar.

Ei não sabia o que era intimidade com um homem fazia mais; de vinte dias. Sabia por experiência que, se nas semanas seguintes a situação perdurasse, passaria a agredir as pessoas no trabalho. Sentia falta de ser tocada, beijada, acariciada, penetrada, de alcançar o êxtase.

Todavia, também sabia que, ultrapassada essa fase, meu nível de desejo começaria a diminuir. E dois meses depois, o sexo se assemelharia às férias: muito divertidas, mas também repleta de problemas.

Evidente que viajar é maravilhoso, mas você tem de escolher um lugar para ir, fazer reservas, arrumar as malas, chegar no aeroporto, lidar com o aborrecimento da segurança, ficar na fila, entrar no avião, procurar o assento, chegar ao destino, esperar a bagagem, achar o furgão que conduz ao hotel... Então, exausta, desidratada e irritada, você tem a obrigação de sair e se divertir.

— Isso é loucura de sua cabeça — afirmou Jane, assim que dividi minha percepção com ela.

— Você não entendeu. O sexo é o destino, mas você tem de lidar com todos esses outros pormenores para chegar lá. Achar o camarada certo, os primeiros encontros, tentar imaginar quanta bagagem o sujeito tem...

— Mas essa é a parte divertida, menina! Nunca sabemos o que irá acontecer.

Estávamos indo para a casa de meus pais, para passar o feriado do Dia de Ação de Graças. Resolvi convidar Jane, que, para minha surpresa, aceitou. A mãe dela vive em Mia-mi, o pai, em Nova York, e Jane não os vê com frequência. Os dois se divorciaram quando ela contava nove anos, e voltaram a se casar com outras pessoas.

Sua mãe tinha três meninos do segundo casamento. Jane acha que ela quer que a visite só para cuidar das crianças.

O pai é um mago das finanças que ganhou muito dinheiro em Wall Street, e depois abriu sua própria empresa de consultoria. Casou-se com uma mulher só um pouco mais velha que Jane.

— Uma cabeça-oca completa — disse-me ela. — Uma deslumbrada.

— O que sua madrastra faz todos os dias?

— Cuida das unhas, faz compras e embrulha as coxas para evitar celulite. Não sei

como papai pôde ter se envolvido com alguém assim. Minha mãe, se não é muito melhor, ao menos tem miolos. Sheila é apenas um saco vazio, dotado de cabelos.

— Meu Deus!

— Mesmo quando criança, eu sabia que meus pais não eram felizes. Eles sempre brigavam — prosseguia Jane.

Enquanto a amiga desabafava sobre sua família, quase não me manifestei. Voltei a pensar em minha sorte de ter entes queridos mais ou menos normais.

— Ei, dê uma parada aí! — Jane apontou para um posto de gasolina no acostamento. — Tenho de ir ao banheiro, e também quero fumar.

— Não se esqueça: você não poderá fumar na casa de meus pais. Minha mãe teria um ataque.

— Tudo bem.

Estacionei no posto e reabasteci o automóvel. Fui à loja de conveniência, onde tomei água e degustei um petisco qualquer.

Quando retornei, encontrei Jane encostada no carro, fumando. Seus cabelos recém-pintados de loiro-esverdeado combinavam com o batom rosa-choque. Os caminhoneiros não conseguiam deixar de mexer com ela, quando saíam de suas jamantas e iam comprar cigarros e bilhetes de loteria.

— Quanto falta? — perguntou Jane, já dentro do veículo. Ela não dirigia e não gostava de viagens de carro. Preferia

o trem, em que cada parada e destino eram anunciados com antecedência.

— Vinte minutos até Bloomington e mais uma hora até meus pais.

Era minha vez de apanhar a caçula na faculdade. Jessie e Ethan viriam só no dia seguinte, e Melissa tinha de trabalhar na biblioteca até as três da tarde daquele dia.

Encontramos seu alojamento, pegamos Missy junto com duas bolsas imensas, e retomamos a estrada.

Missy tinha muita vontade de conhecer Jane, de quem até então só ouvira falar.

— Você já trabalhou no cinema, Jane?

— Cinema? Tenha dó, Missy. Eu faço teatro, querida. — Ela destacou cada sílaba da frase, e Melissa e eu rimos.

— Qual é a diferença? — Missy quis saber.

— Qual é a diferença?! Teatro é real. Cinema, não. Você assiste ao filme, e cada cena, cada enquadramento, cada diálogo, a trilha sonora, a iluminação, tudo é planejado. Fazem

vinte, trinta tomadas, até mais, para escolher a melhor. Cobrem os atores de maquiagem. Usam doubles. É tudo fictício. Jane fez uma pausa.

— O teatro é vivo. É vida. Está a sua frente. Não se tem o luxo de um dose para expressar uma emoção. Tudo fica por conta de sua voz, sua expressão e seu corpo.

— Nunca pensei nisso sob esse prisma — comentou Melissa. — E você não fica nervosa no palco?

— Sem dúvida! Mas posso sentir a plateia. É quase um ato sexual. É poderoso.

— Jane! — exclamei.

— O que foi? — Ela me encarou.

— Trata-se de minha irmã caçula!

— Ah, por favor, você só está dizendo isso porque é a irmã do meio. — Melissa meneou a cabeça. — Acha que não mereceu o mesmo cuidado da filha mais velha, nem recebeu o mesmo amor da mais nova.

— O que isso significa? — indaguei.

Algumas aulas de psicologia, e agora Melissa pontificava como grande especialista.

— Que você só se sente à vontade quando suas irmãs desempenham papéis preestabelecidos. Jessie é a mais velha, super-realizada. Eu sou a menininha que todos acham que nunca irá crescer. E você é a do meio.

— E o que faz a do meio?

— É a mediadora. Ajeita as coisas, acalma as pessoas, resolve os problemas.

— Isso tudo parece uma psicobobagem, para mim. Chegamos a nosso destino.

A porta da garagem estava aberta, e Harry varria seu interior.

— Duas de minhas meninas! — Papai limpou as mãos e nos abraçou. — E Jane, certo? Uma atriz sob nosso teto. — Curvou-se, numa reverência. — Estamos honrados.

— Obrigada, sr. Elder. — Jane assumiu sua faceta mais amável.

— Vamos entrar, por favor.

Bonnie estava ao telefone, mas acenou para nós. Melissa passou por mim, arrastando a bagagem para seu quarto.

— Feliz Dia de Ação de Graças! — cumprimentou mamãe, assim que desligou o aparelho.

Sorrindo, ela abraçou a mim e depois Jane.

Minha mãe nos pôs para trabalhar, e passamos a cortar e picar verduras. No dia seguinte, às sete da manhã, Bonnie colocaria o peru no forno para assar, e nos sentaríamos para comer às duas da tarde. A rotina do Dia de Ação de Graças nunca se modificava.

— Então, qual é o plano para hoje à noite, Christelle?

— Sair, Jane. Iremos no Hole.

Por algum motivo, o Watering Hole, um bar em Urbana, havia se tornado o ponto de encontro dos nativos de passagem.

— Também quero ir!

— Você só tem vinte anos, lembra, Missy?

— Eles não irão pedir a carteira de identidade no feriado, Christelle. Além do mais, conheço alguns rapazes que trabalham lá. Não haverá problema.

Combinamos de sair um pouco depois das oito. Jane estava usando suéter, saia, meias e botas, tudo preto. Eu, uma calça justa preta e uma blusa de gola alta verde, que ressaltava meus seios. Minha irmã preferiu calça de cintura bem baixa e um top verde.

— Ei, você vai sentir frio! — alertei Missy.

— Todas as meninas da faculdade se vestem assim — respondeu-me, arrumando-se diante do espelho. — Você está com inveja.

E rebolou os quadris para mim, dando risada.

— Tem razão, querida. Gostaria de voltar a ter vinte anos.

— Eu também! — Jane ajeitou os cabelos. — Belo traje, Missy. Perfeito para seu corpo.

— Você também está o máximo! — Melissa piscou-lhe.

— Muito bem, meninas... — Jane ainda se namorava diante do espelho. — É hora de irmos partir alguns corações.

O Hole era o mesmo de sempre; um salão comprido, com um balcão de bar num dos lados, algumas mesas de bilhar e alvos para dardos nos fundos, perto dos banheiros. Peguei os dois últimos assentos juntos no balcão.

— Aqui. — Acenei para Jane e Melissa. — Podem sentar-se. Eu fico de pé.

— Nada disso. Sentem-se vocês duas. — Melissa agitou a cabeça, examinando o salão. — Ei!

Ela fez sinal para dois rapazes e se afastou de nós sem dizer uma palavra.

— De repente, sinto-me muito velha.

— Ah, por favor, Christelle! — Jane acenou para o barman e pediu vodca para ela e uma taça de vinho para mim. — Sua irmã é boa gente. Tem aquele entusiasmo juvenil.

Jane acendeu um cigarro e olhou em torno.

— Então, essa é a cena do coração de Illinois. Nossa, as pessoas gostam muito de comer por aqui!

— Como assim?

— Elas parecem feitas numa escala maior do que os habitantes da cidade. — Jane se animou. — Isso me faz parecer ainda mais magra. Posso ser a rainha da noite!

— Deixe disso, você está ótima.

— Obrigada, querida. — Jogou os cabelos para trás. — De todo modo, há pouca competição no recinto.

A confiança inabalável de Jane não me espantava mais. O fato de que tinha dez, talvez quinze quilos a mais do que a maioria das mulheres no Hole não a perturbava.

Não reconheci ninguém entre os freqüentadores. Todos aparentavam ser muito jovens. Lembravam uma turma de faculdade, não um grupo de nativos de passagem.

Jane cutucou-me.

— Conhece aquele bonitão? Ele não tira os olhos daqui. Segui o olhar dela. Era Matt.

— Meu Deus, é Matt Jacobsen! O garoto que conheci naquele casamento.

— É ele? Céus, Christelle, o rapaz é lindo!

— Ele vem vindo.

Matt passou por um grupo de garotas, que não conseguiram tirar os olhos dele.

— Christelle! Achei que fosse você. Como vai?

— Tudo bem. Dia de Ação de Graças, reunião de família... Esta é a Jane, uma amiga de Chicago.

— Como está, Jane? Querem jogar bilhar? Olhei para Jane, que deu de ombros.

— Claro, por que não?

Seguimos Matt através da multidão. Dois outros homens ocupavam a mesa de bilhar.

— Esta é Christelle, e esta, sua amiga Jane — disse ele, apresentando-nos.

Soul Patch, também conhecido como Allen, disse que iria scntar-se, e Jane e eu enfrentamos Matt e seu amigo, Sean.

O primeiro jogo eles ganharam com facilidade, mas o segundo foi mais equilibrado. Não me importo de perder no bilhar. Só me aborreço se me saio muito mal.

No fim, também perdemos a segunda partida por causa de um erro de Jane. Mas, no terceiro jogo, eu me sentia no ponto certo.

O bilhar exige a quantidade exata de álcool. Se ingerimos pouco, os nervos podem nos fazer perder uma tacada. Se muito, a coordenação desaparece. No entanto, entre as duas situações, pode-se disputar com absoluta confiança.

Eu estava na medida, e podia senti-lo. Assim, consegui encaçapar diversas bolas seguidas.

Matt se aproximou de mim.

— Esperta, quente e campeã de bilhar — comentou, quase dentro de meu ouvido.

— Tenho outros talentos que você nem sequer imagina — provoqueei-o.

— É mesmo? Então me mostre.

— Bem... — Mordi o lábio e o encarei. — Escrevo textos esplêndidos para a Coddled Cook.

— O que é isso? — perguntou Sean.

— Utensílios para cozinha. Panelas, frigideiras, espátulas, essa linha e produtos.

— Ah, bom. — Sean sorriu.

— Isso não significa nada para ele. — Matt gargalhou.

— Em sua cozinha, Sean só tem caixas de pizza vazias e latas de cerveja amassadas.

Jane interrompeu essa discussão fascinante:

— Christelle, vou comprar cigarros.

Minha amiga lançou-me um olhar significativo, e tive a impressão de que levaria mais do que cinco minutos para que ela voltasse.

Jane se afastou, levando Sean consigo.

Matt e eu começamos outra partida. Em certo momento, inclinei-me sobre a mesa para dar uma tacada mais difícil.

— Não vou conseguir — pressenti.

— Você consegue, sim. Vou lhe mostrar. — Matt se aproximou, e se posicionou a minha frente para endireitar o taco.

Nossos quadris ficaram em perfeito alinhamento e bem próximos um do outro. Eu o contemplei, e ele sorriu.

Matt se curvou em minha direção, e não consegui resistir. Nós nos beijamos.

— Foi por isso então que você tentou sugar a língua dele? Porque o homem tem dentes bonitos? — Melissa não se conformava. — Aquele é um rematado idiota de pai e mãe, Christelle. De tanta droga que fumou, já queimou todos os neurônios!

— Não vou me casar com ele.

Estávamos voltando para casa. Melissa dirigia, enquanto Jane e eu ficávamos

rindo no assento traseiro, tratando-a como se fosse nossa motorista particular.

— Você fazia sexo com ele na frente de metade do bar! — afirmou minha irmãzinha.

— De jeito nenhum! Que ideia! — Empertiguei-me no banco.

— Estava, sim! Que vergonha, meu Deus... Você tem quase dez anos mais do que eu, Christelle!

— Relaxe, menina. — Jane abanou a mão.

— É muito desagradável. Você é minha irmã, lembra?

— Missy se virou para me encarar. — Minha irmã mais velha.

O carro deu uma guinada.

— Ei, garota! Olhos na estrada! — Jane franziu o cenho.

— Sim, eu sei. — Missy suspirou. — Essa é boa. Agora, tenho duas irmãs bêbadas.

A observação teria chamado minha atenção se não estivesse procurando meu batom sabor cereja.

— Achei! — Passei-o nos lábios e entreguei-o para Jane.

— Bom. Cereja...

Apenas na tarde do dia seguinte me lembrei do que Missy dissera.

Jessie e Ethan chegaram perto do meio-dia. Meu cunhado trouxe alguns charutos, daqueles horríveis pelo cheiro forte, e saiu com meu pai para a garagem, para fumá-los. Ficamos então eu, Jane, mamãe e minhas duas irmãs.

Missy ajudara na cozinha por toda a manhã, enquanto Jane e eu picamos mais um pouco de verdura. Estava de ressaca, mas agi como se me sentisse bem.

Jane saiu para se juntar a Harry e Ethan. Estava doida de vontade de fumar um cigarro. O primeiro do dia.

— O quê? Ela saiu para fumar?! — Jessie nem ao menos disfarçou o desprezo.

— Foi. É fumante inveterada — informou Melissa. Jessie encheu outra taça de vinho e pegou meu copo.

— Está deixando Jane dormir aqui dentro de casa, mamãe? Por que não a hospedou na edícula?

— Jane é amiga de Christelle, Jessie, e é bem-vinda.

— Fico surpresa que não tenha feito sua habitual ladainha: câncer de pulmão, doenças cardíacas, dentes amarelados, cabelos fedorentos, enfisema. — Jessie fitou o teto e meneou a cabeça. — Céus, não é você que acha que fumar é o maior pecado do mundo?

— Qual é seu problema? — quis saber Missy, encarando Jessie. — Você está mais maçante do que nunca.

— Missy! — Mamãe sacudiu sua colher de pau para ela.

— Não falei nenhuma mentira — resmungou Melissa, mas baixou a cabeça e não acrescentou mais nada.

Bonnie limpou as mãos em seu avental vermelho e foi dar um abraço em Jessie.

— Como você está, querida? Alguma novidade? Jessie denotava irritação.

— Estou bem, mamãe. Sem novidades. Ou não estaria bebendo, certo?

— Não foi isso o que eu quis dizer — aduziu minha mãe, apressada. — Como anda

seu trabalho? A casa? Ethan?

— O trabalho está igual. A casa, igual. Ethan... bem, pergunte para o próprio. — Jessie se pôs de pé, foi para a sala, sentou-se na poltrona de papai, ligou a tevê e começou a ir de um canal para o outro.

Nós três nos entreolhamos.

— Ela parece muito infeliz. — Mamãe respirou fundo.

— Jessie é maçante.

— Chega, Melissa! — Bonnie a fitou com uma firmeza que surpreendeu a mim e a Missy. — Perdão. Sei que Jessie é difícil, mas não somos capazes de entender o que vem enfrentando. Espero que haja algo que eu possa fazer.

— Creio que o melhor será deixá-la a sós, mamãe. — E peguei um biscoito.

Jane tomou a se juntar a nós. Pude sentir cheiro de cigarro nos cabelos e nas roupas.

— Seu marido é ótimo, sra. Elder.

— Pode me chamar de Bonnie, Jane.

— Há quanto tempo estão casados?

— Trinta e dois anos.

— Nossa! E qual é o segredo?

— Não sei se há algum. O casal tem de decidir que quer continuar casado e tem de lutar para que o casamento funcione.

— Esse deve ser meu problema. Tenho ainda de encontrar alguém com quem eu queira casar.

— Basta que ache a pessoa certa, Jane, e tudo fluirá com facilidade.

Fomos para a sala de jantar, para o banquete.

Minha mãe tinha preparado o usual: peru recheado, purê de batata, molho de carne, creme de milho e pão.

Missy tentou apanhar um pão, e Bonnie deu um tapinha na mão dela.

— Primeiro, a oração. Missy resmungou, mas anuiu.

— Senhor, neste dia agradecemos pelo alimento diante de nós, para nossa família e pelas nossas orações. Ajude-nos a agradecer com sinceridade por essa dádiva. Amém.

Seguiu-se um coro de améns.

— Quem vai querer peru? — Papai pegou a faca.

— Parece maravilhoso, Bonnie. — Jane, sentada a meu lado, serviu-se de um pouco de purê. — Nunca tive um Dia de Ação de Graças de verdade antes.

— O quê? Como assim? — Minha mãe se espantou.

— Minha família nunca deu atenção a esse tipo de feriado tradicional. Além do mais, meu pai viajava muito. Assim, quase sempre éramos apenas eu e minha mãe. Pedíamos comida chinesa ou alguma outra coisa.

— Comida chinesa no Dia de Ação de Graças? — Missy se deleitava com um pedaço imenso de peru. — É como se fosse um sacrilégio, não, mamãe?

— Cada família faz as coisas a sua maneira, mocinha.

— Sei lá. Acho meio esquisito. — Missy voltou a entregar seu prato para meu pai,

que pôs mais peito de peru nele.

— Há outras pessoas que talvez queiram um pouco de carne, Missy — afirmou Jessie.

— Sossegue. É um peru de quinze quilos.

— Só estou dizendo que seria bom que você se contivesse um pouco, antes de comer metade da ave.

— Já chega, meninas! — interveio mamãe.

No entanto, Missy e Jessie continuaram a se encarar. Eu não conseguia entender. Quando criança, Melissa idolatrava Jessie. Depois que alcançou a puberdade, ela mudou. Por um lado, porque Jessie foi para a faculdade; por outro, porque elas eram muito diferentes. Jessie adorava controlar, e Missy era... não quero usar o termo "preguiçosa", mas perrecebíamos que nossa irmãzinha não tinha muita ambição.

E eu? Estava em algum lugar do meio. — Ei, pessoal, é apenas um peru! — afirmei.

— Um peru! — Estou satisfeita. — Jessie afastou seu prato e se serviu de mais vinho.

— Estava ótimo, mamãe.

— Não quer mais mesmo, meu bem?

— Não, obrigada.

— Eu gostaria de um pouco mais de carne. — Ethan passou seu prato vazio para meu pai.

— Sabem quem eu vi outro dia, no supermercado? Jenny Dorning. Ela estava em sua classe, não é, Christelle?

— Não, mamãe. Jenny é um ano mais velha eu. Entre mim e Jessie.

— Ah, é isso mesmo... Bem, ela fazia compras com suas duas meninas. Gêmeas lindas. Você era amiga dela, Jessie?

— Não, mamãe. Mas eu a conheço, sim. — Jessie se recostou no espaldar. — Então, Jenny teve gêmeas? Que maravilha!

— Meu amor, não era minha intenção... Perdoe sua mamãe boba.

— Tudo bem.

Então, Harry se manifestou, tomando a mão de Jessie:

— Não se preocupe, filhinha. Você também vai conseguir. Houve um silêncio significativo. Ethan olhou para meu pai, e depois para sua mulher. Jessie fitou papai por um instante, e, então, bem devagar, cobriu o rosto com a outra mão e começou a chorar.

— Todos a esta mesa estão torcendo por você — Harry disse, sem largar a mão de Jessie. — Não se esqueça disso.

— Eu sei — Jessie murmurou. — Obrigada, papai. Ela levantou a cabeça e nos olhou.

— Desculpem-me. Perdão, mamãe.

— Meu amor, você não tem de se desculpar. Seu pai está certo. Lembre-se de que todos nós a amamos.

— Sim. Ainda que... — Missy começou a falar.

— Melissa Susan! — Bonnie a interrompeu.

— Tudo bem. — Missy mordiscou o lábio e sorriu. Jane assistira a toda a cena

sem tecer comentários.

No último ano, a infelicidade de Jessie tomara conta de todos os encontros familiares. Nós pisávamos em ovos perto dela, exceto Missy, e, para ser franca, eu estava um pouco farta disso.

Contudo, não revelaria esse fato para ninguém de minha família, pois iria parecer que eu era a pessoa mais egoísta do planeta.

Na sexta-feira, logo cedo, Jane e eu decidimos voltar para Chicago.

— Obrigada de novo por ter me convidado, Christelle.

— Você já me agradeceu dez milhões de vezes, garota! Além disso, meus pais gostaram muito de você.

— E seu cunhado, hein?

— Que é que tem ele?

— Há quanto tempo eles estão tendo problemas?

— Quem?

— Jessie e Ethan. Pelo amor de Deus, Christelle, você não percebeu?! Eles mal se falaram durante todo o dia. Acredita que isso tem relação com a dificuldade dela de engravidar?

— Imagino que sim. Eles pareciam muito felizes quando voltaram do cruzeiro.

— Mas férias pouco têm a ver com a realidade.

— Pode ser.

Passaram-se alguns minutos até Jane voltar a quebrar o silêncio:

— E sua história com aquele garoto?

— Matt? — Ri. — Nada a ver. Só diversão. Por quê? Céus, você é tão maldosa quanto Melissa. Também a envergonhei, Jane?

— De jeito nenhum. Pode fazer o que quiser, querida. No entanto, fico na dúvida se você não está pegando pesado demais.

— O que quer dizer? — Coloquei-me na defensiva. — Eu só estava me divertindo! Ora, você sempre diz que devo me arriscar mais!

— Sem dúvida, mas isso não significa que deva bancar a tola. — Jane me encarou. — Não estou criticando, Christelle. Talvez necessite de mais tempo para esquecer... você sabe quem... em vez de pular de galho em galho.

— É. Pode ser...

CAPÍTULO XXIII

DEZ DE COPAS, LÂMINA INVERTIDA

Traição; possibilidade de disputa familiar.

No fim de semana, decidi passar por cima do habitual pesadelo das compras posteriores ao Dia de Ação de Graças.

Naquele ano, para o Natal, nossa família concordou em trocar o mínimo de presentes, e eu já tinha adquirido lembranças para meus pais, Missy e Jessie. Só faltava encontrar alguma coisa para Ethan e Jane.

No sábado, fui à livraria e achei livros novos, incluindo o último lançamento de Sue Grafton. Passei a noite enrodilhada no sofá, lendo-o, e terminei na manhã seguinte. Como continuei inquieta, optei por fazer faxina.

Ao me aproximar da pia da cozinha, avistei uma barata.

Odeio esse bicho. Escutei que, para cada barata que vemos, existem cem outras escondidas.

— Que nojo!

Passei a observar minha cozinha. O piso estava todo gasto. O fogão era uma peça de antiquário. O armário, de alguma espécie de polpa de madeira de segunda, tinha sido instalado fora do prumo. As portas permaneciam um pouco abertas, por mais que se apertassem os parafusos das dobradiças.

Tinha trocado um lugar maior em LaGrange por aquele pequeno apartamento no andar térreo. O quarto e a sala ficavam em lados opostos de um corredor situado à direita da entrada. O estreito hall levava a uma saleta de jantar, à cozinha e a um banheiro. Havia feito o possível para melhorar a aparência do imóvel, mas a idade e a falta de manutenção do prédio eram imbatíveis.

Por que escolhera tal lugar? Quase dois anos ali e ainda não gostava dele.

No entanto, o aluguel era razoável, e preencheria aquela fantasia de que morar perto do centro seria interessante. Eu conhecera Jane, que vivia no andar de cima, quando estava carregando a mudança. Valeu a pena conhecê-la! Em seguida, conheci Rick, que não morava longe dali. Valeu a pena conhecê-lo? Não sei.

Sonhava com uma casa própria. Casa, não. Casa significava um quintal para cuidar. Um flat, com serviço incluído. Seria bom. Um endereço enfim meu.

Após uma rápida consulta aos classificados de imóveis, meu sonho acabou. Os valores pairavam muito além de minhas possibilidades. Mesmo para aqueles de apenas um dormitório.

Como as pessoas faziam? Mesmo se eu conseguisse juntar o dinheiro para o sinal, decerto não atenderia as exigências para obter um financiamento.

A não ser que eu me mudasse para o subúrbio, onde as minivans imperam e ninguém sabe o que é estacionar em fila dupla.

Será que existiam pessoas solteiras no subúrbio? É incrível como podemos mudar de ideia.

Na semana anterior, arrepiava-me o simples pensamento de sair do centro. Após

me ver metida em outro interminável congestionamento na volta do trabalho, porém, decidi que não seria tão ruim se eu morasse no subúrbio, em algum lugar a dez ou quinze minutos do escritório.

Jane achou que eu estava ficando louca.

— Christelle, meu Deus! Mudar para o subúrbio é o que você faz depois de casar, ter um filho e comprar um furgão.

Estávamos num café, sentadas a uma mesa na calçada, pois assim Jane podia fumar. Fazia um calor absurdo e um sol de rachar para um final de novembro, mas continuei embrulhada em meu casaco.

— Há muita gente solteira morando no subúrbio. — Mesmo que isso não fosse verdade, eu decidira que era o caso.

— Não, não há. — Jane bebericou seu café com creme.

— Caso contrário, eles não viriam para a cidade todo o fim de semana, em busca de companhia.

— Veja, não posso basear minha decisão na hipótese de conhecer algum homem. O que faço hoje em dia? Vou para o trabalho. Ao cinema. Almoçar fora. Saio com você. Posso fazer tudo isso morando no subúrbio. Além do mais, poderia adquirir meu imóvel próprio, e não enfrentaria esse trânsito miserável cinco dias por semana.

— E se você arrumar outro emprego, Christelle?

— Não sei. Esse não é tão ruim.

— Ah, não acredito! Você mudou de opinião a respeito dele?

— Bem, tive aquele aumento. E não podemos nos esquecer de que o mercado de trabalho está péssimo.

— Isso é uma desculpa, não um motivo. Está começando a virar um preguiçosa mercenária, sabia, Christelle?

— De modo algum.

— Está, sim. Trabalhando apenas por dinheiro. E seu espírito? E sua alma? E a busca de sua felicidade?

— E o dinheiro das contas? E o dinheiro para a comida? E o dinheiro para o aluguel? — imitei o tom de voz dela.

Jane acendeu um cigarro, ignorando a mulher de uma mesa próxima, que denotou desagrado.

— Os fumantes não têm consideração pelos direitos dos demais — disse a tal mulher, bem alto, para um casal vizinho.

— Se você se incomoda com a fumaça, não devia sentar-se na calçada — Jane retrucou.

— Você já viu alguém morrendo de câncer de pulmão? — A desconhecida encarou Jane. — É uma morte horrível.

— Você já viu alguém que não dá a mínima para isso? — Jane arqueou uma sobrancelha.

A mulher enrubesceu, bufou e deixou a mesa.

— Idiota intrometida! — Jane expeliu uma baforada. — listou cheia desses nazistas antitabagistas.

Não fiz comentário algum. Por mim, Jane podia fumar, contanto que não fosse em meu carro ou em meu apartamento. E para ser franca, havia certas ocasiões, em geral regadas a álcool, em que eu também sentia muita vontade ele fumar.

— E então, Christelle?

— Não sei. Estou deprimida. Sinto que há uma nuvem negra existencial pairando sobre minha cabeça. Vou para o trabalho, volto para casa, janto, vejo True Hollywood Story...

— O que você quer? O que a faria feliz? — Jane observou dois homens que passavam pela rua.

— São gays — disse-lhe.

— Eu percebi, mas tudo bem. Olhar não custa nada. — Alisou seus cabelos, que agora estavam castanhos. A tintura loira durara apenas poucas semanas. — Você gosta?

— Já disse que sim. Escute, eu me cansei de viver numa faixa. Ter um lugar só meu me faria sentir... adulta, sabe?

Jane produziu um esgar.

— E o que há de tão bom em ser adulta?

— Quero mudar meu estilo de vida. Moro meio que acampada, pago aluguel...

— Christelle, se você se mudar para Gengiva, Batville ou outro subúrbio de Chicago, nunca irei visitá-la.

— É B atavia o nome certo.

— Que diferença faz? Ter como vizinhos jovens executivos e afins!

— E eles também não estão em Lincoln Park, Lakeview e quase todos os demais bairros de Chicago?

— Talvez. Mas esses não são subúrbios. Os subúrbios, Pai do céu! Ao lado dos milharais!

— Sim, eu sei. Cresci em Champaign, já se esqueceu?

— Quer dizer que essa é uma tentativa de você retornar a suas raízes, metaforicamente falando.

— Não sei. Mas chega, está bem?

Começava a ficar aborrecida com a segurança de Jane, que nunca cogita de estar errada.

Por sua vez, Jessie achou que a mudança era uma ótima ideia.

— Não sei por que você não pensou nisso antes, Christelle.

— É. Tudo tem sua hora. E então, irmã? Como vai Ethan?

— Tudo bem, acho. Quase não o vi nas últimas duas semanas. Estou no meio de uma causa que está quase indo a julgamento. É em Omaha. E tenho de ir.

— Quanto tempo ficará fora?

— Oito ou nove dias, a princípio. — Ela mudou de tom: — Quase esqueci. Vamos dar uma festa para celebrar nossas lírias. Daqui a duas semanas, contando a partir do próximo sábado. Traga quem você quiser. Posso ir sozinha?

— Evidente.

— Pete estará lá?

— Não sei, Christelle. Ele é amigo de Ethan. Acha que devemos eliminá-lo de nosso círculo social porque você decidiu que ele é aborrecido?

Essa foi a história que contei para Jessie. Não mencionei tuas verrugas. Minha irmã, sem dúvida, contaria para Ethan, e a notícia se espalharia aos quatro ventos.

— Eu lhe mandarei um convite. Agora, Christelle, preciso desligar. Nós nos falamos mais tarde.

Na semana que se seguiu, não tive notícias de Jessie. Presumi que tivesse viajado.

Na sexta-feira à noite, um grupo da Coddled Cook foi ao Max & Erma's para beber cerveja e decidiu ir também a outro bar próximo.

Eu tinha bebido uma taça de vinho e depois mudei para refrigerante dietético, pois viera dirigindo. Rachell pegara carona comigo, e combinamos de encontrar os colegas do trabalho no outro bar. Rachell já se mostrava meio alta.

— O rapaz não era maravilhoso? — perguntou ela, quase enrolando a língua.

— Qual deles?

Rachell baixou o quebra-sol do automóvel para examinar seus cabelos.

— Aquele que jogava bilhar perto de nossa mesa. Alto, calça de sarja, camisa azul...

— Metade dos presentes usava calça de sarja.

— Por favor, você sabe de quem estou falando. Cerca de um metro e oitenta, magro, cabelos escuros...

— Aquele? Por Deus, é muito magro! Precisa ganhar uns vinte quilos...

— Não, eu gosto assim. Magro, moreno, intenso.

— Qual é a lógica? — Olhei para o espelho retrovisor e dei seta para a direita.

— Garanto que é um intelectual. Talvez um escritor. Ele se envolve tanto com o que faz que se esquece de comer. Isso é muito romântico.

— O que há de tão romântico em ser um escritor? Afinal de contas, você também é uma escritora.

— Não, não sou uma escritora de verdade. Aquele rapaz escreve porque não pode deixar de escrever. Tortura-se com a necessidade de expressar seus sentimentos mais profundos. — Ela enrolou uma mecha de cabelos em torno do seu dedo, sonhadora. — Ou talvez seja um músico.

— Ou então o magrela passa as noites jogando videogames. Esse é o real motivo pelo qual ele se esquece de comer.

— Não seja cruel! — Rachell passou a escovar os cabelos. — Parece ser um desses sujeitos tímidos, que nunca falaria com você primeiro, mas que a trataria como uma rainha. — Suspirou.

— Meu bem, você irá conhecer alguma outra pessoa que combine com seu perfil.

Sem dúvida, ela estava pensando no seu último caso, Willie, um funcionário do departamento de expedição. Willie a descartara. Rachell me confidenciara ter feito sexo com ele no segundo e definitivo encontro.

Passamos pelo bar.

— Você está vendo alguma vaga para estacionar?

— Não — respondeu Rachell, depois de girar a cabeça para a direita e para a

esquerda. — Mas olhe, há um estacionamento logo ali.

Deixei o carro e caminhamos até o estabelecimento.

Os frequentadores eram um pouco mais velhos, pesados e bem vestidos do que no Max & Erma's. Além dos onipresentes rapazes e garotas de vinte e poucos anos, viam-se muitos homens na casa dos trinta e quarenta, e também alguns pares sem dúvida casados.

— Está vendo alguém conhecido, Rachell?

— Sim, ali estão Howie e Mike.

Segui Rachell através da aglomeração. Mal se podia ouvir o fundo musical, por causa do barulho das conversas e risadas. Em certo momento, algo chamou minha atenção.

Era Ethan. Meu cunhado usava uma camisa branca e uma gravata azul e amarela. Conversava com uma mulher. Estavam bem próximos. Pude ver, mas não ouvir, a risada dela. De brincadeira, ela empurrou o peito de Ethan. Ele então agarrou-lhe a mão e a puxou para junto dele. A jovem riu e inclinou a cabeça.

Ethan a soltou e olhou em torno.

— Droga! — Escondi-me atrás do pilar.

Meu coração bateu com força e fiquei com náuseas. Sabia definir o que tinha visto, mas não quis admitir.

Encontrei o resto da turma e fiquei no bar mais uma hora, sem conseguir relaxar. Pedi outro refrigerante dietético e passei o tempo todo vigiando Ethan de meu posto de observação. Quis chegar mais perto e examinar a acompanhante dele, mas desisti porque poderia ser vista. v — Está olhando para alguém? — Rachell quis saber.

— O quê? Não, não... Só observando os frequentadores — disse eu.

Mais tarde, deixei Rachell em casa. Ethan não poderia ter agido como agira. Meu Deus, o que eu iria fazer?!

CAPÍTULO XXIV

A LUA

Pode significar falta de sorte para aqueles que você ama.

Na segunda de manhã, eu ainda reprisava o que havia visto. Talvez meu cunhado e a mulher do bar fossem apenas bons amigos. Eu mesma teria rido daquele jeito se estivesse com Bobby.

Mas presenciei algo na linguagem corporal deles que comprometeu Ethan. Estavam muito juntos, mesmo considerando o barulho do ambiente. Só se fica tão perto assim de alguém que se conhece com intimidade. Ou quer conhecer.

Eu ainda não tinha comentado o fato com ninguém. No fim, liguei para Jane. — Olá, sou eu.

O que há de novo no mundo dos cortadores de tomates a batadeiras de aço inoxidável, Christelle?

— Nada de especial. E você?

— Estou me vestindo. Consegui um trabalho de revisão. Num escritório de advocacia.

— Coisa boa?

— É temporário, mas paga bem, vinte e cinco dólares por hora.

Ela disse o nome do escritório. Não era o de Jessie. — A que hora você sai?

— Oito da noite.

— Quer jantar comigo, Jane?

— Claro, por que não? Você me apanha? Acho que vai nevar, e não estou disposta a enfrentar neve.

Concordei. Poderia ficar na Coddled até mais tarde e terminar o esboço do calendário editorial para o ano seguinte.

Como de costume, todos a meu redor começaram a desligar seus computadores e juntar seus pertences às quatro e quarenta e cinco, sem esperar o horário regulamentar das cinco horas.

Rachell e Bobby pararam para se despedir.

— Ficaré até mais tarde de novo? Acho que você já está sonhando com a diretoria, não? — Bobby brincou.

— Vão embora. Vão para casa. Parem de me atormentar!

— Christelle, esqueci-me de dizer. Precisarei faltar na sexta-feira. Tudo bem?

— Como eu poderia dizer "não" para você, Bobby?

— Obrigado, querida. — E me jogou um beijo.

Observei-o se afastar. Por esquecimento, não verifiquei o número de dias de férias ao qual Bobby ainda tinha direito. Deveria me acostumar a certas tarefas administrativas.

Quando meu telefone tocou, assustei-me. Consultei o relógio: cinco e vinte e nove. O identificador dizia "desconhecido".

— Obrigado por chamar a Coddled Cook. Sou Christelle. Posso ajudar?

— Ah, Christelle, você ainda está aí! — Era Petra. Ela deu risada. — Achei que ia ser atendida por sua secretária eletrônica.

— Não, sou eu de verdade. Algum problema?

— Não. Fico contente que não tenha ido embora. Preciso que prepare para mim uma proposta sobre nosso website para uma reunião na quarta-feira. Ia deixar os detalhes em sua secretária.

— Mas não é a Elaine a responsável por nosso website? — perguntei com cautela.

— Sim, mas ela está ocupada com outros projetos que pedi. Seria ótimo se você pudesse cuidar disso. Sei que é uma coisa de última hora...

As palavras eram de desculpa, mas a entonação dela, não. Pensei em minha lista de reuniões agendada para o dia seguinte e suspirei. Pelo visto, teria outra longa noite.

— Diga-me o que você quer e começarei hoje mesmo.

— Excelente, Christelle! Eis o que eu quero. — Petra apresentou sua ideia e tomei nota. — Você entendeu?

— Sim, creio que sim. Amanhã à tarde levarei minhas sugestões para você.

Houve uma pausa. Pude ouvir a estática de seu telefone.

— Antes do almoço seria melhor. Assim poderei fazer algumas mudanças e devolver a você.

— Tudo bem. — Desliguei e consultei minhas anotações. Era melhor começar naquele minuto.

Elaborei um rascunho preliminar sobre o estado atual do *website*, omitindo estatísticas tais como quantas consultoras visitam o *site* e assim por diante. Poderia obter essas informações com Elaine, na manhã seguinte. Ainda necessitava de algumas horas dedicadas ao trabalho, mas poderia terminar e aprimorar no dia seguinte.

Peguei minha bolsa e me dirigi ao estacionamento. Naquele horário, levei apenas trinta minutos para chegar a meu bairro.

Encontrei Jane na entrada do edifício. Ela estava embrulhada num pesado casaco marrom e tinha um xale posto sobre a cabeça e em torno dos ombros. Abriu a porta do automóvel e entrou, esfregando as mãos.

— Minha heroína! Como odeio Chicago no inverno! Obrigada por me pegar.

— Por nada. Como vai a revisão?

— Deus do céu! Fico lendo aqueles memorandos jurídicos, e metade deles não faz o menor sentido para mim. Mas só reviso a ortografia, os erros gramaticais, os de pontuação... coisas assim. Pelo menos, o pagamento é bom. — Começou a puxar um cigarro do maço, mas lancei-lhe um olhar de reprovação. — Está bem, desisto. Aonde vamos?

— Qualquer lugar.

Nevava pesado no momento. Eu mal conseguia enxergar a rua.

— Pegue a direita, Christelle. Há um Giordano logo ali. Eu gostaria de algum estabelecimento menos perto de casa, mas sentia fome.

Um garçom nos indicou o lugar e ofereceu dois cardápios de plástico. Pedimos uma pizza de espinafre, cebola e cogumelos.

— Quanto tempo vai durar esse trabalho, Jane?

— Uma semana. Estou no lugar de alguém que saiu de férias. — Sorveu um gole de refrigerante. — Mas já fiz teste para uma nova peça.

— Do que trata?

— É sobre uma família desajustada, e toda a ação acontece durante um casamento. Eu faria a ovelha negra da família: a caçula que nunca faz nada direito e aparece sem aviso.

— Ela não foi convidada para a cerimônia?

— Não. É praticamente o personagem central, um grande papel.

— Espero que você consiga.

— As cartas parecem positivas. — Jane apanhou um guardanapo para limpar a mesa. — Mas não quero falar muito sobre isso. Sabe bem como fico ansiosa.

— Sei, é claro.

Depois que Jane participa de testes, ela analisa, nos mínimos detalhes, cada aspecto de seu desempenho. Era o tipo de obsessão que minha amiga censurava nos outros atores, mas era incapaz de evitar.

— E você? Como está o serviço?

— Também é melhor não falar. Acho que essa promoção era o que eu queria, mas não posso garantir. Parece que virei um tipo de curinga daquela tal de Petra. Daqui a pouco ela vai acabar me chamando para consertar seu radinho de pilha quando quebrar.

O garçom tornou a encher meu copo de água.

— Petra não pára de me dar tarefas de última hora e quer tudo para ontem. Já começo a me questionar se isso não é intencional.

— Tenho certeza de que ela tem coisas melhores a fazer do que infernizar sua vida, Christelle.

— Pode ser. Mas e a história de hoje à noite? O conteúdo do website é responsabilidade de Elaine, e Petra passa tudo para mim. — Suspirei. — Não sei...

Recostei a cabeça na parede.

— Há algo que preciso lhe dizer, Jane, mas você não pode contar para ninguém.

— Para quem eu contaria?

— Falo sério. Jure!

— Meu Deus, Christelle, calma! Tudo bem, eu juro. O que é?

Falei-lhe sobre Ethan, limitando minha descrição àquilo que tinha mesmo visto, deixando de lado suposições, teorias e receios.

Jane acendeu um cigarro e escutou-me, muito atenta. Eu esperava algum tipo de réplica mordaz, mas ela permaneceu calada.

— Isso é ruim — disse ela, enfim.

— Acha que meu cunhado está traindo minha irmã?

— Você não deu muitas pistas, mas o que sua intuição lhe diz?

— Acho que ele está, sim.

— Pretende contar para Jessie?

— Não sei. O que devo fazer?

— Pondere a respeito das possíveis consequências.

— Isso é fácil. Conto para Jessie, ela tem um ataque, eles se divorciam e, no fim, tudo será culpa minha.

— Ei! Sério mesmo, acha que é isso o que vai acontecer?

— Não sei. Apenas não tenho vontade de ser a mensageira de más notícias.

O garçom serviu nossa pizza.

Jane dispensou garfo e faca e pegou sua fatia, levou-a à boca e fez um murmúrio de apreciação.

— Voltarei a fazer regime amanhã.

Não comentei nada, apenas me servi também, colhendo algumas cebolas amontoadas sobre ela. — Então?

— Então? Tudo bem. Acho que você está exagerando, Christelle. Nesse caso, não creio que sua irmã a considerará culpada.

— Não sei, Jane... Jessie está tomando dezenas de remédios. A cabeça dela tem estado uma confusão só. Ela está atolada de trabalho, não consegue engravidar e agora vou dizer-lhe que seu marido, ao que tudo indica, está a enganá-la? Ah! E além disso há aquela história dos óvulos.

— Em primeiro lugar, Jessie não poderia ter pedido isso a você — interrompeu-me Jane. — E vou além: proíbo você de continuar se sentindo culpada sobre isso.

— E daí? É algo que ainda está no ar. Sei que Jessie não esqueceu. — Pousei meu garfo na borda do prato. — Droga! E ainda irei vê-la na próxima semana, na festa deles. Como agir?

— Isso é ótimo! — Jane estalou os dedos. — Vá à festa, dê um jeito de ficar a sós com Ethan e converse com ele.

— Sobre o quê?

— Diga-lhe que sabe o que ele anda fazendo e que, se ele não parar, você contará para Jessie.

— Estou ficando doente com tudo isso. — Torci o guardanapo. — Por que fui sair aquela noite? Por que meu cunhado estava lá? Queria esquecer toda essa história...

— Deixe-me mudar de tática. Se você fosse Jessie, e ela fosse você, gostaria que lhe contasse?

Raciocinei por um minuto, lembrando o horror abjeto de flagrar Rick e Jill no apartamento dele.

— Sim. Com toda a certeza.

— Não acha que ela se sentiria assim também?

— Como saber? Eles são casados, Jane.

— Então, talvez seja melhor ela não saber. E se foi uma brincadeira sem maiores conseqüências? Talvez Ethan estivesse bêbado. Quem sabe? Melhor conversar com ele, meu bem, e ver o que o homem diz. Depois, decida a atitude a tomar.

No sábado seguinte, enquanto me vestia para a festa, pensava sobre como iria abordar Ethan.

"Ei, Ethan, como vai? A propósito, você anda se divertindo com mulheres por aí?"

"Ethan, acabei de ler um artigo numa revista sobre o crescimento dos casos de infidelidade conjugal. Qual sua opinião?"

"Diga-me, Ethan, você se cuida para não correr o risco de contrair uma doença sexualmente transmissível?"

Nada parecia muito adequado. Desisti de tentar planejar a abordagem. Se a situação se apresentasse, eu diria algo. Caso contrário, não.

CAPÍTULO XXV

ÁS DE COPAS

Amor, alegria, fertilidade.

A residência de Ethan e Jessie achava-se toda iluminada. Havia pelo menos duas dezenas de veículos parados na frente, divididos entre reluzentes Mercedes e utilitários de luxo. Deviam quase todos pertencer aos convidados de Jessie.

Eu preferia os colegas de trabalho de Ethan aos presunçosos advogados do escritório dela. Pensei em Pete.

— Pete virá? — perguntei a Jessie, no meio da semana, pressionando-a.

— Já disse a você que tínhamos de convidá-lo, Christelle. Ele é amigo de Ethan.

— E eu sou sua irmã.

— É muito provável que ele não venha. Não confirmou a presença.

Sabíamos que os homens não faziam isso. Apenas as mulheres. Outro pensamento, no entanto, me ocorreu.

— E Javier?

— Não sei. — Jessie bufou. — Tenho uma sugestão. Desista de ir para a cama com os amigos de Ethan.

— Acho que Javier foi sua sugestão — menti.

— Verdade?

— Sim.

— Decerto, não lhe disse para ter uma relação tipo Nove e Meia Semanas de Amor com o rapaz.

Deus, às vezes odeio ter uma advogada como irmã. E, de lato, detesto quando ela tem razão.

Toquei a campainha e, como ninguém atendeu, abri a porta e entrei. A maior parte do ruído vinha da cozinha.

Havia cerca de dez pessoas ali, e todas pareciam estar bebendo. Outro grupo de uns dez convidados se espalhava pelo salão. Avistei Jessie curvada sobre o forno, tirando algo dali.

— Ei! — Sorri-lhe e mostrei minha grande contribuição: uma garrafa de vinho. — Boas festas!

Jessie se aproximou e me abraçou. Usava um vestido sem gola, vermelho vivo, que balançava em torno de seus tornozelos.

— Você está ótima, Christelle!

— Jura?

Olhei para baixo. Senti-me vestida de modo inadequado para a ocasião. A maioria das mulheres optara por blusas e saias de grife, muito caras. Senti-me simplória em meu suéter verde-escuro e, para variar, calça preta de veludo.

— Deixe-me guardar seu casaco. — Jessie me levou até o andar superior.

— Não prefere atender aos convidados?

— Todos já estão servidos.

— Tudo bem.

Joguei o casaco sobre a imensa cama de casal e conferi meu penteado no espelho.

— Você está ótima! — repetiu Jessie, como incentivo.

— Você também.

— Por favor, pareço uma baleia! Estou usando quarenta e seis, e está apertado.

— Exagero seu. — Alisei o elegante tecido do vestido dela. — Está maravilhosa, meu anjo.

— Obrigada, Christelle. — Jessie sorriu e me abraçou de novo.

— Algum homem solteiro por perto?

Minha irmã ia abrindo a boca para responder, mas eu a interrompi:

— Estou brincando!

Ela abriu um grande sorriso.

— Vai me contar o que houve de fato com o Pete, Christelle? Ethan tentou arrancar alguma informação dele, mas o rapaz não abriu o bico.

— Sabe, só há uma coisa pior do que ter um advogado tia família: ter dois!

— Tem certeza de que não quer voltar com Pete? Foi bem divertida aquela nossa reunião, lembra?

— Pois é. Mas o fato é que não consegui me apaixonar por ele.

— Talvez não tenha dado tempo suficiente.

— Não é só isso. — Respirei fundo. — Tenho de lhe contar um segredo, mas não quero que Ethan saiba. Algo picante? Estou falando sério. É uma revelação de irmã para outra

Jessie me fitou, torceu a boca e depois aquiesceu, erguendo a mão direita.

— Não contarei nada para meu marido. Dou-lhe minha palavra!

— Contraí algumas verrugas dele. Venéreas.

— O quê?! Não é possível! — Jessie se sentou no leito. — Não posso acreditar. De acordo com Pete, você o deixou seu motivo algum. Minha irmã me olhou.

— Espere, Christelle. Não pode ter sido Javier?

— O próprio Pete admitiu. A namorada deu o presente para ele, que o deu para mim.

— Inacreditável! Gostaria de matá-lo. Que canalha! — Então, Jessie tocou meu braço. — Mas você está bem?

— Tive de ir à ginecologista, e ela extraiu as verrugas.

— E por que não me falou? Poderia ter ido com você. Sou sua irmã, afinal de contas. — Segurou minha mão.

— Eu sei. — Apertei-lhe os dedos. — Porém, agora está tudo em ordem.

Eu a puxei.

— Vamos, você tem uma festa para cuidar.

— Tudo bem. — Alisou a roupa. — Não direi nada para Ethan.

— Obrigada.

Descemos juntas a escadaria de madeira de carvalho, segui Jessie até a sala de jantar, onde ela foi abordada por uma mulher bem atraente.

Atravessei a cozinha e alcancei o bar, situado num dos cantos do salão. Ethan se

encontrava ali, preparando o que parecia ser uma marguerita.

— Você parece muito festiva — disse ele, inclinando-se para me beijar.

No entanto, não me sentia nada festiva. Apenas o fato do vê-lo fez com que eu sentisse náuseas. Apontei o liquidificador.

— Margueritas?

— Sim. Vai querer?

— Positivo.

Tomei um gole, e a tequila ferrou minha língua. A bebida não lembrava muito o período natalino, mas estava excelente.

Três homens, de trinta e poucos anos, se aproximaram pediram cervejas para Ethan. Em seguida, formaram um círculo, conversando animados sobre um caso jurídico.

— Então, onde estão seus colegas de trabalho?

— John e Bill devem estar chegando. Deidre não vem. — Ponderou por um instante. — Ah! E Javier também não. Frustrei alguma expectativa sua?

— O que quer dizer, Ethan? Que não tenho nem um pinga de amor-próprio?

— Nada disso. Não há nada de errado em passar a noite com um sujeito.

— Por favor, pare.

— Christelle, relaxe... — Ethan deu risada.

Sorvi meu drinque perguntando-me como introduzir o assunto que me perturbava. Ia abrindo minha boca quando um dos três convidados pediu outra bebida para Ethan. Ambos começaram uma discussão sobre sentenças judiciais, e o momento se perdeu. Eu voltaria a tentar mais tarde.

Na manhã seguinte, Jane me interfonou.

— Então, o que ele disse?

— Nada. — Rolei no colchão.

— Por quê?

— Não consegui ficar a sós com Ethan. Sempre havia gente por perto.

— Que droga! Gostaria de saber qual a desculpa dele. Ergui a cabeça e consultei o despertador.

— Por que você está me ligando tão cedo?

— Se quer saber, acabo de entrar em casa. Daí, resolvi falar-lhe.

— Mas são só oito horas da manhã.

— Por favor, vamos! — Jane riu. — Pergunte-me por que acabei de entrar no apartamento!

— Por quê? — indaguei, suspirando.

— Steve. Steve Busleigh.

— Refresque minha memória. Quem é ele?

— Você sabe quem é. O negro alto e deslumbrante que estava no elenco daquela comédia de Shakespeare.

Lembrava-me de Steve, sim: sua cabeça rapada reluzia, e ele também era bastante engraçado.

— Como aconteceu?

— Estava no bar, e Steve surgiu — contava Jane, empolgada. — Christelle, ele é o homem de físico mais bonito que já conheci. Que corpo! O próprio Apoio, meu Deus!

— Que tal nos falarmos mais tarde, Jane?

— Alguém está com inveja... — cantarolou em meu ouvido. — Vamos, sei que você quer os detalhes.

— Por quê? Para me sentir ainda pior em relação a minha falta de vida sexual? — A campainha do telefone soou. — Espere um pouco.

Era Jessie.

— Ah, que bom, você está de pé! Não queria acordá-la.

— Jane ganhou de você. Ela está no interfone.

— Tudo bem. Ligue-me quando terminar com Jane, certo? Concordei e voltei para minha amiga.

— Era Jessie.

— Não sei. Só me pediu para ligar para ela.

— Tudo bem, seja uma boa irmã. Mas me procure mais tarde, não esqueça.

— Combinado. — Desliguei, suspirei e teclei o número de Jessie. — Recuperada da festa?

— Estou inteira. Ethan ainda ficou na cama. Vai fazer alguma coisa hoje?

Odeio quando Jessie faz isso. Ela nunca vai direto ao assunto; sempre quer primeiro ter certeza de que não tenho desculpas.

— Jane e eu ficamos de nos encontrar mais tarde — afirmei, minimizando o risco.

— Sem problemas. E que tal se nos encontrássemos, antes ou depois?

— Jessie, até sua casa é no mínimo uma hora de viagem. E já estive aí ontem à noite.

— Escute, de todo jeito preciso passar no escritório. Depois, poderia ir até seu apartamento, não?

Estranhei. Jessie nunca se dignou a me visitar. Invariavelmente era eu, a mais jovem, a mais pobre, a menos bem-sucedida, quem visitava a irmã mais velha, a mais inteligente, a mais rica, a mais reverenciada no trabalho.

Não podia imaginar o que Jessie queria.

Um súbito pensamento me ocorreu. E se ela já soubesse? E se suspeitasse de Ethan? Minha irmã estaria vindo para me interrogar sobre o que eu sabia?

— Por volta das duas, Christelle.

— Ok, espero você.

Levantei-me, tomei banho e fui fazer compras na mercearia. Voltei para casa e limpei o apartamento. Tentei vê-lo por meio do olhar de Jessie. Aparência esquisita, muitas velas, pilhas de livros espalhados, mobília de todos os estilos. Pelo menos, estava tudo pago.

Minutos antes das duas, Jessie apareceu e entrou.

Ela me surpreendeu com um forte abraço. Afinal, tínhamos nos visto na véspera.

Minha irmã tirou seu casaco de couro marrom e o pôs com todo o cuidado sobre o encosto de meu sofá. Esperei que fizesse algum comentário sobre meu apartamento: como era pequeno, sem lugar para estacionar, ou por que eu pagava novecentos dólares

por mês por um lugar daqueles.

No entanto, Jessie não falou nada, apenas sentou-se no sofá com as mãos pousadas sobre os joelhos. Estava agitada.

— Quer algo para beber?

— Não, nada. Estou bem. — Ela abriu um enorme sorriso. — Na realidade, ótima. Espero um bebê!

— Sério?!

Corri até ela. Minha irmã se ergueu, e nos abraçamos, emocionadas.

— Não acredito! Que maravilha!

— A menstruação se atrasou, mas não dei importância. Como de costume, estava mais concentrada no trabalho. — Deu risada. — Com toda a história de doação de óvulos, Ethan e eu nem estávamos mais tentando. Inclusive, já tínhamos começado a conversar sobre a possibilidade de adoção. Foi quando descobri a gravidez.

— Por que não me disse ontem à noite?

— Fiz o teste esta manhã.

— Meu Deus, eu vou ser tia!

— E mamãe, enfim, será avó. — Jessie tornou a se sentar, e pude ver lágrimas em seus olhos. — Acho que esperarei para contar para eles na festa de Natal. Não é perfeito?

— Sem sombra de dúvida—sorriu, enlevada. — E Ethan?

— Ainda não contei para meu marido.

— O quê? Quer dizer que sou a primeira a saber da fantástica novidade?!

— Sim. Sei que ele deveria ter sido o primeiro. Mas quero que tudo seja irretocável. Tentamos por muito tempo. Não quis dizer a Ethan com base num teste de farmácia.

— O que pretende fazer?

— Quero ter garantia, entende? Irei ao médico o quanto antes, para confirmar. Em seguida, levarei Ethan ao Everest. Eu nunca estive no famoso restaurante, mas o pai de Jane a levava ali uma vez, durante uma rara visita. O homem desembolsava quatrocentos dólares pela refeição sem pestanejar, contava minha amiga.

— Direi que tenho boas notícias sobre meu trabalho, ou algo do gênero. Eu sei enganar Ethan. — Jessie acariciou o ventre olhou para mim. — Não diga nada! Nem mesmo para Jane. Estou falando sério.

— Fique tranquila.

Pouco depois, Jessie foi embora, e eu fui ao apartamento de Jane.

Na escada, decidi que não diria nada para Ethan ou Jessie sobre o que eu vira, ou achava ter visto. Talvez nada de especial houvesse acontecido.

— Acho que vou esperar pelo desenrolar dos fatos — disse para Jane, que enfiava contas no que viria a ser um novo colar.

Ainda bem que ela estava ocupada demais para me importunar sobre o assunto.

— Parece-me razoável. — Parando de lidar com as contas, ela me encarou. — Posso falar agora? Você quer escutar sobre minha noite?

— Vá em frente. Deixe-me com inveja.

— Detesto dizer isso, mas acho que tive a melhor noite de minha vida.

— De sua vida? Foi tão incrível assim? Ela hesitou por um segundo.

— Veja bem... Começou como pura atração física, lógico. Mas depois, quando começamos a nos amar, houve uma sintonia inexplicável. Eu olhava nos olhos dele, e ele olhava nos meus, e também senti isso, posso jurar.

Jane mirou bem e enfiou uma conta vermelha no colar.

— Acho que nós já nos conhecíamos de antes. Numa vida passada, quero dizer.

— Ah, tenha a santa paciência, Jane!

Eu já achava difícil crer em cartas de taro, agora também deveria crer em reencarnação.

— Você tem de compreender como a coisa funciona, Christelle. Na realidade, ninguém morre. O corpo perece, mas a alma, não.

As conversas desse tipo me incomodavam. Acreditava em Deus, mas não frequentava a igreja, nem pensava sobre o que viria após a morte.

— Os hindus crêem que sua alma continuará renascendo até você aprender todas as lições de que necessita aqui neste planeta.

— Tudo isso está ficando um pouco esquisito, Jane.

— Não está, não. Pense. Você acredita em fantasmas?

— Não sei.

— Um fantasma é como uma alma que está presa em algum lugar. Há almas aqui na Terra, mas também em outros lugares. E cada uma pode decidir quando quer voltar para lá. Com isso em mente, imaginemos o seguinte: estamos no paraíso e decidimos que queremos retornar para encontrar alguém aqui. Podemos concordar em ser irmãs nesta vida, ou namorados, ou pai e filho.

— Você quer dizer que as almas podem mudar de sexo? Não é uma questão de mudança de sexo. Apenas de que corpo é preciso habitar.

— E acha que vocês dois se conheceram numa vida anterior é isso?

— Sim. — Jane me fitou, com serenidade. Em seguida, deu risada. — É sério, Christelle! Não estou louca. Nunca tive essa sensação antes, com nenhum homem.

— Tudo bem. — Levantei-me do sofá. — Deixe-me interromper este momento metafísico por um segundo. Você tem alguma coisa para beber?

— Sim, há vinho na cozinha. Traga-me um copo também. Achei uma garrafa de tinto suave. Enchi duas taças.

— Quero escutar o resto disso — encorajei-a.

— Será preciso que abra sua mente um pouco. Por que imagina que ficamos amigas?

— Porque moramos no mesmo prédio.

— É mais do que isso. Quantas vizinhas você já teve que não se tornaram suas amigas? Mas nós nos ligamos desde o princípio. A probabilidade de que também tenhamos nos conhecido antes é bem grande. — Refletiu por um instante. — E aposto que você e Jessie também. Há muita tensão entre as duas, sabe?

Peguei a garrafa de vinho.

— O que sei é que, enquanto passo metade de meus dias presa no trânsito e a

outra metade no trabalho, você encontra sua alma gêmea e minha irmã Jessie, enfim, engravida.

— Ela está grávida?!

— Ah, droga! Não conte para ninguém. Eu prometi.

— Para quem eu iria contar?

— Eu sei, mas sou paranóica. Jessie quer esperar um pouco para ter absoluta certeza. Depois, dirá a Ethan.

— Você foi a primeira a saber?!

— Sim, hoje à tarde. Pouco antes de vir aqui.

— Interessante. Não disse que vocês já se conheciam?

— Sim, Jane. Bem, acho que tenho de comer algo.

— Vamos sair e comer uma torta. Por minha conta.

— Sério?

— Sim. O trabalho de revisão vai continuar. Estou bem de dinheiro.

Era um exagero. Jane costuma ter o suficiente para sobreviver, comprar bebidas, cigarros e cosméticos.

Mesmo assim, aceitei sua oferta. Parte da amizade envolve a troca de gentilezas, Jessie costumava dizer.

— Acontece o mesmo com respeito aos relacionamentos — dissera-me minha irmã ao romper com Brad, seu namorado anterior a Ethan.

Nos nove meses de namoro, Brad fora maravilhoso com Jessie. Por isso espantei-me quando ela pôs fim ao namoro uma semana antes do Dia dos Namorados.

— Brad não é tão inteligente, não é tão interessante e também não é tão ambicioso — explicara-me Jessie. — Tudo o que ele quer é trabalhar, voltar para casa e assistir a programas esportivos. Isso não acrescenta muito à relação.

— Mas, por favor, você ama esse moço! Brad é louco por você!

— Não é o suficiente. Quero alguém que seja meu igual, intelectualmente falando. Que sempre me traga algo novo, entendo?

Tive de admitir que Jessie tinha razão. Eu havia perdido o contato com a maioria de minhas amigas do colégio e da faculdade. Algumas se mudaram, outras se casaram e tiveram filhos, e nunca mais ouvi falar delas.

— Não seria bom se pudéssemos acabar com uma amizade?

— Como assim, Christelle? O que está pretendendo? Romper com nossa amizade?

— Não, nunca, imagine! Refiro-me a essas pessoas que eram amigas, mas agora já não têm mais nada em comum, exceto uma história passada.

— Sim, e daí?

— Enviaríamos um cartão e pronto, a amizade se encerraria.

— Por que comprar um cartão? Por que não dizer para a pessoa que você não gosta mais dela e pronto?

— Alguns de nós vivem no mundo real, Jane. A maioria não pode sair por aí e dizer para os outros o que realmente pensa delas.

— Claro que pode. Todo o mundo pode fazer isso. Não é melhor do que ter de lidar com gente que você não aprecia mais?

— Você nunca se sentiu culpada a respeito de alguma coisa?

— Culpa é uma emoção inútil. Apenas se manifesta depois do fato. Sendo assim, se você for fazer algo que poderá levá-la a sentir-se culpada, terá duas opções. — Naquele momento, ela sucumbiu e acendeu um cigarro. — Opção número um: não faça aquilo. Opção número dois: faça e não deixe para trás.

— Essa é a ética, segundo Jane.

— Sou ética, minha querida. Prefiro escolher por mim mesma a ter alguém me impingindo o que quer que seja.

Gostaria de ter a independência de Jane. Mas não tinha.

Aceitei o que meu pai tentaram passar para mim: trabalho duro, boas notas, bom emprego. Encontrar um namorado era secundário. Era preciso, antes de tudo, "aprender a tomar conta de si mesma", como diria meu pai.

CAPÍTULO XXVI

CINCO DE COPAS, LÂMINA INVERTIDA

O retorno de um velho amigo.

Há um ditado chinês que diz mais ou menos o seguinte: "Tenha cuidado com o que você deseja, pois você pode conseguir".

Na terça-feira à noite, eu estava deitada no sofá, comendo pipoca e assistindo ao programa True Hollywood Story. O telefone tocou e resolvi não atender. Se fosse Jane, ela deixaria um recado na secretária. Escutei a gravação de minha mensagem, depois uma breve pausa.

— Olá, Christelle. — Outra pausa. — Sou eu. Rick. Bem, são quase oito horas...

Não pensei duas vezes. Saltei de onde estava e agarrei o telefone.

— Olá! Sou eu — atendi, mas sem emoção. Ele respirou fundo.

— Como vai?

— E você?

— Perguntei primeiro — retrucou, bem-humorado.

— Não sei.

Meu coração batia acelerado. Tinha esquecido como eu havia adorado aquela voz.

— Numa escala de um a dez? — Rick me provocou.

— Acho que cinco.

Droga! Devia ter dito oito ou nove. Por que deixá-lo saber a verdade?

— Então, está melhor do que eu. Não sei se chego a três.

— Sério? Por quê? — Mantive uma entonação neutra.

— Quer saber, Christelle? Esqueça isso, esqueça que eu liguei.

E desligou.

Preguei os olhos no telefone. O que significava aquilo? Fiquei de pé e fui à cozinha. Enchi um copo de água, bebi, depois apanhei o aparelho telefônico e teclei o número de Rick, que conhecia de cor. Assim que ele atendeu, comecei a despejar as palavras:

— O que é isso? Você me liga depois de quatro meses, pergunta como estou e depois desliga sem mais nem menos? O que está pensando?! Desculpe-me!

— E muita idiotice, não? — Tentava enfatizar minha raiva.

— Não devia ter ligado para você. Mas estava assistindo a True Hollywood Story e senti sua falta.

— Eu também.

— Também o quê?

— Estava vendo True Hollywood Story. — Não quis confessar que sentia saudade dele.

— Vamos começar de novo a conversa?

— De acordo.

— Como vai, Christelle?

— Tudo bem. E você?

— Não muito. Eu fui... Fui despedido.

— Como? Não acredito! O que houve?!

— Ainda não sei. Uma combinação de fatores, imagino. Foram cortados doze postos em nosso departamento, com a alegação de contenção de gastos.

— Mas você era o melhor de todo o setor!

Senti-me injuriada. Em todo santo lugar a que ia, Rick usava aquele pager ridículo, atendia a ligações a qualquer hora do dia e da noite, e essa era a gratidão que recebia?!

— Rick, sinto muito. Muito mesmo.

— Época ruim para ficar desempregado, eu sei. Mas ganhei três meses de indenização. Assim, por enquanto, tudo bem.

— O que irá fazer?

— Ainda não tenho ideia. Demitiram-me há duas semanas, e só agora estou sentindo o baque. Era como se fossem férias, entende? Agora, tornou-se estranho.

— Quem mais foi mandado embora?

Ele disse os nomes. Alguns eu conhecia, outros não. Não perguntei sobre Jill.

— Rick, você é muito bom no que faz. É evidente que irá arrumar outra colocação.

— Sim. — Soou abatido. — E você? Como estão as coisas na Coddled Cook?

— Tudo bem. Fui promovida.

— Mais dinheiro entrando?

— Sim, mais cinco mil por ano. Ah, adivinhe quem está trabalhando para mim agora!

— Quem?

— Elaine.

— Quem é ela mesmo?

— Você a conheceu. Bem magra. Loira.

— Uma que se acha mais bonita do que é?

Tinha dito isso para Rick fazia mais de um ano, e ele lembrava. Por um segundo, esqueci que não estávamos mais juntos.

— Isso mesmo.

Conversamos por mais alguns minutos. Era tão familiar quanto esquisito escutá-lo, ouvir sua risada.

Eu vacilava. Assim que o ouvi, desejei vê-lo. Pude sentir todo meu corpo estremecer com a possibilidade de voltar a tocá-lo.

— Rick, por que você não me ligou?

— O que eu poderia dizer? Estraguei tudo, não?

— Estragou, sim. Mas já consegui superar a situação.

— Isso é bom, acho.

— Por que está me telefonando agora?

— Sei lá. Pensei muito. Sobre o trabalho, sobre toda nossa história, sobre a tolice que cometi. Desculpe-me, Christelle. O que fiz está feito, mas nunca quis magoá-la.

— Eu sei. — Suspirei. — Mas estragou mesmo tudo.

— Sou um idiota.

— Agora vai me contar tudo o que houve? — Mantive-me calma. Era uma conversa importante. — Sobre você e... Jill?

Ele emudeceu por um minuto.

— Isto vai longe.

— Eu tenho tempo.

— Quer saber mesmo? Isso é incrível.

— Trata-se de mera curiosidade. Não irá me abalar. Você já faz parte de meu passado, Rick.

— Ah, é?

— Sim. Sem sombra de dúvida.

— Isso significa que não iremos mais nos ver? Talvez sair para jantar?

— Está falando sério? — Senti um arrepio na espinha e secura na boca.

— Sim, estou.

— Você perdeu o emprego. Como poderemos sair para jantar?

— Já disse que recebi três meses de salário como indenização. Além disso, quero revê-la. Tenho sentido sua falta.

— Eu não. Mas está sendo bom falar com você.

— Que tal amanhã?

— Não será possível. Terei de trabalhar até tarde. Busquei uma desculpa convincente, mas na realidade não estava pronta para revê-lo. Só o faria quando meu coração estivesse curado, cicatrizado.

— Quinta-feira?

— Não.

— Sexta?

— Vou sair com Jane — menti. — Sábado e domingo, também.

— Parece que anda bem ocupada...

— Muito.

— Tudo bem. Ligo para você outra hora. Desligamos.

Passei a meia hora seguinte fitando a televisão, estupefata, vendo a reprise de um reality show.

Quando minha campainha tocou, levei um susto. E esperei que Rick batesse na porta.

CAPÍTULO XXVII

O LOUCO

Uma decisão tem de ser tomada.

Estava em meu cubículo quando Rachell se aproximou, trazendo um papel. Ela sentou-se a meu lado.

— Fiz algumas mudanças, Christelle, mas quero que você veja antes de eu passar para o marketing.

Corri a vista pelo material. Era a propaganda de um novo produto, uma linha de recipientes de plástico.

— Acho que está ótimo — respondeu, devolvendo-o para Rachell.

— Que bom! Não gosto de trabalhar com Shelley. — Ela se referia à chefe do departamento de produtos. — É muito mal-humorada, sabe?

Todo o setor tinha medo de Shelley, e agora, depois que tínhamos nos tornado oficialmente apenas um departamento, ela supervisionava parte do trabalho dos redatores.

— Estou sabendo. — Olhei em torno. — Conte para você que Shelley discutiu comigo logo em minha primeira semana aqui?

— Jura?!

— Era o primeiro trabalho que eu tinha feito para ela. E nada de Shelley me devolver para eu poder passar adiante. Então, decidi procurá-la.

Rachell prestava muita atenção.

— Apresentei-me como a nova redatora. Shelley então pegou o texto, e falou, com sua voz anasalada: "Isso está muitíssimo abaixo do padrão. O texto precisa ser todo refeito".

— Meu Deus! E aí?

— Fiquei pasma, achando que aquilo devia ser uma piada de mau gosto.

Bobby se aproximou de nós. Depois de ver que era ele, continuei:

— Fiquei parada na frente dela como uma idiota. E Shelley perguntou: "Você tem alguma problema de audição?".

— Ah, não!

Bobby já conhecia aquela história, mas decidiu escutá-la de novo.

— Voltei para cá e tentei não chorar.

— Sinto-me melhor agora, Christelle. Shelley nunca fez nada parecido comigo.

— Comigo também não. — Bobby pegou o trabalho de Rachell e o leu. — Muito bom.

Rachell se pôs de pé.

— Obrigada, Bobby. Obrigada, Christelle.

E voltou para sua saleta. Bobby ocupou a cadeira vaga.

— O que há?

— Nada. O boletim está na paginação, e só me resta esperar. Preciso de alguma coisa para fazer, chefe.

— Não acredito. Estamos adiantados em relação aos prazos.

— E o projeto para Petra?

— A reformulação do site! — Fiz uma careta. — Depois de tudo, ela decidiu cancelar.

— Bem-vinda à América empresarial!

— Pois é... Mas é um emprego, certo? Bobby aquiesceu com um resmungo.

— Quer que eu me ofereça ao marketing! — Ele cruzou as pernas.

— Não, não faça isso. Eu vou achar algo para você fazer.

Havia três dias, estávamos atolados de tarefas. E de repente víamo-nos ociosos. Esses altos e baixos eram muito frustrantes.

— Como vai seu roteiro?

— Não sei. Às vezes acho que está ótimo. Aí, decido que está uma droga. — Bobby sorriu. — Mas Marcus acha que está fantástico.

— Marcus? Nossa, acho que vou desistir de tentar me manter atualizada.

Bobby abanou a mão.

— E você? Ainda sem sorte no departamento amoroso?

— Não.

— Por favor, não diga que voltou com aquele advogado latino!

— Não!

— Então quem? O rapaz do subúrbio?

— Também não. — Não tinha contado a Bobby sobre a doença que pegara de Pete, nem contaria.

— Fale logo: quem?! — Encarou-me no fundo dos olhos. — Ah, já sei! Será que ele voltou, pedindo seu perdão?

— Quem? — Mas minha voz saiu fraca. Eu não sabia mentir.

— E o que Rick disse? Foi só por telefone ou vocês se viram?

Meu aparelho tocou e consultei o identificador de chamada. Era Petra.

— Tenho de atender. Bobby esperou até eu desligar.

— O que ela queria?

— De fato, você necessita de alguma coisa para fazer.

— Dê-me um detalhezinho e eu caio fora, prometo.

— Tudo bem. Rick me ligou. Pediu desculpas. Na noite passada, foi até meu apartamento. E tivemos uma briga séria. — Baixei os cílios. — Mas não quero falar sobre isso. — Voltei a olhar para Bobby. — Certo?

Ele ficou calado por um instante.

— Posso dizer uma coisa, Christelle? Se brigaram, ainda há algo entre vocês. O contrário de amor...

— ...não é ódio, é indiferença — concluí no lugar de Bobby. — Sei disso.

Tentei sorrir.

Bobby ficou de pé e tocou meu ombro antes de sair.

— Se você quiser conversar, sabe onde me encontrar. Eu não queria falar sobre o assunto com ninguém. Mas a conversa com Bobby fez todo meu diálogo com Rick emergir da memória com força total.

Quando abri a porta e vi Rick parado ali, senti como se todo o ar tivesse sido sugado de meu peito. Ficamos mudos. Então, ele deu um passo à frente e me abraçou. Eu retribuí, enlaçando-lhe o pescoço, e com o rosto grudado no dele.

— Você está muito cheiroso — disse-lhe, sem mexer a cabeça.

— E você parece ótima.

No entanto, quando Rick se inclinou para me beijar, algo agudo e repulsivo se apossou de mim. Tive um súbito lampejo do rosto dele quando, naquela noite, flagrei-o com Jill.

Assim, afastei-me dele.

— O que houve?

— Por que você veio aqui? — Cruzei os braços sobre o peito.

— Não consegui resistir. Eu queria vê-la, Christelle. Tive saudade!

— Isso não está certo. É como uma cobra, que ataca de surpresa. — Mexi em meu relógio e fitei-o. — Suponho que agora você esteja imaginando que iremos pular na cama e tudo será deixado de lado.

— Que coisa, Christelle! Não faça disso um drama maior do que na verdade é. Só quis ver você. Não complique a situação, sim?

— Complico, sim. Não seria complicado se nós fôssemos dois desconhecidos. Mas temos uma história, não é?

Procurava manter meu tom informal, coloquial, lógico. Mas não estava conseguindo.

— Agora, você aparece aqui e...

— E o quê? — Rick agarrou meu braço. Livrei-me da mão dele.

— E eu perdooarei você e tudo ficará bem — afirmei, irônica.

— Christelle, será que o que eu fiz foi tão terrível assim?

— Está brincando?! — Encaminhei-me para o telefone. — Você quer que eu faça uma pesquisa de opinião?

— Nós não éramos casados.

— E daí? Namoro não conta?

— Será que pode se sentar por um minuto? Sentei-me no sofá, com coluna ereta, tornei a cruzar os braços, fixei o olhar.

Rick mexeu nos cabelos, curvou as costas para trás e abriu os braços.

— Escute. Nossa relação era muito boa. Sério. Era só você quem eu desejava ver.

— Ver? E fazer sexo, também era só comigo?

— Que diferença faz? Não vamos nos perder nas palavras. Continuei a encará-lo. Pude sentir a tensão correndo ao longo de minhas vértebras.

— Tenho razão? — Rick quis saber.

Ele estava errado. Em algum impreciso momento, tínhamos feito um acordo tácito em sermos fiéis um ao outro. Permaneci em silêncio.

— Vamos — provocou-me. — Você sabe quando estou certo.

Fiz um ruído nada estimulante e cobri o rosto com as mãos.

— Então, durante todo o tempo em que ficamos juntos, você saiu com outras mulheres?

— Não. — Rick se sentou sobre a mesa de centro e tomou minhas mãos. — Mas também nunca achei que fosse proibido.

Desde o momento em que o conheci, não me interessei por nenhum outro homem. Amava-o tanto que essa possibilidade jamais me passou pela cabeça. Mas eu não iria admitir isso para ele.

— Desculpe-me. Você estava dizendo...

— Nunca fui para a cama com ninguém enquanto estivemos juntos, Christelle. Não tive vontade. Então, conheci Jill e...

— É claro. Após um ano e meio, desistir de todas as possíveis facilidades estava deixando você infeliz.

— Não, pelo contrário. Eu era muito feliz. Mas não acho que devemos renunciar à liberdade só porque nos sentimos felizes com o que temos.

— Vou pegar um copo de água. — Levantei-me. Estava indo à cozinha, e algo me ocorreu. Virei-me.

— Tudo isso começou depois que eu lhe falei a respeito de casar, não?

— O quê? Do que está falando?

— Você sabe. Quando fomos ao aniversário de meu pai, e Jessie ficou bêbada. Estávamos voltando para casa e perguntei se você nunca tinha pensado em se casar.

— Não. Não é isso.

— É, sim! Tem tanto medo de assumir um compromisso que foi logo procurar alguém por aí para me trair!

— Eu não fui para a cama com ela.

— Como não?

— Bem, não até quando...

— ...eu flagrei vocês. Muito obrigada, Rick!

— Por que está tão brava? Nunca prometi que seria fiel. Ele enfatizou a palavra "fiel" com um tom zombeteiro. Sendo assim, por que isso a perturba tanto?

— Porque não acredito que você tenha a liberdade de sair por aí e deitar-se com quem quiser.

Comecei a caminhar, juntando as evidências para explicar tudo:

— Em vez de agir como homem e admitir que não queria assumir um compromisso, resolveu armar uma situação para que eu terminasse o namoro. Assim, você não sairia como vilão de tudo isso. Um clássico comportamento masculino. Não sabia de onde eu tinha tirado aquilo, mas Jane sentiria orgulho de mim.

— Se acha mesmo isso de mim, por que se importa tanto?

— Meu problema é... — Ou deveria ter dito "era"? — ...que eu tinha muita expectativa em relação a você. Esperava mais do que era capaz de dar. — Fiz uma pausa. — Mas estava cega, agora sei disso.

— Vim até aqui porque quis vê-la. — Rick se pôs de pé. — No entanto, esse seu argumento está passando dos limites. — Encaminhou-se para a porta. — Até mais.

Escutei-o descer a escada, e permaneci imóvel por um minuto antes de desatar a chorar. Quase corri atrás dele, mas me contive, à custa de boa dose de sofrimento.

No dia seguinte, pensei em ligar para Jane, mas sabia que, no máximo, escutaria

palavras de encorajamento. Ela se mostrava incapaz de aceitar a dor.

Também cogitei falar com Jessie. Também desisti. Não iria aborrecê-la. Era melhor que minha irmã desfrutasse a emoção de ter engravidado sem ter de se importar com meus probleminhas amorosos.

Mas quem disse que eu tinha de falar disso com alguém? Tenho vinte e oito anos e um bom emprego, sou mais ou menos inteligente e criteriosa, capaz de pagar minhas contas, agir e raciocinar com tirocínio.

Julguei que precisava atuar mais como uma loba solitária, o tipo de pessoa que toma uma decisão sem pensar no que os outros vão achar. Alguém como Jane.

Meu telefone tocou, trazendo-me de volta à realidade. Consultei o visor. Era Rick.

Respirei fundo.

— O que foi, suas orelhas estão ardendo?

— O quê?

— Nada. Esqueça.

— Perdoe-me pela cena da noite passada.

— Está sendo sincero? Ou é só da boca para fora?

— Perdão por isso e pelo que eu fiz antes. Quantas vezes terei de me desculpar?

O que você quer? Eu errei, Christelle, fui um cretino. Talvez ainda possamos conversar...

— Está pedindo desculpas, mas o que está parecendo, na verdade, é que você está entediado.

— Estou, sim, mas de mim mesmo. Quero ajeitar as coisas com você, e não consigo.

— É mesmo?

— Sim. Como posso fazer isso? Você tem ideia? Tomei um gole de água.

— Sabe o que quero que você diga? Algo assim: "Do fundo do coração, estou arrependido. Eu a magoei, menti para você e destruí uma relação maravilhosa".

— Posso recitar tudo isso, Christelle, mas o que você quer de mim? Por que tem de ser tão difícil?

— Estamos de volta ao ponto em que nos encontrávamos ontem, Rick. Escute, tenho muito o que fazer.

Era mentira, mas era o que ele merecia.

— Espere, espere! E se você vier a minha casa hoje à noite? Podemos comer algo e ver True Hollywood Story juntos. Por favor?

Permaneci em silêncio. Fiquei louca de vontade de ir.

— Ora, Christelle, venha e conversaremos.

— Tudo bem, Rick. Mas não é um encontro.

— Não, de jeito nenhum.

Após o trabalho, fui direto para o apartamento dele. Não iria para casa, tomar banho, maquiagem e vestir uma bela lingerie. Não era um encontro.

Em seu prédio sem elevador, subi a escada e bati na porta. Ele abriu sem demora.

Rick usava uma camiseta marrom desbotada e um folgado jeans velho. Barbeara-

se e tinha os cabelos úmidos. Por um instante, trocamos um olhar intenso.

— Obrigado por vir. — Ele me guiou para dentro.

Fiquei surpresa. Seu apartamentinho estava limpo. Os jornais, em geral empilhados num canto do sofá, tinham desaparecido. Nada de moletons, nem tênis espalhados. De algum modo, parecia árido.

— Posso oferecer algo para você beber? Uma taça de vinho? — Rick indicou três garrafas na mesa da cozinha, de diferentes tipos e safras.

— Você quer me embriagar?

— Não sabia qual dos três você iria preferir.

Aceitei uma taça de tinto chardonnay. Rick optou por cerveja.

Permanecemos sentados à mesa da cozinha.

— Você está ótima, Christelle. Gostei do seu novo corte de cabelo.

— Mesmo? — Toquei a parte posterior da cabeça. — Não acha muito curto?

— Não, eu gosto. Está lindo.

— Obrigada.

Discorremos sobre temas irrelevantes por alguns minutos. Tinha a sensação de estar assistindo à cena do lado de fora de meu corpo. Era como estar em uma peça de baixa qualidade, com um diálogo enfadonho. Não queria ficar falando sobre o clima ou a situação dos times de futebol. Queria que Rick me dissesse por que havia me convidado, mas não iria perguntar.

Apenas dez minutos depois percebi que não existia indício algum de jantar. Nada de utensílios, nada de cheiros deliciosos, nada de manchas e respingos. Levantei-me e verifiquei o forno. Estava frio.

— Achei que você estivesse preparando um jantar.

— Disse que comeríamos. Vou fazer uma mágica. — Ele balançou a cabeça. — Bem, nem sei o que estou dizendo.

— O que faz durante o dia, agora? Além de limpeza.

— Estando desempregado? Deixe-me ver... A primeira semana, passei deprimido. Na segunda, questioneei minha masculinidade.

— Por favor, Rick.

— Está sendo duro. Conheço muita gente que perdeu seus empregos, mas nunca imaginei que fosse acontecer comigo. — Abriu a geladeira, pegou outra cerveja e me serviu mais vinho. — Ah, esqueci!

Rick apanhou uma lata, tirou a tampa e me ofereceu.

— Castanhas de caju.

Servi-me de um punhado. Era meu petisco predileto.

— Por que achava que não aconteceria com você?

Lembrei-me da ansiedade que senti quando a reorganização começou na Coddled Cook. De fato, todos com quem conversara sentiram a mesma e terrível angústia.

— Você sabe como é. Achei que eu era imprescindível para a companhia. É óbvio que não era.

— Lamento. Sei como gostava do seu trabalho.

Será que Jill ainda trabalhava lá?, tinha curiosidade de saber.

- Obrigado.
- E agora?
- Estou imaginando o que irei fazer.
- Mandou o currículo para alguém?
- Não. Não vale a pena. O mercado de trabalho está muito ruim. Falei com algumas agências de emprego, que vão me chamar se aparecer algo. Disse que estou disposto a me mudar.
- É? Isso é bom.
- E você? O que está acontecendo em seu mundo?
- Já lhe falei sobre a Coddled Cook. Tudo vai bem. Ainda estou me acostumando à ideia de ser chefe. Acho que gostava mais quando era apenas responsável por mim mesma.
- Como estão Bobby e... Qual é mesmo o nome dela? Rachell?
- Ele lembrava. Bem, afinal, foram apenas quatro meses de separação.
- Os dois estão bem. Bobby vem escrevendo um roteiro.
- É mesmo?
- Sim. E Rachell continua igual. Procurando seu príncipe encantado.
- E Christelle?
- Christelle pensava em comprar uma casa. Talvez num condomínio.
- Onde?
- Perto do trabalho.
- No subúrbio? — Rick fez um esgar.
- Por favor, agora você está parecendo Jane. Não tenho condições de adquirir um imóvel em algum bairro decente da cidade. No subúrbio, posso conseguir um lugar com garagem e tudo o mais.
- Mas por que comprar?
- Estou farta de pagar aluguel. Quero um teto próprio.
- Já viu alguma coisa?
- Alguns lugares.
- Sim, eu tinha visto. Não precisava dizer que só passara de carro por eles. Em um dos locais, tinha até estacionado na área para visitantes. Será que eu poderia viver ali? Seria feliz?
- Vejamos o que acontece. — Rick se aproximou de mim e tirou a taça de vinho de minha mão. — Tenho uma sugestão a fazer. O que você acha de começarmos de novo?
- Começarmos de novo como?
- Esqueçamos o passado.
- Mas nós temos um passado.
- Sim, mas eu o estraguei.
- Ontem à noite, creio tê-lo ouvido dizer que eu tinha me enganado por ter esperado demais de você. Tolices como fidelidade, por exemplo.
- Um momento. Não quero uma repetição de ontem, sim? — Ele me puxou para mais perto.

Eu me afastei e cruzei os braços.

— Quer tentar de novo, Christelle? Talvez eu devesse ter dito algo para você, certo?

— Será?

Rick se recusava a ceder, a admitir que eu tinha razão, que eu era a pessoa traída. Começar de novo? Com o tempo, quem sabe eu fosse capaz de perdoá-lo.

— Podemos estabelecer algumas regras básicas para o recomeço. Assim, não haverá confusão — propôs ele.

— Muito bem. Regra número um: não existirá outra mulher em sua vida — desafiei.

— Tudo bem. Consigo viver de acordo com isso — afirmou Rick, em tom de lástima, e depois viu minha expressão de desagrado. — Estou brincando! Isso é ótimo!

Mostrou-se radiante socando o punho no ar.

— É tudo o que mais quero! Tive de dar risada.

— Agora me dê uma de suas regras.

— Não tenho nenhuma. Só quero você.

CAPÍTULO XXVIII

DEZ DE COPAS

Alegria familiar.

Não tinha imaginado como seria fácil recair na mesma e confortável rotina. Naquela noite, fiquei com Rick, mas sem sexo. Ainda não me sentia pronta. Contei-lhe sobre as verrugas e sua reação me surpreendeu.

— Quer dizer que você dormiu com outro?!

— O que você esperava? Que eu desistisse dos homens por sua causa? — Omiti que meu motivo fora exorcizá-lo de meu coração.

— Bem, acho que não... Tem alguma coisa séria com esse homem?

Homens, corriji mentalmente, mas deixei Javier fora da conversa. Rick não precisava saber de tudo.

— Eu diria que está com ciúme, Rick.

Ele mexeu nos cabelos, calado. Senti certa vibração interior, mas sem o júbilo que imaginara. Queria que Rick sofresse do modo como eu sofrera. Ou, ao menos, pensava querer. Com certeza, não quis feri-lo.

— Não tenho nada sério com ele — revelei, por fim. Ainda devia manter Rick a certa distância, por enquanto.

Por certo, se fizéssemos amor, eu iria sofrer. Faltava algo para me apaixonar por ele de novo. Disse isso para Jane alguns dias depois.

— Bobagem! — ela afirmou. — Você já está apaixonada.

— Não, não estou. É como o pagamento de um sinal. Rick só vai ter meu amor por inteiro quando pagar o resto.

— Tudo bem, esqueça o que eu falei. Isso é uma loucura. Baixei a voz. Havia pouco, outro memorando circulou sobre a proibição do uso do telefone para ligações não relacionadas com o trabalho.

— E achar que você conheceu alguém numa vida passada também não é loucura?

— De forma alguma, Christelle. É carma.

— Sei.

Jane e Steve continuavam juntos. Poder-se-ia dizer que ele se mudara para a casa de minha amiga. Eu gostava dele. Ponderado, pesava bem as palavras antes de proferi-las.

— Steve é muito observador, Christelle. Tem intuições incríveis! Observa uma pessoa e já sabe tudo sobre ela!

— Por exemplo?

— Como em relação a você. Ele disse que você é uma ratinha, que põe o nariz para fora da toca, mas sente medo de se aventurar do lado de fora.

— Sério? Que interessante... — O comentário doeu. Uma ratinha? — E quanto a você?

— Uma tigresa furtiva, cheia de energia reprimida, procurando a maneira de gastá-la — confessou. — E é verdade! Essa sou eu!

Claro, por que não? Ela era uma tigresa sensual; eu, uma ratinha medrosa. Conte tudo para Rick, mais tarde.

— Isso não é ridículo?

— Não sei, Christelle. — Ele pareceu pensativo. — Talvez Steve esteja certo.

— Muito obrigada!

— Não fique brava. Ora bolas, você sabe que tem tendências conservadoras. Não há nada de errado com isso.

— Sendo assim, o que eu deveria fazer? Ficar bêbada, exibir meus seios num vídeo tipo *Garota Selvagem*?

— Essa é uma ideia!

Dei um leve chute na canela dele. Estávamos esparramados em meu sofá, vendo um programa sobre videogames.

— Estou falando sério. Acha mesmo que sou uma ratinha assustada, com muito medo de assumir riscos?

— Talvez.

Voltei a dar-lhe um pontapé, mas ele agarrou meu tornozelo.

— Mas eu gosto muito dessa ratinha assustada.

— Cale-se!

Peguei uma almofada e tentei esmagá-la no rosto dele, mas Rick se livrou dela com facilidade e me prendeu sobre o sofá.

— Olhem só o que eu capturei! — Ele segurava meus braços acima da cabeça. — Uma ratinha muito bonita...

— Pare com isso! — Comecei a me contorcer.

— Adoro quando você fica zangada assim. — Rick sorriu.

— Não estou zangada. Solte-me. Está me machucando! A bem da verdade, ele segurava meus pulsos com muito cuidado.

— Num minuto. — E me beijou, num toque delicado. Repetiu o beijo e liberou minhas mãos. Pude sentir o calor de sua boca, o atrito familiar de sua barba, a maciez dos cabelos no dorso do pescoço.

— Não quero apressá-la, mas você está... pronta? — Rick murmurou passados alguns minutos.

Eu tinha dito a ele que não pretendia pular direto para a cama, e Rick respeitou esse desejo.

— O que você acha?

Havia alguns problemas. Ou seja, Jessie, Jane, meus pais e até Rachell. Bobby conhecia o suficiente a respeito de homens para não dar palpite, mas, sem dúvida, ninguém concederia a Rick o benefício da dúvida. Quando nos separamos, eu falei muito mal dele, sobretudo para Jessie.

Teria de usar de cautela para dar a notícia de que havíamos tratado.

No entanto, o roteiro que preparei não serviu para nada.

— Sério? Que bom! — Jessie se mostrou muito contente ao saber de nós.

Mas minha irmã parecia distraída, até sonhadora. Ainda não aparentava a gravidez, mas já mantinha uma mão protetora sobre o ventre.

Eu não tinha visto Ethan desde a festa, e agradeci aos céus por isso. Por intermédio de Jessie, soube que ele estava feliz com a chegada do bebê. Esperava que isso significasse o fim de seu adultério, caso amoroso ou apenas uma paquera inocente.

O Natal se aproximava. Agora, faltava uma semana apenas. Era a época mais agitada do ano para o departamento de expedição da Coddled Cook, mas a calma reinava em nosso setor. Nosso trabalho já estava feito, e chegara a hora de as consultoras aproveitarem a ocasião para vender, vender e vender.

O fim do ano também significava o momento da festa interna da companhia. Para acomodar todos os funcionários, ela seria realizada em duas noites diferentes. O pessoal de expedição, pedidos, operações e outros departamentos afins teria sua comemoração na sexta-feira. O de marketing, divulgação, vendas e informações ao consumidor faria a sua no sábado, agregando gerentes e diretores. As gêmeas fundadoras da Coddled compareceriam a ambas; assim ninguém se sentiria menosprezado.

Por tradição, essas festas provocavam certa sonolência. Até aquele ano, não fugiu à regra.

No entanto, adicione-se álcool para ver o que acontece, comemoração seria num grande hotel, em Oak Brook, e o traje era "formal tipo empresarial", segundo o convite.

— O que isso significa? — Rachell quis saber.

— Não sei. Talvez usar vestido em vez de calça — respondi-lhe.

Decidi usar saia, blusa de gola alta e botas, tudo preto. Acrescentei cinto e brincos prateados. Mais do que formal, concluí.

Ao chegar à festa, percebi que cometera um erro. Estacionei o carro e conferi meu casaco antes de entrar no salão.

Garçons de luvas brancas circulavam, oferecendo canapés sobre bandejas. As demais mulheres optaram por vestidos longos de noite, muito decotados, que quase expunham mais carne do que um maio de praia.

Rachell se aproximou de mim com rapidez. Trajava um colete de veludo cotelê verde sobre uma camiseta de mangas compridas, com listras verdes e vermelhas.

— Olhe como todas estão trajadas, Christelle! Eu estou horrível!

— Não, você está bem. — Agarrei-lhe o braço. — Venha, vamos pegar uma bebida.

O tema do conagraçamento parecia ser: "Se você tem, ostente. Se não tem, ostente também". Havia muita pele nua em exposição! Mesmo Petra pusera um vestido azul-turquesa e justíssimo, com uma fenda quase até os quadris. Cutuquei Rachell.

— Eu vi — ela disse, e depois contemplou seu colete. — Sou mesmo uma caipira...

— Somos. Você e eu.

— Não, adorei sua roupa. Você parece muito... quente. Dei risada.

— Quanto tempo você acha que devemos ficar, Christelle?

— No mínimo, uma ou duas horas. As gêmeas farão um discurso. Não sonhe em ir embora antes disso.

— Com quem devo conversar?

— Como assim?

— Li numa dessas revistas de negócio que estas festas são o lugar perfeito para você fazer contatos e turbinar sua carreira.

— Sei lá. Tenho minhas dúvidas.

Rachell se afastou e foi falar com Anne, uma das pagina-doras, e fiquei escutando a conversa delas, com indiferença. Sentia-me entediada, e consolava-me com a ideia de que logo estaria em casa.

Pedi outro refrigerante dietético e ocupei uma mesa, observando as pessoas. Elaine me viu e acenou. Não venha até aqui, pensei, mas ela não captou minha mensagem telepática.

— Muita diversão? — ela indagou, ironizando. Forcei um sorriso e indiquei meu copo.

— Bem, se você por acaso considera coca-cola uma bebida que excita os sentidos...

Ela sentou-se, e juntas vimos alguns espíritos corajosos tentando dançar. Era pior do que um casamento.

— Posso lhe perguntar uma coisa? — disse Elaine, de súbito. — Você conhece bem Bobby?

Olhei para ela. Sabia que éramos amigos.

— Muito bem. Por quê?

— Escutei um boato sobre ele. — Elaine afofou o cabelo com os dedos. — E o que dizem pode resultar na demissão de Bobby.

Não podia crer que a empresa fosse conservadora a esse ponto. Será que fazia diferença o fato de Bobby ser gay? Poderia ele perder o emprego por isso?

— Quais são os comentários, Elaine?

— Eu vou contar para você. — Elaine inclinou-se em minha direção. — Não tem nada a ver com o desempenho profissional de Bobby.

— Não tenho a mínima ideia do que está falando.

— Está certo, tudo bem. — Ela se pôs de pé. — Só achei que você gostaria de saber.

— Elaine, você não me falou nada. O que está querendo dizer?

— Esqueça. Achei que, como chefe de Bobby, estivesse a par do que acontece com ele.

Eu a vi afastar-se.

Bobby não se deu ao trabalho de vir à festa. Disse-lhe que isso não seria bom, mas ele desconsiderou minha advertência.

Perguntei-me sobre o que Elaine falara, e se era apenas outra de suas intrigas. Decidi que conversaria com Bobby na segunda-feira.

Após o discurso obrigatório das irmãs, cerca de um quarto dos festeiros se foi, sobretudo maridos, esposas e crianças. Os figurões e os solteiros permaneceram. Encontrei Rachell.

— Estou de saída.

— Ah, não, Christelle, fique! Está divertido.

— Tenho um longo caminho a percorrer.

Às vezes, gosto dessa desculpa, a da distância que me separa de casa.

— Você é quem sabe. Na segunda-feira você terá o relatório completo — afirmou Rachell, abrindo um sorriso.

Dirigi de volta à cidade, pensando em Bobby. Então, mudei de marcha e passei a pensar em Rick.

Deveria convidá-lo para o Natal na residência dos meus pais ou não? Jessie sabia que estávamos juntos, mas eu ignorava se ela havia falado algo para papai e mamãe. Era provável que não. Jessie agora só tinha cabeça para sua gravidez.

Situação estranha aquela. Afinal, se tivéssemos nos conhecido apenas algumas semanas atrás, nem cogitaria convidá-lo. Contudo, tínhamos uma história em comum. Rick era sozinho, portanto, eu duvidava que tivesse planos para o seu Natal.

Decidi que antes iria argumentar com meus pais. Sem dúvida, eu poderia aparecer com Rick, mas queria evitar surpresas desagradáveis.

O Natal era minha festa favorita. Bonnie e Harry nunca foram muito religiosos, mas sempre decoramos a árvore, trocamos presentes, fizemos ceia.

No domingo à tarde, liguei para eles a fim de avisá-los.

— Olá, mãe!

— Christelle querida. O que você anda fazendo?

— Nada. Só quero saber uma coisa sobre o Natal.

— Sim?

— Você iria se incomodar se eu levasse alguém comigo?

— De modo algum! Nós gostaríamos muito de rever Jane.

— Não se trata de Jane.

Senti uma pontada de remorso. Não tinha perguntado para minha amiga a respeito do que ela planejara para o final do ano. Porém, na certa ficaria com Steve.

— É Rick.

— Rick? Sério? Vocês reataram?

— Sim. Mas não é nada definitivo. Apenas decidimos tentar outra vez. — Quanto menos detalhes, melhor.

— Fico contente por escutar a boa nova. Traga Rick, sim. Que devo comprar de presente para ele? Um suéter com gola olímpica?

— Mamãe, você não precisa comprar nada para Rick. E, por favor, não dê nada com gola olímpica para ele.

— Se o rapaz vem passar o Natal aqui, quero que tenha um pacote para abrir.

— Tudo bem. Mas nada com gola alta, está certo?

— Por que não? Você usa gola rolê o tempo todo.

— Mãe, eu não sou homem. Nunca um homem como Rick vai usar gola rolê.

— Nunca diga "nunca" — sentenciou Bonnie. — Quando você chega?

— Imagino que na tarde do dia 24.

— Tudo bem. Até lá, filha!

CAPÍTULO XXIX

OITO DE COPAS, LÂMINA INVERTIDA

Alegria, festança, folia.

Logo depois do meio-dia, Rick e eu partimos para Champaign. Havia lhe dito que, caso não tivesse outro plano, ele seria bem-vindo à casa dos meus pais. Rick concordou.

— Gosto de sua família, Christelle. Relaxe.

— Certo.

Desde que reatamos, eu tentara não alimentar muitas expectativas. Era bom estarmos juntos. Ríamos bastante e ainda sentíamos a mesma e intensa atração sexual. Também era certo que Rick me amava. Eu não precisava estragar tudo com as costumeiras aflições, envolvendo, por exemplo, um possível casamento. Um passo por vez e em seu tempo certo, decidi.

Além disso, ele ainda não encontrara um novo emprego. Na realidade, Rick não vinha batalhando muito. Passava a maior parte de seus dias jogando videogame, alegando que as agências estavam procurando emprego para ele.

Ao chegarmos, Jessie e Ethan já estavam lá. De imediato, J meu pai, acompanhado de Rick e Ethan, dirigiu-se à garagem. Fui para a cozinha, e encontrei Bonnie e Jessie sentadas.

— Café? Refrigerante? Vinho? — ofereceu-me mamãe.

— Ou chá de ervas? — Jessie ergueu sua xícara. — Nada de cafeína para mim.

Verifiquei a cafeteira.

— Vou tomar café. — Com um gesto, pedi a minha mãe que continuasse sentada.

— Quais são as novidades?

— Estávamos falando sobre o quarto do bebê.

— Vi um berço incrível — disse-nos Jessie. — E também achei umas roupinhas maravilhosas.

A conversa delas seguiu por esse rumo. Era como se eu não existisse. Claro que também estava animada quanto ao bebê. Seria titia! Mas conversar sobre roupas infantis não constituía minha prioridade.

Mamãe me falou alguma coisa, mas não entendi.

— Perguntei como está Rick — repetiu.

— Bem, ele veio comigo. Pergunte-lhe.

— Parece que alguém está mal-humorada. — Bonnie meneou a cabeça, impassível.

Jessie colocou-se de pé, alongou-se e tornou a se sentar. — Tudo bem. Diga-nos tudo antes que os homens venham da garagem. Qual é o problema?

— Não sei. — Suavizei meu tom de voz. — Conte para vocês que Rick está desempregado.

— Sim. Ele ainda não encontrou outro trabalho?

— Não, mãe. Está aguardando resposta de algumas agências de emprego. Com certeza, logo encontrará alguma coisa.

— Qual colocação o rapaz procura? Talvez o escritório necessite de alguém.

— É uma boa ideia, Jessie, mas não sei que tipo de cargo Rick almeja.

— Acho que, para quem está desempregado, qualquer coisa serve — pontificou Bonnie. — Depois, Rick pode mudar para algo melhor.

— Imagino que sim. Mas é ele quem sabe. Na realidade, isso não é de minha conta. Não somos casados, nem nada.

Conversamos por mais algum tempo, até os homens retornarem da garagem, cheirando a charutos. Claro, haviam aproveitado para fumar longe de mamãe.

Melissa e sua companheira de quarto, Amy, aparecera alguns minutos depois, arrastando suas bagagens.

— Bom, parece que a família inteira está reunida. — Papai sorriu largo. — Agora podemos comer!

Bonnie tinha posto a mesa para oito, com ela numa cabeceira e Harry na outra. Jessie sentou-se à direita de nossa mãe, depois Ethan e Melissa. Rick e eu ficamos instalados no outro lado, com Amy, uma morena de baixa estatura, com cabelos longos, pele lisa e seios volumosos. Ela não falou muito durante o jantar, mas era educada, e felicitou minha mãe pela ceia diversas vezes.

— Meus pais estão na Espanha passando o fim do ano — explicou-nos.

— Você está estudando o quê? — eu quis saber.

— Comecei em sociologia, mas depois passei para psicologia. Então, fiz um curso livre de poesia e achei fascinante! Desse modo, mudei para letras. A palavra escrita é incrível.

— Christelle é a escritora da família — meu pai comunicou.

— Ah, que interessante! Você escreve contos, romances ou o quê?

— Nada disso. É redação comercial, anúncios publicitários, boletins informativos...

— Sei. — A garota revelou certa decepção. — Não é maçante?

— Não é tão ruim.

— Mas, fazendo esse tipo de serviço, você não expressa sua verdadeira personalidade.

— Meu anjo, é muito difícil ser paga para escrever poesia em tempo integral, sabe? — Degustei um gole de vinho,

imaginando se estava sendo agressiva.

— Mas eu não me importo com coisas materiais. Quando sair da faculdade, só quero ser capaz de trabalhar com minha arte, sem me preocupar em ter uma bela casa, um carro de luxo ou algum desses bens. Correr atrás de minha felicidade completa é tudo o que quero.

— Claro. — Melissa prendeu uma mecha atrás da orelha.

— Não é como essas pessoas que fazem faculdade agora para depois conseguir um emprego e ganhar dinheiro. O que aconteceu com a geração da mente aberta e dos horizontes amplos?

— Por que você deixou a sociologia? — indagou Ethan.

— Era o que eu fazia antes de me vender e ir para a faculdade de Direito.

— Não quis dizer que todo o mundo se vende. — Amy aceitou a brincadeira de

meu cunhado. — Se você estiver correndo atrás de sua felicidade, se fizer o que deseja, será maravilhoso. Todavia, muita gente tão-só faz o que acha que tem o dever de fazer, e toma o caminho mais fácil.

— Isso é fato — disse Ethan. — Nunca ponderei a respeito, mas você tem razão.

— Ah, por favor... Você sempre quis ser advogado. — Jessie abanou a mão.

— Mas por quê? Porque escolhi a profissão ou porque achei que era o caminho mais fácil a seguir? Faz sentido o j que Amy está dizendo, querida.

Amy assentiu com um gesto vigoroso de cabeça.

— Sempre soube que queria ser administrador de rede — Rick comentou. — Desde pequeno sonho em conectar servidores, roteadores e hubs.

Ele afirmou isso num tom de menino saudoso, e todos rimos, mesmo Amy.

Após a refeição, Melissa desenterrou alguns jogos de tabuleiro.

— Não... — Rick gemeu. — Qualquer coisa, menos isso.

— Que tal Taboo?

Nesse jogo, as pessoas se dividem em dois grupos. Os membros de um têm de adivinhar a palavra sorteada por alguém do outro, sem que o companheiro use os conceitos preferenciais para descrevê-la. É como um jogo de charada.

— Estou fora. — Jessie fez um careta. — Taboo é muito aborrecido.

— Tudo bem, quem mais está fora?

— Eu. — Mamãe ergueu a mão. — Mas Jessie e eu vamos ser as chefes da torcida.

— Está certo. — Missy fitou os demais. — Nesse caso, jogaremos homens contra mulheres. Eu, Amy e Christelle contra vocês.

— Maravilha! — Rick suspirou.

Começamos a jogar, sentados em um círculo sobre o chão da sala.

— É minha vez. — Amy apresentava pistas obscuras, mas Missy descobria a maioria das palavras depois de apenas algumas adivinhações.

— Não é justo. Casais e colegas de quarto não deveriam poder jogar no mesmo time. — Ethan franziu o cenho.

— Está com medo de perder para uma garota? — Missy deu risada.

— Talvez.

Passada cerca de uma hora regada a muitas taças de vinho, estávamos mais rindo do que jogando. Eram quase onze horas da noite.

— Quando iremos abrir os presentes?

— Na manhã do Natal, Amy — respondeu-lhe Melissa.

— Eu vou dormir. — Bonnie reprimiu um bocejo.

— Eu também. — Jessie se levantou. — Você vem, amor?

— Ficarei mais um pouco, querida

— Acho melhor eu ir também. — Papai se espreguiçou. — Terei de acordar bem cedo amanhã, para cuidar do peru.

No Dia de Ação de Graças e no Natal, sempre havia peru recheado, purê de batata, creme de milho e pãezinhos. O cardápio nunca mudava. Harry preparava o peru, e minha mãe fazia todo o resto.

Melissa empunhou o controle remoto da tevê.

— Talvez haja um bom filme. — E foi apagar as luzes. O filme era Tommy Boy. Eu já tinha visto, mas não me importei de revê-lo.

Rick e eu ficamos enrodilhados na poltrona, com os braços dele em torno de minha cintura. Melissa, Amy e Ethan se afundaram no sofá, com os pés sobre a mesa de centro.

Devo ter adormecido. Ao abrir os olhos, o volume da tevê estava bem baixo, e a sala era iluminada apenas pelas imagens tremeluzentes. Pude sentir a respiração de Rick contra minha nuca.

Melissa apoiava a cabeça sobre o braço. Mantinha as pálpebras cerradas e a boca aberta. Amy e Ethan permaneciam sentados muito próximos. Ele falava baixinho, e ela mantinha a cabeça quase encostada no rosto dele. Logo começou a rir.

Pisquei, na tentativa de enxergar melhor. Por que Ethan não estava na cama com sua mulher? Pelo amor de Deus! Mexi-me com estardalhaço, esticando os braços, observando a reação dos dois. Eles se desgrudaram, desajeitados.

— Você me assustou! — sussurrou Amy.

— Ah, é? — Ao me erguer, empurrei o ombro de Rick. — Ei, dorminhoco, vamos para a cama. Está na hora.

Ethan e Jessie ocupavam o quarto de hóspedes. Melissa tinha oferecido o quarto dela para mim e Rick.

Em outras temporadas, eu havia dormido junto com Melissa, enquanto Rick se ajeitava no sofá da sala. Mas, de acordo com minha irmã caçula, dessa vez mamãe providenciara para que eu dividisse o mesmo cômodo com meu namorado. Era um progresso.

Guiei Rick até o aposento de Missy.

— Também irei me deitar. — Ethan me encarou. — Boa noite, Christelle. Boa noite, Amy.

— Boa noite.

Rick desabou no colchão sem se trocar. Tirei minhas roupas e vesti uma camiseta bem comprida. Deitei-me ao lado dele.

— Você não viu os dois? — sussurrei. Meu namorado já adormecera.

Tentei escutar a voz de Ethan. Será que ele fora para a cama ou continuava na sala?

Aos poucos, tomei consciência da luz do sol, do cheiro do café e dos ruídos da sala. Escutei a voz de Jessie, e depois a risada de meu pai.

Rick resmungou e me puxou para si.

— Que horas são?

— Sete e dezessete — constatei, ao olhar para o rádio-relógio.

— Que droga! — Ele ajeitou o travesseiro e bocejou. — O que acontece com sua família? É um feriado. Deveríamos estar todos dormindo.

Ajeitei melhor o cobertor sobre meu ombro e me aninhei sobre Rick.

— Você pode me dizer por que ainda estou vestido? — Ele beijou meu pescoço.

— Porque estava muito bêbado ontem à noite, meu bem.

— Não estava, não, apenas cansado. E continuo assim. — Estreitou-me ainda mais,

e pude sentir a excitação dele através de seu jeans contra minhas nádegas.

— Não, não. Pode esquecer.

— Ah, por favor... Nós podemos nos divertir enquanto eles tomam café e abrem os presentes.

— De jeito nenhum! Esta é a primeira vez que me deixam dormir com um namorado na casa deles.

— Feliz Natal! — Jessie bateu na porta do quarto. — Hora de acordar! — Girou a maçaneta.

Rápida como um raio, afastei-me de Rick e sentei-me. Ele agarrou o travesseiro e cobriu o rosto.

— Sabe, Christelle, sua irmã é um amor — comentou Rick, com ironia.

Jessie não se perturbou.

— Bom dia para você também, Rick!

Saí da cama, levando os cobertores comigo. Jessie viu as roupas de Rick.

— Não costuma tirar a roupa antes de dormir?

— Eu estava exausto. — Tornou a resmungar. — Preciso de café...

— Você sabe como são os homens, pela manhã... — Pisquei para Jessie.

— Ethan é pior. Vou tirá-lo da cama agora. Até que horas ficaram acordados?

— Não sei. Uma da manhã? Uma e meia? — Vesti uma calça de abrigo.

— Não consigo mais ficar acordada até essa hora. Sinto-me sempre cansada.

— Ande, dorminhoco! — Encontrei um blusão para mim. Tomaria banho mais tarde.

Amy e Melissa ainda continuavam deitadas em seus sacos de dormir, no tapete da sala. Na cozinha, meus pais tomavam café. Mamãe também cortava pão para preparar o recheio.

— Café, quero café. — Eu os abracei. — Feliz Natal!

— Feliz Natal, Christelle!

Outro punhado de pedaços de pão foi para a tigela.

— Posso ajudar, mamãe?

— Vou lhe dizer o que você pode fazer. Mande sua irmã preguiçosa sair do chão, assim poderemos usar a sala.

— Estou me recuperando dos exames finais, mamãe! Preciso de descanso! — gritou Melissa.

— E nós precisamos do espaço para abrir os presentes. Levante-se e enrole os sacos de dormir!

Quando eu entrei na sala, Melissa e Amy estavam fora de seus ninhos, espreguiçando-se.

— Vamos, podemos jogar todas essas coisas em meu quarto — sugeriu Melissa.

As duas se afastaram, abraçadas a travesseiros e roupas de cama. Escutei Jessie descer as escadas e cumprimentá-las. Ethan apareceu logo atrás, todo despenteado e com a barba por fazer.

Poucos minutos depois, Melissa entrou na cozinha, seguida por Amy.

Olhei para a amiga de minha irmã. Ela vestia calça de pijama, a mesma camiseta

da noite anterior, e não usava sutiã. Os bicos dos seus seios estavam duros! Vi que Ethan notou. Rick também. Papai talvez não, mas quem poderia saber?

Impossível culpá-los. A menina, de fato, era pura tentação. Tinha seios volumosos, não usava sutiã, e a cozinha estava um tanto fria, daí os mamilos rijos de Amy. Rick sabia que eu notara seu olhar para ela. Sorriu como uma criança travessa.

Em seguida, Rick aproximou-se de mim e tocou meus braços.

— Eu vi que você reparou na garota.

— O que eu iria querer com uma menina de vinte anos, Christelle?

— A mesma coisa que todo homem quer com uma menina de vinte anos. Só procure não cobiçá-la de maneira tão óbvia, está bem?

— Certo, chefe.

Rick praticamente ignorou Amy depois disso. Ethan também. Passamos o resto da manhã bebendo café, comendo rosquinhas com canela e abrindo presentes.

Meus pais... na verdade, minha mãe... haviam preparado pacotes para todos.

Apesar de minha advertência, Bonnie comprou um suéter azul-escuro com gola rolê para Rick.

— Obrigado, sra. Elder. Gostei muito.

— Apenas Bonnie. Achei que ia combinar com você.

— Vou vestir ainda hoje.

— Você gostou mesmo? — perguntei.

— Sim, claro. Por quê?

— Sempre achei que homens detestam gola rolê.

— Gostei de meu presente. — Rick tirou-o da caixa. — Irei experimentá-lo agora.

E deixou a sala. Quando retornou, trajava o suéter com a calça jeans que tinha vestido na véspera.

Minha mãe olhou para ele e começou a rir. O suéter estava muito justo. Rick parecia tão ridículo que todos nós desatamos a gargalhar.

— Sinto muito... — Bonnie sorria. — Ficou pequeno. Vou trocar para você.

Rick se encaminhou até ela e beijou-lhe o rosto.

— É a intenção que vale, Bonnie. Adorei a cor. Minha mãe tornou a acomodar-se em sua cadeira.

— Ela o ama — murmurei no ouvido de Rick, quando ele veio se sentar de novo perto de mim.

— Eu sei...

CAPÍTULO XXX

AS DE PAUS, LÂMINA INVERTIDA

O recomeço talvez não se materialize.

Existe algum dia de trabalho mais deprimente do que a segunda-feira depois do Natal? As pessoas estão tentando se recuperar das festividades, e, então, depois que os presentes foram abertos, a única coisa que se pode esperar, além da bebedeira do ano-novo, são as contas que chegarão em janeiro.

Rachell me perguntou sobre minhas decisões para o ano que iria se iniciar, mas eu não tinha decisão alguma.

— Não é possível, você tem de ter uma, pelo menos!

— Não, Rachell, não tenho. Nunca fiz isso. Acho uma bobagem. As pessoas decidem que querem emagrecer ou ficar em forma, e, depois de duas semanas, desistem.

— Bem, eu tomei cinco. — Puxou um pedaço de papel do bolso. — Ler mais, prestar exame para meu mestrado, comprar um apartamento, perder dez quilos e encontrar um namorado.

— Essas são suas metas? Todas são boas, exceto a de perder dez quilos. Acho que você não precisa.

— É o que minha mãe também diz. — Suspirou. — Mas todas as outras mulheres são tão magras...

— Quem é tão magra? Olhe a seu redor!

Estávamos sentadas no refeitório, cercadas por funcionárias da Coddled Cook. Havia algumas magras aqui e ali, mas a maioria era gorda ou de fato obesa.

— Sim, mas todas as atrizes são magras. Quero ficar igual a Cameron Diaz ou Gwyneth Paltrow.

— São duas varetas! E também são altas e loiras, o que não é seu caso.

— Eu sei, mas posso sonhar, não posso?

Pensei sobre isso. Na realidade, não me importaria de ser um pouco mais magra. Porém, meu corpo era o mesmo desde o tempo do colégio. Eu tinha uma estatura mediana, constituição física média e seios médios. Minha barriga era um pouco saliente, mas quem não possuía pneus no ventre?

Certo dia, Jane me disse que eu não tinha consciência corporal. Achei aquilo um insulto.

— É um elogio, Christelle. Você não liga para sua aparência. Não fica obcecada com sua anatomia, com suas roupas, com sua maquiagem. A conclusão é que você não é uma mulher.

— Ah, é? E estes peitos? O que são? Enfeites?

— Pergunta número um: quantos regimes já fez?

— Nunca fiz nenhum. Quero dizer, na faculdade, sempre dizíamos que íamos parar de comer pizza, mas isso durava um dia ou dois.

— Nenhum regime. Vê? Você não é uma garota.

— Muitas mulheres não fazem regime.

— Certo. Pergunta número dois: que tipo de calcinha está usando?

Pensei por um instante.

— Não sei. De algodão?

— Que cor?

— Sei lá, não tenho ideia. Azul? Verde? — Afastei a cintura da calça a fim de verificar. — Cor-de-rosa.

— De novo, você não é uma mulher. Uma garota sempre sabe que tipo de calcinha está usando, que cor, e se combina com o sutiã.

— Jane, isso é uma maluquice.

— Tudo bem. — Ela meditou por um segundo. — Calcinha fio-dental azul-marinho e sutiã meia-taça de renda cor-de-rosa. — Puxou a alça do sutiã para me mostrar. — Está vendo? De mulher.

— Ainda não captei a mensagem.

— Sério? Um escritor disse: "O mundo é feito pelas pessoas que não estão amaldiçoadas pela autoconsciência". Gente como você.

— Posso garantir que tenho autoconsciência.

— Não no sentido de que esta preocupada se está bonita, bem vestida ou se causa boa impressão. Esse é o preço de ser uma garota.

— Eu me preocupo com isso, sim.

— Mas não é óbcecada. É esse detalhe que eu adoro em você.

Não sabia se concordava com ela ou não. Jane tinha teorias para tudo e sempre se achava dona da razão.

Mais tarde, interpelei Rick:

— Acha que eu sou uma mulher?

— Se não for, me enganou direitinho. Por que isso agora?

— Não consigo esquecer algo que Jane me falou.

— O que é uma garota para ela?

— Alguém que se preocupa com o corpo, com a aparência, com as calcinhas, com os sutiãs, com as roupas...

— Por essa definição, então não, você não é uma garota.

— Mas eu me importo com tudo isso! Tenho vontade de ser atraente e tudo o mais.

— Sim, mas você é real, Christelle. Os homens dizem que querem uma mulher fatal, com seios imensos e curvas fabulosas, mas essas mulheres custam caro. A maioria prefere mesmo uma garota certinha. Bonita, mas não muito. Alguém para ficar junto.

— Quer dizer que sou bonita, mas não muito?

— Sabe que é bonita, meu anjo. Linda mesmo.

— Não tanto quanto Jessie.

— Laranjas e maçãs. Vocês não parecem irmãs. Você tem uma aparência mais natural. Gosto disso.

— E Jill? — Senti um aperto no estômago logo que indaguei.

— Quer mesmo saber?

— Sim.

Durante seis semanas, nós evitamos esse assunto. Conforme o tempo passava, Jill se desvanecia de meus pensamentos, mas eu não conseguia deixar de pensar nela. Em algum momento, se Rick e eu continuássemos juntos, teríamos de conversar sobre essa moça.

— Ou melhor, se você quiser me falar...

— Ela era difícil, Christelle. Bem difícil.

— Como assim? — Tentei manter a respiração calma e uniforme.

— Jill tinha uma lista maluca de coisas a fazer todas as manhãs: sete minutos no banho, sessenta segundos para escovar os dentes, e assim por diante.

— Deus do céu!

— Pois é. Sempre muito ansiosa, nervosa. Não consegui aguentar isso.

— Quanto durou?

— Não sei. Um mês, talvez. Afastei-me de Rick, denotando certa mágoa.

— Foi você que começou com isso — ele exprimiu-se com delicadeza.

— Eu sei. Disse-lhe que queria saber, mas voltei a sentir raiva.

— Você vai parar de sentir raiva?

— Creio que sim.

Rick foi até a cozinha e voltou trazendo duas garrafas de água.

— Obrigada. — Destampe a minha.

— Não falei? Uma agência de empregos me ligou hoje.

— Mesmo? Que tipo de trabalho?

— Coisas de rede. É uma empresa de consultoria. Bom salário, benefícios... Parece bom.

— Ótimo! Quando será a entrevista?

— Na sexta-feira. Tenho de pegar o avião para lá. O trabalho é em Seattle.

— Seattle, no Estado de Washington?

— Sim. Como deve saber, a Microsoft está lá perto, em Redmond, e há muitas empresas de tecnologia por ali. Imagino que seja o lugar certo para eu estar.

— Então, você se mudaria para lá?

— Se a oferta se confirmar, é provável.

— Está bem...

Não deveria me preocupar, disse a mim mesma. Podia ser que ele não conseguisse o emprego.

E se Rick fosse escolhido para a vaga? O que eu faria? Acho que teríamos de terminar a relação, não?

Não era capaz de imaginar, nem desejava, um namoro de longa distância. Queria ter mais do que tivera antes, não menos. Se Rick conseguisse a colocação, nossa relação, em vez de avançar, iria regredir. Eu não poderia lidar com isso.

Ótimo. A volta com Rick se mostrava, afinal, um grande erro.

Senti um grande aperto no peito. Por que eu era tão idiota? Por que as coisas não podiam ser mais fáceis para mim? Por que Rick não podia achar um emprego aqui, em

Chicago?

Pensei em ligar para Jane, mas ela ia me dizer que eu era uma catastrofista; imaginando o pior a respeito de algo que ainda nem tinha acontecido.

Enquanto isso, eu precisava tratar de assuntos profissionais. Bobby se manteve fora por quatro semanas, e não pude descobrir nada a respeito dos boatos sobre sua demissão. Convidei-o para almoçar.

— Quero saber uma coisa de você.

— Claro. Do que se trata, Christy?

— Elaine me disse algo a seu respeito na festa de fim de ano.

— Deixe-me adivinhar. Ela está apaixonada por mim.

— Não. Elaine disse que você está fazendo algo que pode provocar sua demissão.

— Ah, droga! — Bobby olhou para longe.

— O que é? Não é porque você é gay, certo?

— Não. Acho que sei do que se trata. — Fitou seu prato. — Fiz alguns serviços autônomos.

— E daí? Qual é o problema?

— Para a Perfect Kitchen. Fiquei pasma.

— A Perfect Kitchen é uma de nossas maiores concorrentes! Você enlouqueceu?!

— Escute, necessito de dinheiro. Meu roteiro está quase terminado, mas devo ir até Los Angeles para vendê-lo. Mal consigo pagar minhas contas com o que ganho aqui. — Apontou para seu hambúrguer. — Quando foi a última vez que você me viu comendo em restaurante?

Eu havia percebido que Bobby vinha trazendo sanduíches de casa, mas imaginei que era porque queria aproveitar o horário do almoço para trabalhar no roteiro.

— Não supus que você estivesse com problemas financeiros, Bobby.

— Acho que vou acertar no alvo com esse roteiro, Christelle. Mas tudo depende de contatos. São necessários recursos para eu poder passar uma temporada em Los Angeles. Descobri que a Perfect Kitchen queria alguns freelances, por isso mandei-lhe meu currículo.

— Eles não se importaram com o fato de você trabalhar aqui?

— Creio que não.

— Bobby, não sei o que dizer. Você não pode fazer mais isso. Está em seu contrato de trabalho. É possível que Petra o mande embora.

— Eu sei. — Esfregou as sobrancelhas com os dedos. — Foi uma atitude idiota. O que devo fazer?

— Essa é uma pergunta complicada. Mas se Elaine sabe de algo, é melhor que faça mesmo alguma coisa. Ela não vai ficar quieta. Você a conhece.

— Uma cadela com um osso... — Bobby afastou o prato. — Você dirá algo?

— Tenho de pensar.

— Christy querida, nós somos amigos.

— Eu sei. Mas também sou sua chefe.

Aquilo era o que tornava tudo tão duro. Se eu tivesse sido a chefe de Bobby desde o início, nós não teríamos nos tornado amigos. Ou melhor, não creio que seja

muito apropriado discutir a vida sexual, ou a falta dela, com seus subordinados. É preciso que se esteja numa mesma condição para fazer isso.

No entanto, éramos amigos. Se isso tivesse ocorrido alguns meses atrás, teria ficado muito angustiada por causa de Bobby. Ele estava infringindo uma regra importante da companhia. Mas eu nunca sonharia em denunciá-lo, pois não era minha função, afinal.

Aliás, qual era minha função agora? Delatar meu melhor amigo do trabalho?

De repente, senti-me deprimida. Bobby tornava o expediente suportável. Mais que isso: divertido. Eu tinha de ter ao menos uma pessoa agradável no ambiente de trabalho, sem o qual ele seria muito aborrecido. Oito longas horas todos os dias, cinco dias por semana.

Mas mesmo um serviço maçante era muito melhor do que ficar desempregada. Rick decerto concordaria comigo.

CAPÍTULO XXXI

NOVE DE ESPADAS

Dor, miséria, sofrimento.

Na terça-feira, Rick me ligou na Coddled. — Olá, amor! Adivinhe. Consegui! O diretor de recursos humanos acaba de me ligar. Sessenta e cinco mil dólares por ano, incluindo um adicional para as despesas de mudança.

— Nossa, que bom! Parabéns! — disse eu, forçando algum entusiasmo que não sentia.

— Acho que o custo de vida é semelhante ao de Chicago. Seattle não é uma cidade ruim, Christelle. Você vai gostar.

Cerrei as pálpebras, já prevendo o relacionamento de longa distância que teríamos. Nós nos veríamos a cada dois meses, talvez com mais frequência. Comunicação por telefone ou e-mail. Em quatro ou cinco meses, ficaríamos fartos disso e terminaríamos tudo.

— Lógico, sem dúvida. Mas não chove muito por lá?

— Nem diga! Mas sem a neve e o gelo daqui. Sabe, pensei sobre toda a dificuldade que a distância nos traria...

Sem dúvida, uma conversa inevitável. Mas ele tinha de abordar o assunto ao telefone e em meu trabalho?

Eu não iria chorar. Parar que tinha comprado mais um lote de calcinhas fio-dental?

— Por isso é que acho que você deve vir comigo. — Rick fez uma pausa. — Se você quiser, claro.

— Ajudar na mudança?

— Não, querida. Venha junto comigo. Você pode arrumar um emprego lá. Vamos fazer as coisas juntos.

Emudeci.

— Ainda está aí, Christelle? — Ele riu. — Não diga nada agora. Conversaremos mais tarde.

Desliguei o aparelho.

Após dois meses de desemprego, aquela era a primeira vez que ele parecia ser o Rick que eu conhecera: muito confiante, seguro de si. Alegara não se importar de ficar parado, mas não era verdade.

A perda do emprego fora bem difícil para ele, e essa situação me serviu de lição. Era incapaz de imaginar não ter nada para fazer, dia após dia, sem dinheiro algum entrando.

Isso pie fez desistir da ideia de comprar uma casa própria. O que aconteceria se eu ficasse desempregada? Não conseguiria pagar o financiamento. Perderia o imóvel. Deus, seria horrível!

Por falar nisso, o que eu iria fazer a respeito de Bobby? Se não contasse para Petra sobre o trabalho de freelance dele e ela descobrisse, talvez eu também fosse

demitida.

Bobby concordara em não prestar mais serviços para a Perfect Kitchen. Gostaria de saber como Elaine tinha descoberto, mas não estava disposta a lhe perguntar.

No fim daquela tarde, Ethan me ligou:

— Christelle, Jessie sofreu um aborto. Ela está no hospital do noroeste da cidade. Vai passar a noite lá, em observação.

— O quê?! — Apertei o telefone com força. — Ela está bem?!

Óbvio que não!

— Jessie perdeu muito sangue.

— Ah, Jesus... Sinto muito, muito mesmo, Ethan. O que houve?

— Nos últimos dois dias, surgiram sangramentos. Esta manhã, no escritório, ela começou a sentir cólicas muito fortes.

As lágrimas principiaram a rolar por meu rosto.

— Isso é muito triste. Pobre Jessie... Posso fazer alguma coisa?

— Não sei. Ela está dormindo agora. Jessie não está nada bem, Christelle. Ficou histérica com a perda do bebê. Deram-lhe algo para que se acalmasse. Não sei o que fazer.

— Irei até aí após o expediente.

E nos despedimos.

Peguei um lenço de papel e assoei o nariz. Em seguida, telefonei para a casa de meus pais. Minha mãe atendeu.

— Olá, mamãe.

— Querida... Ethan ligou para você?

— Sim. Irei ao hospital assim que sair daqui. Bonnie começou a chorar.

— Ela estava tão animada com a gravidez!

— Eu sei, eu sei, filha...

— Papai já sabe?

— Contarei quando Harry chegar. Não quero ligar para o trabalho.

— Pretende falar com Melissa? Ou quer que eu faça isso?

— Telefonarei para ela mais tarde.

Parei no estacionamento do hospital e, na recepção, informaram-me o número do quarto de Jessie. Parei à soleira, antes de entrar, e respirei fundo.

Jessie estava deitada, de olhos fechados. De um frasco, contendo um líquido incolor, saía um tubo, ligado a seu braço. Ethan, sentado numa cadeira de plástico, se achava bem próximo dela.

Saudei meu cunhado, que fez menção de levantar-se, mas com um gesto pedi que continuasse ali. Cheguei mais perto.

— Sinto muito...

Ele aquiesceu com um meneio de cabeça. Permanecemos em silêncio. A despeito do odor típico de hospital, ainda consegui sentir o cheiro da colônia de Ethan. De fato, era um sujeito elegante.

— Quer dar uma volta, Ethan? Eu fico aqui — disse, desvestindo meu casaco.

— Está bem.

Ele saiu e eu me sentei.

Tornei a fitar minha irmã. Seu rosto estava inchado. Quis segurar a mão dela, mas temia acordá-la.

— Isso faz sentido? — ela indagou, sem me fitar. Jessie não dormia, e a voz saiu grossa, por causa do sono ou da medicação, ou de ambos, e tive de me esforçar para entendê-la.

— O quê?

— Era bom demais para ser verdade. Eu devia saber — resmungou.

Acerquei-me a fim de afagar seus cabelos.

— Tudo bem. Descanse.

Ela fez um ruído e voltou a adormecer. Dei graças a Deus. Não queria vê-la acordada, não queria testemunhar sua dor.

Senti vergonha ao admitir isso para mim, mas era fato. Sentei-me de novo, e fiquei vigiando minha irmã até Ethan retornar.

— Jessie está bem?

Fiz que sim, e decidimos ir até o corredor. A porta do quarto se fechou sem fazer ruído atrás de nós.

— E você, como está?

— Não sei. — Ethan meneou a cabeça. — Estou mais preocupado com ela.

Disse-lhe que meus pais viriam no dia seguinte.

— Eu sei. Eles são ótimos.

— Você contou para seus pais? Ethan confirmou em silêncio.

— Quer que eu fique mais um pouco?

— Não, Christelle, não precisa. De todo jeito, o horário de visitas termina às oito.

— O que mais posso fazer?

— Nada. Visite-a quando Jessie for para casa. O médico falou que, antes de retomar o trabalho, ela terá de repousar alguns dias.

Saí do hospital. Fazia muito frio. Deixei o carro esquentar por alguns minutos. Dirigi até Michigan e peguei a Lake Shore Drive para Lawrence. Achei um lugar para estacionar na entrada do prédio e corri para meu apartamento.

Tinha esquecido que deixara o aquecedor ligado. Os cômodos estavam muito quentes. Ainda bem que nada se incendiara.

Desliguei o aquecedor, abri as janelas e me servi de vinho.

Meia hora depois, Rick me ligou.

— Fiquei preocupado. Não sabia onde você estava. Aconteceu alguma coisa?

Contei-lhe sobre Jessie.

— Nossa... Sinto muito por eles. Como está sua irmã?

— Fisicamente, bem. Emocionalmente, não faço ideia.

— Quer que eu vá até aí?

— Obrigada, mas gostaria de ficar sozinha. Estou aborrecida, e não seria uma boa companhia.

— Não me importo.

— Obrigada, mas não.

— Certo. Você me liga amanhã?

— Claro.

— Christelle, eu... — Rick pigarreou. — ...lamento. Diga isso para a Jessie, sim?

— Eu direi.

Ao desligar, terminei meu vinho e me servi de mais uma taça.

Meu estômago reclamou, mas não sentia fome. Sentei-me no sofá, contemplando a reprodução de Van Gogh na parede.

Minutos depois, ergui-me, fui para o quarto, tirei as roupas e me deitei.

CAPÍTULO XXXII

DOIS DE OUROS

Incapacidade de lidar com duas situações ao mesmo tempo.

Quinze dias se passaram desde o aborto espontâneo de Jessie.

O clima era típico de Chicago em janeiro: três dias de intenso frio, depois um dia ensolarado, com a temperatura na marca dos cinco graus, seguido por quinze centímetros de neve.

Havia uma semana, Jessie retornara ao trabalho. Ela parecia bem, mas, em se tratando dela, era difícil ter certeza.

Todas as manhãs eu ligava para minha irmã. Nossas conversas sempre eram breves. Ainda não contara a ela sobre o emprego de Rick. Na realidade, não tinha contado a ninguém. Antes de fazer isso, eu deveria tomar uma decisão.

As pessoas iriam perguntar se ainda veríamos um ao outro. O que eu responderia? "Claro, nós iremos nos ver todos os dias! No café da manhã e no jantar!"

Isso aconteceria apenas se eu me mudasse com Rick para Seattle. Mas por que fazer isso? Desistir de um bom emprego, deixar minha família e minhas amizades apenas para seguir meu homem? E, se fosse esse o caso, não deveríamos nos casar? Ou pelo menos noivar?

Não tinha falado para ninguém sobre isso, mas já sabia o que todos diriam.

— Siga em frente! Aventure-se! — diria Jane.

— Fale sério. Você já arranjou um emprego lá? E se não conseguir? O que irá fazer? Não tem um projeto, Christelle. Esse é seu problema — seria a opinião de Jessie.

— Meu bem, não sei se você deveria assumir um risco desses sem um compromisso sério da parte dele — falaria minha mãe.

— Seattle? Que ótimo! Posso visitá-la? — Melissa ficaria muito alegre.

E papai? O que Harry diria? Eu nem sequer imaginava.

Rick já começara a desmontar seu apartamento. Viam-se caixas de acessórios de computador espalhadas e um grande saco de lixo perto da porta de entrada.

— Então, você está indo mesmo. — Tirei alguns cabos de conexão do sofá e me sentei.

— Vou na terça ou na quarta.

— Está certo.

— Já fiz o convite: venha comigo.

— Não posso abandonar meu emprego e fugir com você, Rick.

— Pode procurar colocação em Seattle desde já, sabia? Há diversos sites e diversos trabalhos para redatores técnicos lá. Eu vi.

— Não sou redatora técnica. Também não sei se quero ser uma.

— O que você quer ser?

— Não sei. Feliz.

— Como assim?

— Quero dizer... ter amizades que me fazem rir. Estar com você, com minha família. Boa cama. Bons livros. Bons filmes. Boa comida. — Suspirei. — Meu Deus, estou muito desagradável, não estou?

— A parte de "boa cama" me chamou a atenção.

Rick se aproximou de mim. Ocupou um velho banquinho, revestido com um tecido xadrez todo manchado. O estofamento estava saindo por três lugares distintos.

— Decidi não levar este banco.

Sempre o importunei por causa da decoração estilo "república de estudantes" de sua residência. Contudo, fiquei triste com a decisão de Rick.

— Por que não?

— Ora, é uma velharia. Só levarei o que é mesmo importante. É fácil de transportar.

— O que, então?

— O colchão, a mesa e as cadeiras. Só.

— Nossa... Você quer viajar com total leveza...

— Assim haverá bastante espaço para mais móveis. Os seus.

— Não tenho certeza. Preciso de mais tempo para decidir.

— Você é quem sabe. — Passou fita adesiva numa caixa. Fiquei observando, com rancor.

— Sabex isso é fácil para você! Já arranhou emprego lá! Vai arrumar amigos bem rápido. Você não se importa com o lugar em que mora. E eu?

— E você?

— Tenho um bom emprego. Minha família e Jane vivem aqui.

— Nesse caso, fique aqui. Também podemos manter nosso namoro vivendo longe um do outro.

— E se você conhecer alguém?

— Não estou procurando ninguém.

— Até que conheça alguma garota de Seattle, atraente, com peitos incríveis, um corpo fantástico e muito rica. Daí, nem sequer se lembrará mais de meu nome.

— Fale mais dela para mim! — provocou-me. — Parece uma mulher sensacional.

— Cale-se! — Cruzei os braços. — Estou falando sério.

— Você é paranóica.

— Mesmo uma paranóica tem inimigos reais.

Eu lera sobre isso em algum lugar, e parecia válido.

— Olhe, estou jogando limpo com você. Se me quer, serei seu, Christelle. Não estou procurando mais ninguém. Mesmo se vier a conhecer uma garota, não irei mais fazer o que já fiz. Aprendi a lição.

— Então por que... — Respirei fundo. — Por que não quer se casar comigo?

— Não me sinto preparado. Escute, nós já conversamos sobre isso. Quero viver com você, quero que venha comigo. Não está bom?

— Ainda não estou segura.

— Isso é tudo o que posso lhe oferecer.

Eu esperava mais dele. Sempre. Essa era a questão. Queria que Rick me dissesse

que queria casar-se comigo. Caso precisasse de algum tempo, tudo bem.

Claro que Jane achou que eu vinha alimentando muita expectativa. Desde que ela se ligou a Steve, deixei de vê-la com frequência.

Sentada no canto do sofá dela, eu penteava com os dedos a franja de uma das almofadas.

— Não há garantia alguma, querida.

— Lógico que existe. Chama-se anel de noivado.

— Por favor, Christelle! Se quiser, ele poderá enganá-la do mesmo jeito. Você também pode. Tanto é possível apaixonar-se por outro homem como pode decidir que não quer mais saber de Rick.,

— Duvido que isso venha a acontecer.

— Quem sabe? — Jane abriu os braços. — Você tem vinte e oito anos. Muita coisa pode acontecer. Ninguém é capaz de controlar o coração humano.

Pensei sobre o que Jane disse. Odiava o fato de ela estar certa. O amor, por sua própria natureza, não tem lógica. Teria sido muito mais fácil se eu conseguisse deixar de amar Rick.

— Em que você está pensando?

— Só gostaria de saber por que minha mente não manda em meu coração, — Exalei um suspiro. — Não gosto de me sentir assim.

— Assim como?

— Com raiva. Frustrada. Com medo de Rick ir sem mim, e com medo de ir com ele.

— Soquei a almofada. — Sou uma grande imbecil. Você iria, se fosse Steve?

— Eu iria para a Groenlândia com ele.

— Invejo você, Jane. Sempre assume riscos.

— Não, de jeito nenhum. Nunca fiz canoagem, nem escalei paredões de pedra ou saltei de pára-quedas.

— Não quis dizer riscos físicos, mas sim emocionais. Você se expõe. Em cada teste para uma nova peça, é uma nova exposição.

— Como atriz, tenho de fazer isso. Faz parte do ofício. Mas também aparece muita rejeição, sabe? — Ela pegou um cigarro. — Na verdade, nesta profissão, espera-se mais sucessos do que fracassos, e a realidade é outra.

— Entendo.

— Querida, sabe o que acho? Acho que você já tem pronta a resposta. — Jane lançou um perfeito anel de fumaça. — Faça o que sua alma mandar.

— E você? E minha família? E se eu não arrumar trabalho?

— E se você arrumar?

Não respondi. Peguei as cartas de taro da mesa.

— Espero que elas me digam o que devo fazer. Preciso de uma direção, Jane.

— As cartas não funcionam desse jeito. Elas podem dar-lhe apenas um vislumbre de seu futuro, mas não interferem. Ainda é dona de seu livre-arbítrio, Christelle. A não ser que acredite nessa coisa de predestinação, em que tudo o que fazemos já foi decidido para nós. Prefiro crer que ainda controlamos nossas vidas.

— Esse é meu problema. Acho que estou esperando que alguém interfira em

minha vida e a controle.

CAPÍTULO XXXIII

A LUA, LÂMINA INVERTIDA

Tormentas estão previstas; paz alcançada a algum custo.

Por fim, contei para Jessie sobre o novo emprego de Rick. — O que isso significa para seu namoro?

— Rick pediu que eu mudasse para lá com ele.

— Para fazer o quê?

— Eu arranjaria um emprego. Há muito serviço de redação e edição em Seattle.

— Quanto tempo vocês viveriam lá?

— Nem imagino. Acho que depende de nossa adaptação. Na realidade, não conversamos sobre isso.

Jessie tomava café. No domingo de manhã, estávamos sentadas em sua cozinha. A luz do sol, fria e invernal, vazava pelas janelas, e o céu se mostrava bem claro. Ethan fora

jogar basquete, e minha irmã me convidara para tomar um desjejum reforçado.

— É um risco muito grande, ainda mais pelo fato de ele não ter se comprometido com você, Christelle.

Incomodou-me ouvi-la dizer o que eu já pensava.

— Claro que é um risco. Mas talvez eu deva assumir algum risco, alguma vez, não é?

Jessie se levantou e serviu mais café para nós. — É você quem sabe.

— Eu sei.

Calamo-nos por alguns minutos.

— Como sabe que Rick não tornará a enganá-la?

— Ele disse que não o fará.

O rumo da conversa me causava desconforto.

— Então, como estão as coisas com você?

— Ruins. — Jessie focalizou o conteúdo de sua xícara. Depois, fitou meus olhos.

— Você não vai acreditar. Comecei a fazer psicoterapia.

— Por quê?

— Primeiro, achei que me ajudaria a enfrentar melhor a questão do aborto. Mas não é só isso. Sinto-me perdida. Nada anda de acordo com meus planos! — Forçou um sorriso. — E você me conhece. Não consigo lidar com isso.

Confortei minha irmã com a mão em seu braço.

— Acho que é uma excelente ideia, Jessie. Só poderá ajudar.

— Ethan diz a mesma coisa. — Ela espetou um morango com o garfo. — Cheguei a achar que meu marido vinha tendo um caso, meses atrás.

— O quê? — Engasguei.

— Pois é, é inacreditável, mas algo parecia estranho nele.

— Vocês falaram a respeito? — Apanhei um morango também.

— Sem dúvida. Fiz-lhe uma pergunta direta, em nossa festa de fim de ano.

— E o que Ethan disse?

— Ele jurou que nunca olhou para outra mulher desde que me conheceu. — Jessie meneou a cabeça, sorridente. — O que é uma bobagem. No Natal, você viu como ele olhou para aquela ninfeta, companheira de quarto de Melissa? Mas eu sei que nunca me trairia. — Girou a aliança no dedo. — Gosto de saber disso.

Abri minha boca para falar, mas, no mesmo instante, decidi mantê-la bem fechada.

CAPÍTULO XXXIV

A FORÇA, LÂMINA INVERTIDA

Abuso de poder, discórdia.

Na terça-feira de manhã, Rick partiu de carro para Seattle, com planos de chegar lá em quatro dias. Ele divulgou sua viagem num site de caronas e arrumou um rapaz de dezenove anos para dividir a despesa com a gasolina.

— Você vai passar quatro dias com um estranho completo? — perguntei-lhe.

— Por que não? Assim a viagem parecerá mais rápida.

Na segunda à noite, ele veio a minha casa depois de carregar a mobília e as caixas de equipamentos de informática num reboque alugado.

Não consegui pegar no sono até depois das três da manhã. Fiquei deitada pensando se seria a última vez que escutava a respiração dele. Se seria a última vez que sentia o calor de suas costas em minha pele. Não era uma situação feliz.

No entanto, na manhã seguinte, quando Rick partiu, eu não chorei. Senti apenas um vazio, privado de sentimentos.

No trabalho, foi como se eu ligasse o piloto automático. Sorri para todos e li meus e-mails.

Quando Bobby chegou, parou para conversar comigo. Ele sabia que Rick tinha ido embora naquela manhã.

— Como você está?

— Viva e sozinha.

— Vocês não voltarão a se ver?

— Sim, Bobby, mas quanto isso pode durar? Até Rick conhecer uma garota qualquer de Seattle. Aí, vai me chutar para escanteio. Mais uma vez.

— Achei que você o tivesse perdoado.

— E perdoei.

— Não parece.

— Perdoei, sim. Mas há uma diferença entre perdoar e esquecer. Sejam realistas, as pessoas não mudam. Se ele fez isso antes, tornará a fazer.

— Mesmo se ele garante para você que não.

— Se Rick sentisse isso de verdade, se tivesse certeza, se casaria comigo.

— Ainda bem que você não é gay, Christelle. Nunca teria sucesso.

— Como assim?

— Quão honesto quer que seja o ser humano?

— Tudo bem, fale com sinceridade. — Respirei fundo. — Continue.

— Ok. Eis meu ponto de vista. A garota conhece um rapaz, fica com ele, depois o perde. A garota volta a ficar com o rapaz. O rapaz quer a garota, pede para ela mudar-se com ele. A garota diz "Cai fora!".

— É um pouco mais complicado do que isso.

— Acho que não. Rick não quer casar. E daí? Será que o casamento tem de ser o objetivo máximo de todo relacionamento?

— Se você for honesto, a resposta é sim. — Notei a expressão de Bobby. — Eu sei, você acha que sou muito maçante e conservadora. Mas eu quero casar! Não há nada de errado com isso.

— Quer dizer que se casaria com qualquer um? Independente de amá-lo ou não?

— Não, de jeito nenhum. Mas quero encontrar alguém que eu ame e que deseje o mesmo que eu. — Esbocei um leve sorriso. — Parece tão fácil quando se diz, não? Então, por que é tão difícil?

Imaginei que meu dia não poderia ficar pior, mas ficou. Às dez horas, mais ou menos, o telefone tocou. Era Petra mais uma vez. Meu Deus, o que ela queria agora? Atendi.

— Christelle, tenho um assunto para tratar com você. Já.

— Está bem. Estou indo.

Empurrei para trás minha cadeira, levantei-me e comecei a caminhar pelo corredor. Um certo movimento chamou minha atenção. Era Bobby, de pé em seu cubículo. Cabisbaixo, vestia seu casaco de couro.

— Aonde você vai? — eu quis saber. Ele ergueu o rosto, e então entendi tudo.

— Ah, não! O que houve?

— Alguém me delatou. Petra acabou de me despachar. Rory, um dos guardas da segurança, se aproximou e parou diante de nós, calado.

— Algum problema, Rory? — indaguei. Ele continuou mudo. Aí, compreendi.

— Acha que você irá roubar segredos valiosos da empresa ou algo assim, Bobby?

— Sossegue, Christy — pediu ele, desprendendo fotos suas da parede da saleta e empilhando livros numa caixa. — É assim que as coisas funcionam.

— Isso não está certo! Você é melhor redator que temos! E meu melhor amigo aqui, gostaria de dizer.

Ele parou de empacotar seus pertences e pôs as mãos sobre meus ombros.

— Eu tinha a perfeita noção do risco que corria. — Bobby abriu a gaveta de sua escrivaninha e tirou um punhado de canetas, mostrando-as para Rory. — Trouxe de minha casa, eu juro!

O escritório parecia estranhamente silencioso. Sabia que as pessoas estavam sentadas em suas mesas, com os dedos sobre os teclados, esforçando-se para escutar cada palavra.

— Vou considerar isso como um sacrifício por minha arte.

— Escute, podemos tentar algo. Você é um funcionário importante. Talvez Petra entenda.

Droga! Petra! Eu já devia estar na sala dela. Bobby abotoou o casaco e pegou sua caixa.

— Não perca seu tempo com ela, Christy. Por mim, está tudo em ordem. — Baixou a voz: — Se eu não for embora agora, vou começar a chorar, e não quero que isso aconteça.

Entende?

Assenti, e meu amigo abriu um grande sorriso.

— Eu ligo para você — disse Bobby, sem muita convicção. Então, virou-se para

Rory. — Podemos ir?

Tomei fôlego e corri para o escritório de Petra. Encontrei-a ao telefone, mas mesmo assim olhou irritada para seu relógio quando entrei.

— Aconteceu alguma coisa, Christelle?

— Eu conversava com o Bobby.

— Interessante. Era sobre ele mesmo que eu queria falar. Sabia que Bobby infringiu o contrato de trabalho, prestando serviços para uma de nossas maiores concorrentes?

— Se eu sabia? — murmurei, encarando-a.

Será que Bobby lhe dissera? Duvidava nisso. Mas não era o momento de analisar essa questão.

— Não, não sabia. Soube só agora, depois que ele me contou o motivo de seu desligamento da empresa.

Mantive as mãos sobre o colo. Jane tinha me dito que era uma revelação fatal tocar o rosto ou esfregar os olhos depois que você falava uma mentira.

Pregue os olhos quanto você quiser, garota, eu não vou me entregar!, refleti.

— Claro — disse ela, por fim.

A diretora apanhou um pedaço de papel e passou-o para mim. Era um memorando:

Elaine Jurasek assumirá o cargo de Bobby como redatora sénior. Vamos contratar outra pessoa para o cargo de redatora júnior em breve.

Elaine? Meu Deus do céu! Ela desconhecia as regras gramaticais mais básicas. Para me preservar, entretanto, nada comentei.

— Tudo bem. Mais alguma coisa, Petra? Tenho de cuidar do boletim.

— Pode ir.

Voltei para meu cubículo. Sabia que Elaine estaria louca de vontade de saber o que acontecera, e não tive de esperar muito. Ela parou diante de minha mesa, sob o pretexto de verificar a redação de um artigo.

— Você soube de Bobby, Christelle?

Soltei um resmungo afirmativo. Os olhos dela estavam dilatados e muito azuis. Lentes de contato, decerto.

— Dá pra acreditar? Suspeitei que ele trabalhava para a concorrência, mas achei que você soubesse.

Será que Elaine achava mesmo que eu era uma idiota?

— Não, eu não sabia. É difícil crer que Bobby tenha se arriscado tanto. — Ao menos essa parte era verdade. — Você deve estar feliz, agora que conseguiu o cargo dele, não? Há males que vêm para bem, não concorda? Sorri e pisquei para ela.

— O quê? — Elaine denotou incredulidade. — Nada disso, engano seu. Sinto-me muito mal com toda a história. — Jogou os cabelos para trás dos ombros. — Você também deve estar se sentindo assim, não?

— Um pouco — menti, dirigindo minha atenção para o computador. — Tenho de terminar isto aqui.

Elaine se afastou segundos depois.

CAPÍTULO XXXV

O JULGAMENTO

Um despertar, mudança de posição, renovação

As semanas seguintes se arrastaram. Eu ia para o trabalho, voltava para casa e me distraía com qualquer coisa que passasse na tevê.

Bobby tinha ligado. Estava procurando emprego e usando o tempo livre para aprimorar seu roteiro. Disse-lhe que esperava pela inclusão de uma personagem arrivista chamada Elaine...

Como prometera, Rick me ligava quase todas as noites. Afirmou gostar do novo trabalho, seus companheiros eram "gente boa", e ele começava a se familiarizar com a cidade.

— E a chuva?

— É úmido. Mas nem de perto Seattle é tão fria como Chicago. Você vai gostar, Christelle. Quando virá? No próximo fim de semana?

— Não posso. Meus pais vêm para cá.

— Para quê?

— Pretendem passar o fim de semana na casa de Jessie e Ethan.

— Algum motivo especial?

— Não. Acho que é mais para dar uma força para Jessie.

— Como está ela?

— Tudo bem, acho. A terapia ajuda muito, segundo minha irmã.

— E Ethan?

— Não sei. Vou vê-lo no próximo sábado. Jantarei lá.

Ao desligar, sentia-me um tanto aborrecida. Que diferença minha família fazia para Rick? Claro que ele tinha de trabalhar, mas será que não poderia ter ficado em Chicago e procurado colocação aqui? Agora ele quer que eu vá para Seattle para vê-lo...

No fim de semana, falei com minha mãe e Jessie sobre isso.

— Rick quer que o visite — afirmou minha mãe. — Com certeza, ainda gosta de você. Embora eu não saiba como os dois lidariam com a questão da distância.

— Lógico que quer que eu vá visitá-lo. Por que não? Gasto dinheiro, compro uma passagem, vôo para lá, depois volto para cá e sinto a falta dele mais ainda.

— Mas será que não é bom ver Rick? — Bonnie parecia confusa.

— Não se Christelle estiver querendo terminar o namoro — interveio Jessie. — Ver Rick agora só adiará o inevitável, certo?

Eu estava perto do fogão, mexendo o molho de tomate. Apontei a colher de pau para minha irmã.

— Isso mesmo.

— Por que não quer mais ficar com ele, filha? Vocês acabaram de reatar o relacionamento. Você não o ama mais?

— Isso não é suficiente, mamãe.

- A ausência faz o coração ficar mais apaixonado.
- Longe dos olhos, longe do coração — contrapuso.
- Não compreendo. — Mamãe balançou a cabeça. — As coisas eram mais fáceis em minha época. A gente conhecia um homem, se apaixonava, casava, tinha filhos. Bonnie olhou para Jessie e logo se arrependeu das últimas palavras.
- Desculpe-me, amor.
- Tudo bem, mamãe. — Jessie alcançou a garrafa de vinho e encheu outra taça.
- Casar, engravidar, ter um filho. Qualquer idiota pode fazer isso. Meninas de catorze anos, inclusive. Até de doze.
- Bonnie tentou abraçar Jessie, mas ela não permitiu. Ethan entrou.
- Nossa, o molho está com um cheiro ótimo! — Meu cunhado olhou para nós. Jessie se mantinha de costas para ele.
- Algum problema? — quis saber. Mamãe chorava.
- Com licença. — E Bonnie saiu às pressas dali. Ethan me analisou, acercou-se de Jessie, enlaçou-a pela cintura e beijou-lhe a nuca.
- Tudo bem, minha querida?
- Minha irmã fez que não. Ele a virou para si. Pude ver que ela também chorava.
- Calma, meu anjo. Eu estou aqui — consolou-a Ethan. Fiquei imóvel, testemunhando a dor do casal. Larguei a colher e, na ponta dos pés, dirigi-me para o salão, onde meu pai assistia a uma partida de basquete.
- O que houve com Ethan? Pedi para que me trouxesse uma cerveja — queixou-se Harry.
- Ele está na cozinha, cuidando de Jessie. — Fiquei atrás de papai, com as mãos sobre o encosto do sofá.
- O que houve?
- Mamãe deixou escapar algo. Foi sem querer. Ela não passou por aqui?
- Faz um minuto.
- Procurei-a na sala de visitas e de jantar, mas as duas estavam vazias. Abri a porta da frente.
- Avistei Bonnie parada na calçada, fitando o vazio. Tornei a entrar, peguei nossos casacos no cabideiro do vestíbulo e me aproximei de minha mãe.
- Você esqueceu seu agasalho — disse, estendendo-o para ela. — É melhor não se resfriar.
- Não posso acreditar no que eu disse. As mães sempre têm a obrigação de dizer a coisa certa.
- Isso não é verdade. Somos seres humanos. — Posicionei meu braço em torno de Bonnie.
- Ela pareceu menor do que o habitual.
- Queria tanto ajudar a Jessie, Christelle! Não há nada pior do que ver uma filha sofrer e não ser capaz de tomar uma atitude.
- Chutei um torrão de neve.
- Sim. Eu esqueci que nós ainda somos suas crianças. Quando acaba a licença-maternidade?

— Nunca. — Mamãe sorriu.

Começamos a andar pela calçada. Um casal de minha idade passou por nós, com um filhote de golden retriever puxando a guia com a boca. Eu e mamãe achamos graça.

— Mãe, Rick pediu para que eu mudasse para Seattle.

— Essa parte você não me contou.

— Sabia que não iria aprovar...

— Significa que os dois iriam viver juntos?

— Sim, essa é a ideia. Mas sei que é uma loucura. Eu teria de arrumar um emprego lá, mudar todas as minhas coisas, e não conheço ninguém em Seattle, exceto Rick. Teria de ficar muito longe daqui.

— O que de pior poderia acontecer?

— Não é óbvio? Mudo-me para Seattle, arrumo um novo trabalho e depois nós terminamos. E eu fico presa lá.

— Sempre poderá voltar para a casa de seus pais, Christelle. — Bonnie me encarou, pensativa. — Acho que nunca

lhe disse isso, mas de minhas três filhas você é a que mais se parece comigo.

— Como assim?

— Jessie sempre teve projetos próprios. E sua irmã caçula... bem, Missy costuma pôr os pés pelas mãos, e só depois pensa no que fez. Você toma mais cuidado com as coisas.

— Não é essa a função da filha do meio? A mediadora...

— Ah, amor, você é muito mais do que isso! É uma moça linda, inteligente e talentosa. Pode fazer o que quiser, não percebe?

Senti as lágrimas brotarem.

— O que foi? — Mamãe se afligiu.

— Por que nunca me falou isso antes, mãe?

— Nunca falei?

— Não sei... Creio que você sempre se preocupou mais com Melissa e Jessie. — Engoli em seco. — Às vezes, sinto-me posta de lado.

— Christelle! — Bonnie me abraçou forte. — Perdão. Mas, se isso de fato aconteceu, foi porque nunca tive de me preocupar muito com você. Posso começar agora. Quer?

— Sim. Ou não. Apenas lembre-me, às vezes, de algumas daquelas coisas que você me falou. — Sorri e enxuguei os olhos. — Ora, ora, estou meio nervosa...

— Não tem do que se desculpar, anjinho. Fiquei tão aflita por Jessie que me esqueci de perguntar sobre sua vida.

— Mas ela precisa de você agora. Na verdade, Jessie está precisando de todos nós.

— Sim, mas isso não significa que você também não precise de mim. — Bonnie deslizou seu braço em torno de minha cintura. — Tentarei ser uma mãe melhor.

— Você já é maravilhosa. Todas as minhas amigas sentem inveja de mim. Jane quer que a adote, sabia?

— Tudo bem, mas ela terá de parar de fumar. Nenhuma filha minha fuma!

— Está certo, mãezinha. — Eu ri, mais tranquila.

— Vamos voltar?

— Sim.

Caminhamos caladas por alguns instantes.

— Sinto-me culpada deixando Jessie — confessei.

— Sabe, mesmo quando você era pequena, esforçava-se muito para fazer tudo certo. Nunca quis desapontar a mim ou a quem quer que fosse. No entanto, também tem de pensar em você e no que quer, Christelle.

— Não seria egoísmo? Mamãe suspirou.

— Entenda que só se você for feliz poderá fazer os outros felizes. — Olhando para mim, ela continuou: — Não estou dizendo que ficarei muito contente se você e Rick forem morar juntos. Ainda acho que é algo incorreto. Mas não creio que deva basear suas decisões nos desejos dos outros, filha. Deve fazer o que quer, desde que não seja ilegal, nem prejudique ninguém.

— Não sei o que quero, eis o problema.

— Aposto que sabe. — Minha mãe sorriu.

Permaneci em silêncio.

Abri a porta da casa para Bonnie entrar. Jessie, Ethan e Harry assistiam ao jogo na tevê.

Papai ocupava sua poltrona, enquanto Jessie e Ethan escolheram o sofá. Todos se viraram quando mamãe e eu entramos.

Bonnie se aproximou de Jessie e a abraçou por trás, cochichando algo em seu ouvido. Jessie assentiu. Depois que minha mãe se afastou em direção à cozinha, vi Ethan trocar um olhar com minha irmã, que sorriu-lhe.

— Está tudo bem — balbuciou Jessie.

Ethan concordou. Observei-os por um instante. Pareciam bem. Sabia que os dois se amavam. Talvez isso fosse o suficiente.

Consultei meu relógio. Eram quase quatro horas da tarde em Seattle.

— Posso usar o telefone? Esqueci meu celular.

— Vá em frente! Disquei, e Rick atendeu.

— Achei que você estivesse na casa de Jessie e Ethan, hoje.

— De fato estou. Estive pensando... Será que aquela sua oferta ainda está de pé?

— E quanto à chuva? E quanto a achar um emprego aqui? E quanto a deixar Chicago? — O danado resolveu me provocar.

— E quanto a você?

Ele ficou quieto. Tomei fôlego.

— Então, Rick?

Pude ouvir ruídos no fundo.

— Estou fazendo uma limpeza enquanto falamos. Preparando minha casa para sua chegada.

— Não estou preocupada com isso.

— Se você visse o estado de meu apartamento, aposto que se preocuparia, sim.

— Nosso apartamento.

— Certo. Nosso. Isso soou bem. Gostei. Christelle, você gostará daqui. Há muitas coisas que quero lhe mostrar. Descobri um ótimo restaurante tailandês.

Pude sentir meu coração bater mais forte: nervosismo, esperança, excitação. E também muito medo.

— Posso lhe fazer uma pergunta estranha?

— Tão estranha quanto você quiser.

— Gosta de calcinha fio-dental?

— Em você ou em geral?

— Sei lá. Nos dois casos.

— Não sei. Creio que sim. Mas o que eu prefiro mesmo são aquelas tangas brancas.

Lembrei-me de minha gaveta de roupas íntimas, repleta de calcinhas de todas as cores, estilos e variedades. Sorri.

— Está falando sério?

— Lógico! As tangas brancas são minhas favoritas. Abri o zíper de meu jeans e fiz uma verificação. Jane chamaria isso de um bom sinal. Eu também.